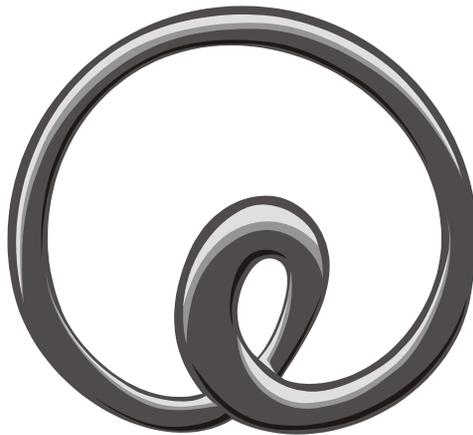


*A PSICANÁLISE, **NOVAMENTE***

MD Magno

*A PSICANÁLISE, **NOVamente***
Um Pensamento Para o Século II da Era Freudiana

*Conferências Introdutórias
à Nova Psicanálise (1999)*



NOVamente
editora

NOVAMENTE

editora

é uma editora da

UNIVERSIDADE DE DEUS

Presidente

Rosane Araujo

Diretor

Aristides Alonso

Copyright 2004 © MD Magno

Preparação do texto

Potiguara Mendes da Silveira Jr.
Nelma Medeiros

Editoração Eletrônica e Produção Gráfica
Amaury Fernandes

Editado por

Rosane Araujo
Aristides Alonso

M176p

Magno, M.D. 1938 -

A psicanálise, novamente: um pensamento para o Século II da era freudiana : conferências introdutórias à Nova Psicanálise (1999) / M. D. Magno ; preparação de texto: Potiguara Mendes da Silveira Jr., Nelma Medeiros. – Rio de Janeiro : Novamente, 2004.

192 p ; 16 x 23 cm.

ISBN 85-87727-10-9

1. Psicanálise - Discursos, ensaios, conferências. I. Silveira Junior, Potiguara Mendes da. II. Medeiros, Nelma. III. Título.

CDD-150.195

Direitos de edição reservados à:

UNIVERSIDADE DE DEUS

Rua Sericita, 391 - Jacarepaguá
22763-260 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Telefax: (55 21) 24453177 / 24455980
www.novamente.org.br

*Em vez de falar gravemente de coisas leves,
falar com leveza de coisas graves.*

TALLEYRAND

DEDICATÓRIA:

Para Rosane,
que não deixa cair a peteca.

AGRADECIMENTO:

A Annita, Aristides, Nelma e Poti
que seguram a barra.

Sumário

1. INTRODUÇÃO À NOVamente

NOVamente: revigoramento do pensamento freudiano – Jacques Lacan como momento de recomposição da psicanálise – Metáforas de progressividade do pensamento: tonalidade e atonalidade na música; tectonia e atectonia em arquitetura – Base conceitual da NOVamente: pulsão, ALEI (Haver quer não-Haver) e princípio de catoptria.

10

2. REVIRÃO

Estatuto do impossível n’ALEI Haver quer não-Haver – Compatibilidade do conceito freudiano de pulsão com o princípio de catoptria – Princípio de Idioformação como versão forte do *princípio antrópico* – Revirão qualifica a Idioformação em sua vontade de transcendência – Hiperdeterminação é condição de criação – Estatuto da psicanálise é místico.

34

3. A contrabanda

Esclarecimentos sobre utilização da topologia em psicanálise – Características da geometria euclidiana – Características da topologia – Propriedades da banda bilátera – Propriedades da banda de Moebius ou *contrabanda* – Banda de Moebius resulta de operação topológica sobre o *plano projetivo* – Proposição da contrabanda como estrutura básica do psiquismo – Operação do Revirão a partir da contrabanda – Impossibilidade absoluta, impossibilidade modal e proibição a partir da lógica do Revirão.

52

4. Recalque

Apresentação do conceito freudiano de recalque – Recomposição do conceito de recalque originário como *quebra de simetria* – Modalização do Haver: formações primárias, formações secundárias e formação originária – Modalização do recalque originário: recalque primário (autossoma e etossoma) e recalque secundário – Poder como agonística entre formações recalcentes e recalçadas.

77

5. Poder de cura e avatares do falicismo

Poder de cura é uma questão de *ana-lise* das formações – Suspensão do sintoma depende de experiência de hiperdeterminação – Exigência de análise perene da própria psicanálise – Crítica à pregnância sintomática do conceito de falo em Freud e Lacan – Falicismo é compatível com a ordem neolítica da cultura.

98

6. O sexo e a morte

Apresentação da questão da sexualidade em Freud – Entendimento lacaniano da diferença sexual a partir da lógica do falo – Redução da lógica do falo à ordem sintomática – Entendimento de toda binariedade a partir da lógica do Revirão – Reescritura das lógicas da sexuação: sexo desistente, resistente, consistente e inconsistente.

115

7. Os cinco impérios

Desenvolvimento das lógicas da sexuação com consideração dos estilos – Articulação das modalidades de gozo com as formações (primárias, secundárias, originária) – Primário, Secundário e Originário são referências para o périplo cultural – *Creodo antrópico* como entendimento da dinâmica da cultura – Os Cinco Impérios: Império d'AMÃE, d'OPAI, d'OFILHO, d'OESPÍRITO, do AMÉM.

140

8. Agonística das formações

Considerações sobre referenciais abstrativos e míticos em psicanálise – Mal-estar no Haver é o campo de operação analítica – Operação analítica como permanente

consideração do poder das formações – Juízo forclusivo é poder de suspensão de recalque e uso *ad hoc* das formações – Política é análise das formações.

161

SEMINÁRIO DE MD MAGNO

178

Nota

Este livro reúne o conjunto de oito conferências, para público heterogêneo e não especializado, proferidas durante o ano de 1999 no auditório da FINEP (Financiadora de Estudos e Pesquisas, do Ministério de Ciência e Tecnologia, do Brasil), na Praia do Flamengo, Rio de Janeiro, sob cujo patrocínio foram realizadas. Nelas o autor apresentava naquela ocasião um resumo de seu encaminhamento teórico no campo da Psicanálise. Este pequeno volume introduz aos aspectos mais gerais da teoria sem tratar todas as suas partes, e de modo algum pretende esgotá-la – mesmo porque embora seja o resultado de um trabalho de 25 anos de Seminários, ela resta um *work in progress* ainda em francos desenvolvimento e produção. O leitor interessado poderá recorrer à extensa lista de volumes que se encontra em *Anexo*, caso deseje acompanhar mais de perto e em seu movimento de criação todo o escopo desta teoria da Psicanálise. Ex-discípulo e analisando de Jacques Lacan, a partir de 1986 inicia o autor uma via própria de abordagem teórica e prática da Psicanálise, a partir de Freud e Lacan, levando adiante essas posturas teóricas, mas agora em conformidade com sua própria contemporaneidade.

Fim de Século? Fim de Milênio?
Globalização do Mundo? Crise dos Fundamentos?
Caos da Economia? Inadimplência da Educação?
Precariedade da Saúde? Irrisão do Moral?
Éticas sem Caução? Políticas Farsantes?
Teimosia da Fé? Esperança Deceptiva?
Caridade Suspeita? Justiça Contestável?
Estado Impotente? Mercado Cínico?
Ocidente Fracassado? Oriente Confundido?
Consciência Perplexa? Inconsciente Denegado?
Amor Desconfiado? Sexo Ameaçado?
Artes de Araque? Ciências Afoitas?
Filosofias Marotas? Tecnologia Desembestada?
Caracteres Furtacores? Amizades Lábeis?
Violência Generalizada? Carinhos Fingidos?
Hiperpopulação Explosiva? Princípios Hipócritas?
Fundamentalismos Paranóides? Reproduções Assexuadas?
etc.? etc.? etc.?

Tudo isso e tudo mais urge ser NOVAMENTE pensado. E aqui se aposta no RENASCIMENTO ora emergente da postura freudiana: como o pensamento adequado para o futuro imediato.

1

Introdução à NOVAMENTE

Começamos hoje esta série de conferências introdutórias sobre o que estamos chamando NOVAMENTE.

Todos sabemos que neste final de século há grandes questões a respeito da continuação de nossa espécie, de que tipo de vida viveremos daqui para a frente, e outras coisas mais ou menos difíceis de abordar. É o chamado fim-de-século, que vem junto com o fim do milênio e com a globalização do planeta. Grandes confusões, grandes aparências de acerto, muita gente perplexa, os costumes desbaratados. Ninguém sabe para que lado se virar, o que se há de fazer: as economias em crise; a sexualidade ameaçada, ao mesmo tempo que meio desvairada; as artes parecem um grande conjunto de araaques; as ciências não sabem se ainda são confiáveis ou mesmo se são científicas; e assim por diante. A idéia que eu gostaria de trazer é que, pelo menos com a indicação que podemos oferecer, existe um modo de ver, um tipo de pensamento que supõe ter condições de arcar com essas novas, ou aparentemente novas questões que estão emergindo em nossa época.

Fala-se demais em **crise dos fundamentos**, significando a crise de todas as idéias e estorinhas mais ou menos filosóficas, científicas, políticas, morais, etc., a que estávamos acostumados e que supostamente seriam fundamentadas em algo que universalmente podia ser reconhecido, fosse a idéia de Deus ou uma certeza de conhecimento absolutizada e universalizada por algum modo de positivação e comprovação. É claro que tal crise é antiga, mas hoje há grande

disseminação pelo mundo entre letrados e leigos de que esses tais fundamentos não vão lá muito bem das pernas, ou seja, de que na verdade não fundamentavam coisíssima alguma. Tínhamos que aplicar algum volume de fé, apostar, investir neles para que viessem previamente a garantir os comportamentos de conhecimento, de socialidade ou de crença mesmo. O que está acontecendo é que, apesar dos meios de comunicação, e mesmo de alguns ditos pensadores e professores insistirem em reconhecer fundamentos em algum tipo de afirmação – ética, por exemplo –, apesar disso, cada vez mais nos temos dado conta de que esse papo estava furado desde o seu começo. Não dá mais para acreditar na consequência esperável desses fundamentos.

Apesar de tudo, temos que viabilizar um encaminhamento qualquer para nosso futuro. Há muita gente fazendo o esforço de tentar pensar alguma indicação para os tempos que virão. Mas, como se fica muito apavorado porque não se encontra fundamento e, mesmo quando somos leigos, ouvimos falar que as coisas estão degringoladas, embora acreditemos nos fundamentos que nos apresentaram no passado – nem que seja por inércia cultural, por valores familiares, ou do pedaço onde habitamos –, na maioria dos casos, as pessoas estão fugindo para trás, retrogredindo, intensa e amplamente. Isto porque lá na frente parece não haver nada muito claro, a escuridão é muito grande. Não há luz no fim do túnel, ou mesmo não se tem túnel nenhum. Então, quem sabe, conseguiríamos retrogredir no tempo para quando se acreditava belamente nos fundamentos. Daí a explosão de recrudescências religiosas, pieguices e crenças. As pessoas não podem nem ser muito criticadas por isso, pois, coitadas, estão se agarrando ao que parece ainda subsistir, que é essa velharia que, mesmo não apresentando comprovação ou fundamentação capaz de suportar a situação, fazia parecer que os antigamentes eram algo fundamentado. É claro que essa fuga já deu o que tinha que dar. Dará talvez para as pessoas ainda sobreviverem durante algumas poucas décadas na esperança de que essas coisas funcionem. Ou pelo menos não explodindo pelas tabelas porque estão contidas por idéias mais ou menos configuradas e engastadas em suas mentes. A explosão parece ficar minimizada quando retrogressivamente nos apegamos a configurações que pareciam facilmente disponíveis e mais ou menos bem reconhecíveis...

Existe um pensamento que vai completar um século segundo minha datação: mesmo tendo escrito a *Interpretação dos Sonhos* um pouco antes, Freud fez questão de publicá-la com a data de 1900 como se estivesse inaugurando um tempo novo, embora o novo século só começasse mesmo no ano seguinte. Acompanhando esta orientação, dato a psicanálise de 1900, juntamente com essa publicação. Estamos, portanto, às beiras da entrada no segundo século da era freudiana. O pensamento ali inaugurado é o que quero chamar NOVAMENTE. Custamos a nos dar conta disto, mesmo porque a idéia embutida no ventre da psicanálise é de repercussões folclorizadas, banalizadas, às vezes mesmo por responsabilidade do modo de operação em vigor em sua produção inicial. Hoje, na parte ocidental do planeta, qualquer um sabe dizer que “Freud explica”: na verdade, nunca o vimos explicar nada, mas acham que ele explica... Quero, juntamente com tantos outros, considerar que, efetivamente, é um novo modo de pensar, uma nova mentalidade, uma nova mente que se inaugura com a psicanálise. Mesmo que a deterioração tenha comido pelas beiras seu vigor – e é normal que isto aconteça – trata-se de um pensamento radicalmente novo, com uma pujança tão original que as pessoas tinham dificuldade em considerá-lo desse modo. Puxavam um pouco para o lado da filosofia – quem sabe, é um pensamento filosófico? Para o lado da ciência – quem sabe, é uma ciência nova? Mas, na verdade, em termos de pensamento no Ocidente, a psicanálise é radicalmente outra coisa que não filosofia ou ciência. É algo pensável, já que Freud deu esse nome – do qual na verdade não gosto –, como... apenas Psicanálise. Estou francamente preferindo, para meu uso, substituir este nome pelo de NOVAMENTE: NOVAMENTE é o que Freud inaugurara com o nome de Psicanálise, o pensamento novo que começou há cerca de um século e vai entrar pelo segundo agora.

Entretanto, mesmo criando um novo modo de pensar – a filosofia, a ciência, etc., são modos de pensar –, seu conteúdo e maneira de expressar estão sempre compromissados com a época em que se toma a palavra. Não há como falar fora da disponibilidade metafórica de determinado momento. Fala-se talvez com dois ou três elementos de novidade, mas o grosso do discurso

acompanha sua época. Justamente, mesmo sendo um novo modo de pensar, é preciso que isso se renove com bastante frequência, pois, a cada momento que a prolação a respeito desse pensamento está comprometida com a circunstância conteudisticamente marcada pela época em que se está falando, pelo que já se disse e pelo que se quer introduzir de novo, tudo isso faz um lastro e um peso que dificultam a manutenção do vôo do pensamento. Por causa disso, torna-se necessário – não só porque se quer –, ao menor sinal de esgotamento de qualquer das formações desse pensamento, começar a pensar... novamente. Se não, ele perde sua força de expressão, sua eficácia e sua contundência de intervenção. E isto é uma coisa que acontece muito rápido nos dias de hoje.

A psicanálise é muito recente, neste momento em que falo, ela ainda não completou os cem aninhos inaugurais para deixar um pouco de ser ingênua em sua forma de expressão, embora seu pensamento seja muito vigoroso. O que é espantoso é que tenha feito grande sucesso ao mesmo tempo que enfrenta uma série de dificuldades de manutenção de seu status próprio, justo porque o movimento de acompanhamento do desenvolvimento dessas formações é coisa muito difícil. No caso da psicanálise, então, que está envolvida com seu próprio material de trabalho, essa dificuldade é, sobretudo, uma forte massa de neurose, um grande panorama de recalques, etc. Deslocar isto em seu próprio seio é extremamente difícil. E acontece uma coisa interessante com os modos de pensar que pretendem intervenção direta e imediata nas ocorrências do mundo, que é um certo retardo, e certo medo de mexer demais. Diante das experimentações num campo que toca diretamente a vida das pessoas sem um mínimo de segurança sobre sua eficácia momentânea, os operadores desse pensamento entram em certa lentidão, até mesmo por razões de recalque. Vejam, por exemplo, que mesmo que a idéia de ciência, seja qual for, tenha surgido como coisa radical, forte, vigorosa, nova, etc., o movimento de desenvolvimento das questões localizadas, conteudizadas, dentro desse pensamento científico é um pouco mais lento do que os movimentos no campo da **Arte**. Costumo achar que, no campo da produção artística, os produtores têm mais desenvoltura porque, mesmo que só aparentemente, digamos assim, imediatamente, na razão da inter-

venção direta, é mais inócuo. Uma experiência radical no campo artístico pode ser digerida em décadas sem talvez afetar diretamente um campo de operação. Não que a arte seja mais fácil, mas, no campo da arte, as coisas são mais fáceis de a gente se deixar levar por uma intuição, um processo de criação, por não nos sentirmos tão imediatamente responsáveis por intromissões desastrosas. Os artistas têm uma desenvoltura que não conseguimos ter em outros campos de pensamento. Seria um pouco desastroso repentinamente modificarmos inteiramente um aparelho científico nas intervenções tecnológicas que tem um aparelho psicanalítico ou mesmo filosófico no que possam ter de repercussões sociais e políticas, etc.

Apesar disso, podemos observar que a evolução das coisas nos campos do pensamento é da ordem de um abandono progressivo da fixação a formas assaz configuradas. Usando mal um verbo, talvez o artista vá se *libertando* de imposições formais e os aparelhos organizadores do pensamento artístico vão se tornando mais complexos, mais leves, mais rápidos, mais desconfigurados e permitindo uma possibilidade de movimento cada vez maior aos operadores. A psicanálise também tem esse movimento, embora, por ser muito nova, não tenhamos acompanhado muito bem seus procedimentos de desenvolvimento. Aqueles que quiserem se deter na leitura dos textos, dos acontecimentos teóricos e clínicos no campo da psicanálise, e mesmo culturais, talvez possam se dar conta do que estamos falando mediante comparação com outras áreas que têm movimentos parecidos. Se tomarmos a **música**, por exemplo, poderíamos dizer que, quando Freud tem a idéia de introduzir um modo de pensar radicalmente novo no Ocidente – e só é radicalmente novo naquilo em que é radicalmente novo, pois nem tudo que veio da psicanálise o é, muita coisa veio de cambalhada da filosofia, da ciência, etc. –, vai tentar organizar o campo falando com a linguagem e a disponibilidade de sua época, e também com o freio necessário a seu momento. Se olharmos para a Viena de seu tempo, veremos como os artistas e mesmo os filósofos estão inteiramente enlouquecidos, pois é uma cidade algo retrógrada do ponto de vista do pensamento e cheia de gênios e loucos. E Freud parecia estar perfeitamente paritário com esses pintores, escritores e

filósofos que lá desabrochavam nesse momento, mas, se observarmos o modo de produção de seu projeto de pensamento, veremos que é um pouco inibido pela impossibilidade de lidar com o psiquismo daquela época como se estivesse lidando com uma sonata romântica ou mesmo com todo o sistema tonal clássico, o que seria um pouco mais grave.

Podemos encontrar uma comparação para o modo de construção, por Freud, de sua então recente psicanálise, justamente na música tonal clássica. É aquele modo de composição dentro de uma estrutura auditiva constituída por tonalidades girando e obedecendo à ordem tonal que conhecemos desde Johan Sebastian Bach e que se encaminha assim até o romantismo. Ouçam essas músicas, depois ouçam outras que não são dessa mesma ordem e verão a diferença.

Durante muito tempo, no campo da psicanálise, vários autores disseram diversas coisas, conteudizaram teoremas, cada um apresentando sua região sintomática, às vezes com veemência. Via-se depois que podia ser uma tolice, apenas idiosincrasia de alguém motivado por sua própria análise e traduzindo **para menos** o que Freud nos trouxera com maior grandeza. Mas há movimentos progressivos também, com vários analistas teorizantes de talento. Cada qual colocando uma coisinha aqui, outra lá, às vezes sem muita perspectiva, sem escopo genérico, mas introduzindo elementos importantes. Vários nomes aparecem, mas talvez nenhum com esse vigor de compleição de revisão por inteiro do campo quanto **Jacques Lacan**, que, hojendia, infelizmente, já está banalizado demais, pelo menos no Brasil. Trata-se de um pensador potente num momento de alta efervescência na Europa, sobremodo em Paris, onde havia grande burburinho intelectual quanto a uma idéia chamada estruturalismo e quanto a outras coisas ao seu redor, mais ou menos a favor ou contra. Isto toma vulto ali pelo meio do século com grandes movimentos voluntariosos e explosivos no campo das artes, como o surrealismo, por exemplo, que muito influenciou na vida e na presença intelectual de Lacan. Vocês podem facilmente tomar conhecimento disso em muitos livros já publicados sobre o assunto.

Jacques Lacan consegue então recompor inteiramente o escopo da psicanálise num momento em que isto se fazia necessário, pois ela estava se

desintegrando. Não porque tivesse deteriorado, mas porque as mentes que trabalhavam com ela não caminhavam muito bem e já estavam, a essa altura, folclorizando e banalizando tudo. O esforço vigoroso de Lacan recompõe o quadro por inteiro e podemos dizer que foi capaz de fazer com que aquela psicanálise desse um passo mais ou menos parecido com o que, na música, questionou o sistema tonal clássico e passou a movimentá-lo de tal maneira que começou a ficar mais ou menos dissolvido, relativizado. É, por exemplo, o que acontece a partir de Wagner. Ouçam bem *Tristão e Isolda* por exemplo, comparativamente ao que é tonal antes de Wagner, e verão que o seu é um movimento de recomposição da compleição do aparelho fundamental com que se estatua a música na época. Ouvindo Lacan, não vão conseguir ler muito Wagner, pois quem faz mesmo isto é, confessadamente, Lévi-Strauss. Leiam sua obra e verão que ele se aboleta sobre Wagner e, com o estruturalismo lingüístico que orienta sua mente, quer pensar uma antropologia wagneriana, onde a relativização das estruturas deixa um pouco de lado, por modulações sucessivas, a organização básica da tonalidade musical. Lacan anda por aí, e Lévi-Strauss lhe serviu muito bem de base para desenvolver seu próprio sistema. Não percebemos muito a semelhança porque seu ouvido é mais parecido com um músico da época, que também borda ali por Viena, chamado Mahler, o qual é um wagneriano um pouco mais dissoluto (no sentido ótimo do termo) do que Wagner. Lacan, então, recompõe inteiramente o pensamento psicanalítico em torno de uma reestruturação que, comparativamente com a música, é como se fosse um grande passo no distanciamento da formalização modal e tonal que assegurava a estética anterior e que já tinha se tornado um hábito auditivo, ou seja, uma chatice para quem ouvira aquilo demais.

Sou do tempo em que, quando se falava de Lacan no Brasil, se era um tanto apedrejado. Hoje, já sou apedrejado por mim mesmo e Lacan já é uma figura palatável. Geralmente não se sabe muito bem o que ele pensa, mas como está na mídia, deve ser algo importante. Lacan fez então a grande reestruturação, deu um passo enorme para a psicanálise e para o pensamento em geral, uma vez que a psicanálise é um modo de pensar importante para o

mundo comparativamente com a filosofia, a ciência, etc. Mas acontece que ele é um pensador terminal, e disto as pessoas ainda não estão se dando conta com muita facilidade. Ele deu esse grande passo e com ele encerrou o século. Não porque tivesse que caber num século, mas porque lhe aconteceu fechar uma idéia que servia perfeitamente para finalizar o pensamento ocidental do século XX. Não há mais como sustentar uma visão estruturalista no mundo. Foi um golpe excelente. Os precursores são pessoas que fazem coisas geniais justamente porque aquilo vai acabar, vai perder seu vigor, mas, enquanto foi vigoroso, terá servido para enxugar um pouco alguns campos. Aquilo já foi feito, organizou o pensamento, deu o que tinha que dar, decantou-se, às vezes, até deteriorou-se. Pronto, já sabemos que aquilo não é mais para se fazer. É assim que funciona. Não há pensamento definitivo: para ninguém. Lacan é essa pessoa que tomou o sistema tonal clássico da psicanálise que Freud havia construído com idéias configuradas demais – Édipo, sexualidade infantil, etc. –, ainda que potentes para sua época, e tentou mostrar que eram organizações estruturais que ele talvez pudesse tornar científicas através de uma algebrização, uma matemização, precisa. Teve gente que acreditou nisto, ele inclusive, e mesmo Althusser, um dos pensadores mais importantes da filosofia na época. Mas, hoje, sabemos que não há como garantir cientificidade ou matematicidade alguma daquilo. É apenas uma metáfora, um modo de pensar vigoroso, que serviu para darmos passos e perguntar: daqui para a frente, o que há para fazer? Isto, como o próprio Lacan pedira que se fizesse quando tenta definir a psicanálise como sendo a pergunta “O que é a psicanálise?” É preciso sustentar esse vôo.

As pessoas envolvidas com o trabalho psicanalítico – que não é mero tratamento terapêutico de consultório, e sim um modo de pensar: uma re-visão, uma re-escopização da cultura por inteiro (cultura entendida como modo de viver de nossa espécie) – têm tido saídas para seu final de século tão tristonhas quanto as das outras áreas de que eu falava há pouco, que são as saídas mais gerais das pessoas. Ou ficam repetindo a mesma coisa, porque dá a impressão de que aquilo é fundamental. Ou correm para trás, procuram coisas mais antigas que estão desgastadas e pericidas – vai-se rezar para o deus Édipo, por

exemplo – e tentam lhes dar um tónus novo. Ou fazem o que é o mais difícil e mais perigoso, que é pensar: Será que isso não está superado e devemos saltar para a frente? Ou seja, quem é o Schoenberg desse Lacan e desse Freud (se continuarmos a comparação musical que vínhamos colocando)? Quem vai tentar um atonalismo mesmo e, de uma vez por todas, sair da prisão configurada que a psicanálise teve até hoje – e partir para uma visão comparável com a relação que há entre a música de Schoenberg, a de Wagner e, para trás, a música tonal clássica, seja de Bach ou de um romântico qualquer? Eu até diria que a constituição freudiana é bem parecida com os músicos românticos, mais para Beethoven do que outra coisa.

A **Nova Mente** que surgiu há um século com Freud, é preciso que ela venha NOVAMENTE à tona. É preciso re-entoná-la NOVAMENTE para que tenha algum futuro. Não porque mereça ter futuro – de repente, serve para o lixo: bota-se no lixo e passa-se adiante –, e sim porque pode ser um pensamento vigoroso, com muita serventia, que tem apenas cem anos e não está rendendo o que deveria na ordem bancária dos pensamentos, por estar talvez mal aplicado, por estar com a sua moeda em péssima cotação, se não estiver mesmo podre. Precisamos mudar a cotação do Freud depois de ter sido mudada para a cotação do Lacan – e passar a outra cotação qualquer capaz de reentonar o seu valor. Isto para, afinal de contas, vermos se essa economia continua funcionando com alguma serventia para o mundo. A proposição extremamente pretensiosa que se faz aqui é esta: tentar o atonalismo psicanalítico, um outro modo de investimento. Nem diria que queremos fazer música à la Schoenberg, pois prefiro Webern, que me parece mais conciso e mais preciso, embora tenha herdado de Schoenberg a transformação da música wagneriana em verdadeira atonalidade.

Se quiserem outro tipo de comparação quanto ao que é necessário fazer hoje, podemos pensar nas artes plásticas, sobretudo no que diz respeito às grandes construções – como a **arquitetura**. Digamos que há uma arquitetura clássica – no sentido mais genérico, pois não estou falando do classicismo histórico – fundamentada na boa forma, na visibilidade da forma, que se parece muito com a arquitetura do Édipo em Freud. Aquela coisa toda construída direitinho:

papai, mamãe, neném – neném quer mamãe, papai não deixa, então... Foi uma anedota interessante, deu para pensar as coisas através dela, mas é claro que não é bem assim que a coisa funciona. Do mesmo modo a famigerada interdição do incesto, de Lévi-Strauss, que é uma bobagem, muito menos é universal e talvez não seja capaz de estruturar ordem de parentesco nenhuma. Mas foi bom acreditar nisto por um tempo, porque deu-se uma organizada e deu para se fazer uma lente para ler melhor e ver que não era bem assim. Frequentemente, grandes idéias na história do pensamento servem para vermos o que não é – e ficarmos livres de uma trave que só estava empatando nossa vida. O Édipo freudiano é bem parecido com uma catedral, com sua grande configuração com todas as suas sapatas completamente assentadas sobre o chão. Se a inclinarmos um pouquinho, ela cai, ela se escombra, pois está subdita a uma força e a uma ordem tectônicas – daí, *archi-tectura*: ficar sentado numa verticalidade sobre a terra – relativas à ordem mesma da força gravitacional. Quando chega Lacan com as histórias de *Nome do Pai*, *Matema*, *Sujeito Barrado*, etc., isto é muitíssimo interessante e abstrante e a partir daí não dá mais para se pensar em Édipo, y *otras cositas más*, com a pobreza dessa estrutura. Édipo é uma anedota muito frágil para dar conta da complexidade que, notou-se só-depois, era maior e mais abstrata no psiquismo.

Lacan começa, então, a produzir uma descentralização que é parecida com uma revolução na arquitetura que modificasse a ordem da fachada em relação à lateralidade, onde a composição dos espaços não tivesse mais que obedecer a configuração de olhos e boca da fachada clássica – mas, mesmo assim, continua tectônico: tem que ficar de pé virado para baixo, se não, cai. Tudo é feito numa relação de mudança e abstração das formas, mas ainda na manutenção da vocação tectônica de verticalidade sobre a terra porque dependente da força gravitacional. Arquiteto daqui de baixo, daqui do planeta, não pensa sem o geocentrismo da força da gravidade. Assim, com Lacan, já se abstrai, já se muda a fachada para dois, três lados, já se entra por trás, pela frente, por cima, por baixo. É a tal arquitetura genericamente chamada moderna. Mas, uma vez que isto já não funciona para explicar a complexidade, a loucura, que

está recrudescendo no final do século – e que precisa ser reorganizada –, essa arquitetura, esse lacanismo e esse freudismo já não servem mais de arquitetura. Estamos passando por um momento em que a arquitetura já começa a ser atectônica. Ou seja, qual é o lado de baixo? Não se sabe. Qualquer lado serve. Para que lado sentamos? Para falar em língua vulgar de todos os dias: onde fica nossa bunda? Basta olharmos o que se passa numa nave interplanetária. Uma vez, então, que se começa a agir para além da configuração e do empuxo terráqueo da força gravitacional, há que pensar que qualquer lado é lado e que não se tem mais tectonia.

Os movimentos da cultura, a velocidade da tecnologia, dos meios de comunicação, da internet, de tudo que está acontecendo por aí, e o desvigoramento das idéias supostamente fundamentadas pelo mundo estão fazendo da nossa cabeça uma nave atectônica. Qualquer lado serve para chão. Onde me assento? Onde quiser. No teto, por exemplo. Na ordem de movimentação do pensamento como está ocorrendo agora, qualquer lado é lado. Então, não sei por que a psicanálise ainda continuaria tectônica, mesmo que fosse com o vigor maravilhoso do pensamento de Lacan. É preciso retomá-la e apresentá-la em sua atectonia capaz de lidar com o desarvoramento dos fundamentos e do chão. Acabou o chão. É preciso fazer uma psicanálise atonal, atectônica. Para isso, uma reformatação da mesma idéia, do mesmo vigor de pensamento, tem que ser feita, mas que seja compatível com a situação presente e para além do que se conseguiu até agora. Precisamos rever todos os conceitos e modos de operação dessa tal psicanálise. Vimos trabalhando nisso há anos e nosso objetivo aqui é resumir o que conseguimos até agora.

É preciso repensar o que é mais vigoroso como chave, como conceito fundamental supostamente capaz de fundamentar o resto no grande aparelho que se chamou psicanálise. Terá ele fundamento? Não faço a menor idéia. O que a psicanálise trouxe indica para um ponto essencial que é a chave de todo seu processamento e que é certamente o único fundamento que ela pode oferecer, seja ele fundamental ou não. Não se está dizendo que esse fundamento é comprovável em qualquer ponto, e sim que é a **aposta** que o pensamento

psicanalítico fez. Ou seja, quais são os conceitos básicos que fundamentam a psicanálise? No quê a psicanálise se fundamenta para existir e oferecer ao mundo um modo de pensar e até mesmo ter a pretensão de dizer que oferece um modo de tratamento que melhora a vida da gente? Freud apresentou uma quantidade enorme de conceitos, opiniões, configurações, aparelhos de pensamento. Tudo parecendo fundamentar a psicanálise até com a pretensão de ser científica, coisa que jamais ela foi. Lacan, depois de ler o Freud por inteiro e submetê-lo ao crivo de suas idéias novas, chegou à conclusão de que havia quatro conceitos fundadores da psicanálise, que embutiu e desenvolveu em seu Seminário de 64, intitulado justamente *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, que tive a oportunidade de traduzir para o brasileiro. Esses conceitos seriam: o Inconsciente, a Repetição, a Transferência e a Pulsão.

A idéia de que há um *Inconsciente*, as pessoas não sabem muito bem do que se trata, pois o folclore já o confundiu com coisas de que não temos consciência no momento. A *Repetição* se refere ao movimento do psiquismo em verdadeiro eterno retorno, como diria Nietzsche, obrigando a certas posições compulsórias, se não compulsivas, enquanto resultantes de uma tendência repetitiva. A *Transferência* é aquela transa meio amorosa meio odienta que Freud descobriu entre o analista e seu analisando. Ele achava que era impossível uma análise sem essa transa – às vezes, em todos os sentidos, como no caso de Lacan – que possibilita e atrapalha a análise ao mesmo tempo. O próprio Lacan mostra que é coisa antiga e que, em termos ocidentais, vem exarado, por exemplo, no texto do *Banquete* de Platão, lá nos começos da filosofia. E, por último, a *Pulsão*. Mas, na verdade, desses conceitos que seriam os fundamentais, os três primeiros já estavam por aí nos pensamentos, mesmo que a psicanálise possa ter-lhes dado nova formatação, novo arranjo. Eram, portanto, idéias que estavam, por exemplo, nas filosofias anteriores como é o caso da transferência em Platão. É clara na posição de Sócrates, como se fosse o analista de seus garotões filosofantes e amorosos. Assim como Inconsciente não é algo que nascesse com Freud, nem Repetição, que está clara em muitas obras, sobretudo na de Nietzsche, que era vizinho imediato de Freud. O conceito de

Pulsão é talvez o único que a psicanálise tenha trazido como novo. Poderíamos até supor que, na termodinâmica, tenha aparecido mais ou menos aproximado do conceito de entropia e dos arranjos ao redor, mas em nenhum pensamento surge com clareza essa coisa nova que a psicanálise trouxe como conceito de Pulsão.

Em português, o nome é **Tesão**, que não é só algo que sentimos, um fricote, mas sim um conceito fundamental para segurar toda a estrutura da psicanálise. O que é o Tesão? O homem é um animal tesudo, como tudo que há. Quero eu hoje, então, diversamente do que propôs Lacan, dizer que, dadas a novidade e centralidade que tem no pensamento psicanalítico, **Tesão** é o único conceito fundamental da psicanálise. Os demais servem, são utilizáveis, mas não são nem originais nem fundamentais. Digo isto porque posso rever o conceito de Pulsão que, de início, era mais ou menos regionalizado em Freud. Dizia respeito às zonas erotizadas ou erógenas do corpo, com um circuito muito pequeno de partida e de chegada: tesões localizáveis por algo que alguma esfregação arruma, seja na boca ou alhures, e que tinham percurso, objeto, alvo, etc. Mas quero supor que este é **O** conceito psicanalítico e que é dele, reconhecido em sua amplitude, que podemos partir para verificar até mesmo que os demais, supostamente antes fundamentais, são decorrência, podem ser dele depreendidos, deduzidos, derivados. E aí é que começa a aventura de construção, em torno da idéia de Pulsão – *Trieb*, em alemão; *pulsion*, em francês; *drive*, em inglês –, do Tesão que se tem em relação a algumas coisas. O Tesão é genérico e generalizado. Encontramos, aliás, hoje, essa idéia genérica reduzida à de Desejo muito vigorante tanto em filosofias contemporâneas como a de Deleuze *et caterva*, quanto no pensamento de Lacan.

Há o Tesão, esse movimento que vai para alguma coisa. Aonde quer que se vá na face do planeta – e agora, então, que podemos observar melhor até o universo inteiro –, há um tesão. Aquilo parece que quer, deseja, algo. Encontramos os melhores pensamentos ocidentais e orientais, muito antes da existência de qualquer psicanálise, sempre apontando para o fato de que o movimento de tudo que há, se não do universo – e, quanto a mim, acho que

também do universo –, pelo menos dos humanos e mesmo dos animais, está voltado para a consecução de alguma coisa. É um tesão que pode ser maior ou menor, localizado em coisa maior ou menor, mas os pensamentos, sobretudo filosóficos, religiosos, apontam para o fato de que há um tesão de última instância: algo desejado quase que transcendentalmente ou *como* transcendência. É o mesmo tesão, só que o místico quer algo que está no infinito, ou para além dele.... Seja Deus ou o que for. Isto se traduz em amor a Deus e coisas assim. Ou seja, está claro em Freud, em Lacan e em todos os grandes pensamentos ocidentais e orientais que, pelo menos em termos da nossa espécie, se não, do universo, há um movimento desejante, um movimento de tesão, que quer o quê? Simplesmente sumir! Quer morrer de gozar, quer gozar para sempre, quer um gozo absoluto, último e definitivo! Mas já que não tem Isso, aquilo menor serve, por enquanto. É o que está nos pensamentos de Freud e Lacan quando se referem ao objeto que não há: Acoisa, *das Ding, la Chose*. Há uma Coisa que nem há, que não se pode atingir. Freud chegou a achar que ela era a idéia de algo que tivera sido fundamentalmente perdido porque nunca se teve. Seja a mãe, o seio, o que quer ele pudesse pensar. Então, perdemos uma relação que, na verdade, nunca tivemos e ficamos na nostalgia de reencontro d'Aquilo. É uma metáfora bonita, uma lorota literária bem construída que nos serviu bastante, mal ou bem, para pensar. Lacan aponta o objeto Acoisa, inatingível, que não existe, mas é o empuxo, o atrator, dos desejos. E, para fazer barato, inventa a álgebra do objeto *a* minúsculo, *le petit a*. São todos os multifários avatares d'Acoisa em objetos que estão para além de todo e qualquer objeto ofertável.

Tudo isso, para dizerem que, seja bom ou mau, não é nem bom nem mau, **é assim!** Todos os tesões que existem por aí são na verdade tesões em algo que é impossível porque simplesmente não existe. Estamos submetidos a um movimento de desejo por algo que jamais vai se oferecer. E tampouco adianta desistir porque sabemos que nunca vai se oferecer, pois a máquina funciona assim. Ela só funciona se quiser o Impossível. Mesmo porque ninguém vai desistir disso, jamais. Nem que se torne o último dos melancólicos, ainda estará chorando porque não ganhou isso. Lacan não sabia muito bem disso e até fez

a suposição de que poderia construir uma ética para a psicanálise baseada em que a culpa é sempre de “abrir mão do seu desejo” – o que é uma bobagem. Ninguém abre mão do seu desejo: troca-se por outra coisa, negocia-se, entra-se na baixaria do botequim da esquina. Ninguém abre mão do seu desejo porque é impossível não desejar o Impossível. Então, temos que o que há para nós e para o universo é que **Há!** As coisas estão por aí. Alguns filósofos maníaco-depressivos – temos que sofrer de alguma coisa – como Heidegger, Leibniz, se perguntavam por que há o Haver, e não o não-Haver? Podia não haver nada. Mas a psicanálise não pode se permitir tanta doença. Pelo menos, que se permita outra. Para ela, a resposta é clara: só há o Haver porque o não-Haver, como o nome diz, não há. É o Haver que se oferece, e não o não-Haver. Mas os filósofos não são tão malucos assim, pois quando perguntam desesperados porque há o Haver e não antes o não-Haver, dizem: por que há o ser, e não o nada? Pergunta ocidental típica. Um pensador oriental, que tem suas próprias bobagens, jamais diria esta, que é a nossa doença. E a psicanálise não pode compactuar com isso porque não tem obrigação alguma de ser ocidental. Freud fez um esforço de ser ocidental para vencer na vida, para poder ficar parecido com a cara dos cientistas a seu redor e ter um lugar na academia, um consultório respeitável, etc. Se ficarmos muito diferentes, acham que somos doidos e não vão lá. Lacan ficou querendo que a psicanálise fosse ciência, isso e aquilo, também para poder vencer na vida. Hoje, não precisamos muito disso. Basta algum apoio na mídia, um grupo que é maluco de um certo modo e capaz de nos ouvir...

Alguns filósofos mais renitentes ficaram, portanto, com a questão: Por que há o ser, e não o nada? Isto se traduz na linguagem que estou trazendo como: Por que Há, em vez de não-Há? Por que há o Haver, e não o não-Haver? Esta pergunta não interessa porque a resposta é óbvia: se é não-Haver, não há. Mas eles não são tão malucos assim, como eu dizia, porque, mesmo não havendo, o não-Haver é tudo que desejamos. Sei que não-Haver não há, não quero saber dessa questão, no entanto, o que quero mesmo é não-Haver. Há uma maluquice originária nesta nossa espécie, talvez no Universo inteiro,

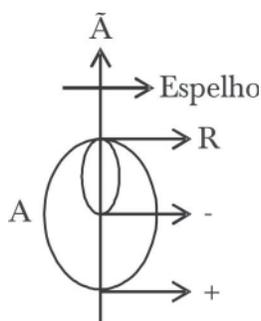
ou, se não, Deus é doido varrido, se é que existe. Mas há uma maluquice na cabeça de Deus, se quiserem dizer assim, que impõe que o que há deseja o que não há. Por quê? Porque é o maior tesão. O não-Haver seria a Paz absoluta e definitiva. Seria gozar definitivamente e nunca mais se aporrinhar com isso. E isso aporrinha tanto que, mesmo quando falha, as pessoas tomam Viagra para continuar querendo, em vez de agradecer porque, afinal, graçasadeus aquilo acabou. Compram Viagra para poder continuar pedindo o não-Haver, pedindo um gozo que, quem sabe, um dia, gozarão de vez. Não custa tentar mais cem, duzentas vezes... Só que isso não vem, porque o não-Haver não há. No entanto, tudo que há de movimento desejante, tudo isso que podíamos traduzir pelo termo Pulsão, ou melhor, todo e qualquer Tesão, seja qual for, está, em última instância, sendo algo que há – que escrevo: **A** – e que deseja não-Haver, que escrevo: **Ã**. Em português “desejo não haver” é ambíguo: ou desejo aquilo que não há; ou simplesmente desejo “eu” não haver. Freud e Lacan chamavam atenção para isto quando se remetiam ao Édipo-Rei, de Sófocles, que diz exatamente aquilo que todos queriam: “Antes, eu não houvesse!” A situação é trágica e tão dramaticamente terrível que só haveria uma saída: não ter havido, não ter existido. Se existo, não há saída: *Mé funai!* – no grego que Lacan cita. Aí Freud faz a conhecida piada: – “Mas isso acontece com muito pouca gente”. Não acontece com ninguém.

Vejamos agora a notação minimalista que posso escrever sobre isso: **A**→**Ã**: **Haver quer não-Haver** ou **Haver desejo de não-Haver**. Aí está um vetor como na mecânica da física. É uma força. Chama-se: Tesão, Pulsão. Freud a chamou de *konstante Kraft*, uma força constante, se considerarmos a totalidade da força que existe no Haver. Ela varia não porque não seja constante, e sim porque fica pespegada, freada, pelas coisas que toca. Esta notação resume tudo que pode embasar o pensamento da psicanálise. A idéia de Tesão significando que o que há, em última instância, é **Haver desejo de não-Haver**. Tudo começa daí. Veremos, assim, que podemos deduzir daí as idéias de Inconsciente, Repetição, Transferência e o que mais. Observem que, se comecei logo por dizer ‘Haver desejo de não-Haver’ ou ‘Haver quer não-Haver’, foi porque fui

buscar em pensamentos anteriores que sempre indicaram para isso. Mas ao dizer isto, digo também que todo e qualquer tesão, em sua última instância, em sua significação última, exige o quê? O avesso, o contrário de si mesmo. Haver quer passar a seu contrário, a não-Haver. O que quer que considere, mesmo não havendo o não-Haver, estou considerando uma polaridade entre dois avessos. Isto é uma das coisas que mais intrigou o pensamento humano em todos os tempos, ocidental ou oriental (o búdico, o hindu): a maluquice, se não do universo – e hoje podemos dizer que é do universo, pois já se mostra essa polaridade acontecendo na micro e na macrofísica –, de nossa cabeça que, para o que quer que lhe seja colocado, o contrário também é pensável, ou também é exigível. A não ser que se resolva por alguma força maior – a polícia, por exemplo – dizer que só pode o lado de cá, mas basta dizerem isto para já ficarmos achando que há outro mais interessante do lado de lá.

Os pensadores – matemáticos, físicos, filósofos, etc. – não puderam não sofrer com essa questão básica do movimento de nosso pensamento: somos uma espécie que, se diferimos radicalmente de qualquer outra, animal, por exemplo, é porque somos meio maluquinhos, não nos conformamos em ser um porco, cavalo, galinha, e, pior, não sabemos o que é ser homem. Então, diante do que quer que pinte, do que quer que se diga, por que não o contrário? Não temos uma cabeça capaz de se fixar em determinadas configurações e simplesmente ser o cachorro cotidiano de todos os dias, cachorrilmente bem instalado. É claro que vamos nos configurar mais ou menos mediante aparelhos de recalque, mas não é esta a especificidade da nossa espécie. Mesmo que tenhamos uma aparência mais ou menos constante – cabeça, tronco, membros, dois olhos, boca, nariz, ânus –, o que se passa em nossas mentes é um vale-tudo radical. Ao que quer que se diga, com um pouco de esforço trocamos de partido, viramos ao contrário. Imaginem, então, um René Descartes com sua loucura da dúvida, da qual não consegue sair senão aplicando um golpe de força e inventando um sujeito que justamente tem certeza porque não consegue tê-la. É isto afinal o seu *cogito*. O que existe então? Parece que a máquina da nossa mente funciona sem parar e indefectivelmente, embora às vezes sob trava, segundo um princípio

de polaridade entre opostos. Pode-se excluir um dos opostos, dizer que é o lado do pecado e do proibido, mas pensa-se nele. Tanto é que se inventou o pecado e o proibido. Se não, não eram nem pensados. Vejam, por exemplo que, se conversarem com um cachorro durante horas, ele não dubitará da idéia de ser cachorro. Ao passo que, se certas pessoas conversarem muito comigo, posso pensar que sou um cavalo. Alguns, aliás, até me xingam disso... Parece, então, que há um princípio de funcionamento na mente humana e em todo o Haver que, segundo o modelo do ‘Haver desejo de não-Haver’ que lhes apresento esquematizado no desenho abaixo, regula-se em polaridade opositiva, como se no meio houvesse um espelho. Por isso, chamo de **princípio de catoptria** (*katoptron*: espelho, em grego) a esse princípio que rege todos os movimentos de nossa espécie e, quiçá, de todo o universo, os quais dizem que, para o que quer que se coloque, o pólo oposto também é pensável e mesmo exequível.



A humanidade, diferentemente dos outros habitantes do planeta – aos de outros planetas ainda não fui apresentado –, por ter a maluquice originária, é a única que sai do estado de co-naturalidade com o que aparece espontaneamente e inventa a loucura, por exemplo, de estarmos agora sentados numa sala com ar refrigerado, em contraposição à temperatura obrigatória do ambiente lá fora. Então, por movimentos de negar e querer o contrário do que se lhe apresenta, vai criando contrariedades em relação à espontaneidade do que há por aí. O **princípio de catoptria** é a idéia de que a máquina psíquica funciona sempre assim, mesmo quando está bloqueada: ao que quer que se coloque, seu

avesso também é pensável e mesmo requisitado. Haver requisita o quê? Seu avesso radical, que nem há, que é impossível, que é não-Haver. É o desejo de impossível, do Impossível absoluto. Nesse ponto, a simetria de sempre se pedir o avesso é quebrada. Não porque não se a peça mais, e sim porque não adianta pedir porque ela não tem como comparecer, já que não há. Entretanto, daí para baixo, o que quer que se pense pode ser impossível, mas não absolutamente. É só modalmente impossível. Ou seja, não há como realizar, o preço é muito alto. Se não posso ainda pagar o preço de deslocar o sol, não sei se, um dia, não inventamos um modo qualquer de dar-lhe um empurrãozinho. É assim que a humanidade inventa tudo que inventa. Isto porque é movimentada pelo desejo absoluto de Impossível e, daí para baixo, na decadência, metaforização, declinação disso, ela pode perfeitamente pensar – pelo menos, pensar – que é possível obter e mesmo querer o oposto do que está vendo.

É **princípio de catoptria** porque é como se o que quer que se colocasse propusesse também seu avesso, seu *enantiomorfo*. E qual seria o último dos avessos, se posso pensar o avesso de qualquer coisa que se coloque? É tomar o Haver por inteiro e dizer que seu avesso seria não-Haver. Falo em avesso e não em oposto porque há várias formas de oposição e há muitos espelhos. Enantiomorfismo, como sabem, é o princípio de o que quer que se coloque ser virado pelo avesso, o contrário absoluto do que aquilo é. Diante de um espelho, alguns, sobretudo crianças, não se dão logo conta de que, para além da imagem especular – em que Lacan se apoiou, falou de imaginário, de eu, etc. –, a essencialidade de um espelho é virar pelo avesso o que se coloca diante dele. A imagem de minha mão direita que vejo no espelho é esquerda. Mas mudou só de lado? Não, virou pelo avesso a imagem de cá. Podemos verificar isto vestindo uma luva de borracha bem fina e a virando pelo avesso: ela terá a imagem que tem a mão do lado de lá. Mas o espelho que usamos para pentear o cabelo é meio tolo. Há espelhos radicais, pensáveis na ordem mesma do universo, que virariam pelo avesso o que quer que se lhes apresentasse. Por exemplo, diante de um espelho radicalíssimo, quando acender a luz aqui, apaga lá. Se tenho aqui matéria, do outro lado teria anti-matéria. Mas não quero fingir que estou

fazendo ciência porque isto é apenas metafórico. Aliás, pedir à física, por exemplo, elementos de fingir que estou apoiando o que estou dizendo em bases científicas é uma das maiores calhordices do século XX nas ciências humanas. Não é preciso do apoio da física quando pensamos com termos psicanalíticos. Mas como os físicos garantem que há possibilidade de espelhos radicais, aviso que conheço um, o espelho do psiquismo, que avessa radicalmente o que quer que se coloca para ele. Dia/noite, preto/branco, bonito/feio, macho/fêmea, etc., e todas as confusões que nossa cabeça faz quando opera esse avessamento.

Princípio de catoptria, portanto, é: ao que quer que se coloque, o avesso radical também é pensável e requisitável por nossa espécie. E tudo, quem sabe, dado o acesso ao pagamento do custo, é possível de ser construído. Menos o \tilde{A} , porque simplesmente não há, mas é o que queremos, e isto é o que designa todo o procedimento da Pulsão. Se Haver deseja não-Haver e se não-Haver não há, a simetria que é exigida a cada momento do oposto, do avesso, aí se quebra, pois não há como passar. Em cima, está não-Haver, embaixo está Haver: Haver (**A**) deseja (\rightarrow) não-Haver (\tilde{A}), quebra a cara, se decepciona, dá a volta e retorna continuando a querer aquilo mesmo porque não sabe fazer outra coisa. No que quebra a cara, vira ao contrário, vira para Haver de novo, sem passar a não-Haver. Vira ao contrário, de algum modo, seu movimento de retorno a Haver depois de passar por uma neutralidade de quase atingimento de não-Haver, e, por isso, tem que retornar. Digamos que não-Haver esteja fora do circuito, pois é impossível passar para fora. Mas é possível retornar pelo caminho contrário. Em vez de subir, há que descer e continuar querendo a mesma coisa. Nesse lugar, o avesso possível é retornar explosivamente à forma anterior. Se quisermos uma metáfora cosmológica, sem querer fazer ciência ou imitar os físicos, vamos imaginar uma entropia comendo todo o universo que temos agora, o qual é inteiramente diferenciado, com planetas, estrelas, etc. Isto, segundo a lei da termodinâmica, contemporânea de Freud, e que o ajudou a pensar o que chamou de **Pulsão**, em última instância “**de Morte**”, pois fazia a suposição de que o movimento desejante quer extinguir-se, desaparecer, morrer. Hoje, sabemos que qualquer Pulsão é assim, portanto, não é preciso colocar a palavra *morte* no meio.

Podemos supor, assim, que toda a massa energética de um universo diferenciado pode ser comida entropicamente e virar uma massa mais ou menos homogênea de energia. Quem sabe se isso tudo não será comido pela tal “matéria escura” de que falam? Quem sabe se isso tudo não se indiferencia, neutraliza? Depois, além de ficar tudo igual, tudo neutro entropicamente, ainda começa a se condensar no tesão de passar por aquele buraquinho que pensa que está lá? Mas como não há o buraquinho, quando a massa chega no ponto R de meu esquema, pára de se condensar e explode de novo. Aí pinta toda a diferença outra vez. Falo “virar pelo avesso” porque tenho que fazer a conjetura de que a coisa vem, por entropia, neutralidade, aperta-se para passar, **implode**, bate, não passa e **explode** novamente. Muito parecido, aliás, com nossos tesões e nossos orgasmos, que vão se apertando, se apertando e quando pensamos que aquilo vai gozar, aquilo desgoza. A coisa desliga, acaba e não passa de vez para o outro lado. Gozar mesmo era ir, ir e não voltar mais. Mas o troço desliga e começa tudo de novo: vira pelo avesso. E isto como modo de construção de nossa mente se mostra perfeitamente compatível com a idéia de que, ao que quer que pensemos, podemos pensar o oposto, e mesmo tendemos a *querer* o oposto. Sobretudo, quando parece não se oferecer. E mais, que ela tem como última instância um desejo não negociável, que é o desejo de Impossível. No máximo, podemos fazer mais barato e distribuí-lo por outros tesões localizados. Ou seja, esse inexistente objeto do desejo, que não há, é o que nos faz movimentar e até correr atrás de algum pequeno **objeto de desejo** que, porque existe, suscita um gozo mais barato e, amanhã, depois de se gozar três vezes, já se está de olho em outro.

A idéia de que o conceito de **Pulsão** (Tesão) é o fundamental da psicanálise, é o começo da nossa conversa. No que se apresenta e se configura para nós como isso que vai, tenta o impossível, não consegue, vira ao contrário para procurar a mesmíssima coisa novamente, não consegue, e assim por diante e para sempre... chega a um ponto, que então já esquecemos, e recomeça tudo novamente. Aí está o eterno retorno nietzscheano ou freudiano da Repetição que posso depreender desse movimento. A Transferência e o Inconsciente não

são fáceis de deduzir imediatamente daí. Tratarei deles depois quando continuar a desenvolver todo o mínimo deste teorema com o qual tentamos enfrentar as dificuldades que nos estão chegando.

• Pergunta – *Você tem dito que a psicanálise é um campo de conhecimento específico, que não é ciência, arte ou filosofia. Hoje, você falou que é um modo de pensar. O que especifica este modo de pensar é a idéia de que tudo que há pede o seu avesso?*

Modalizar esse pensamento, ou seja, dizer que é modo de pensar, é dizer que, a partir de tomar o conceito de Pulsão como fundamento de seu movimento, constituo modo, se não modos, de pensar. Se tomo isto como fundamento de meu movimento pensante, estatuo um modo de pensar que é regido por isto. E só ser regido por isto já qualifica um modo de pensar que não está compromissado com nada para além disso. O que estatui o modo de pensar da filosofia, da ciência? Vejam que são coisas um pouco mais configuradas e cheias de ingredientes do que o modo minimalista de pensar que estou dizendo que é o da psicanálise. São pensamentos muito mais compromissados. Vocês diriam, por exemplo, que o que qualifica a filosofia é pensar o ser? Alguns dizem que é e isto já não é coisa alguma, se não for coisa demais. Então, se configuro um modo de pensar chamado psicanalítico, que (não é só isto, mas) se estatui em cima de que a mente é isto e, mais, de que o que quer que haja se qualifica assim, isto é de uma competência, uma grandeza e uma explosão imensas. Isto faz atectonismo e atectonia. Basta aplicar-se isto a outros campos. Por exemplo, num campo absolutamente sujo, se não for imundo – no sentido maior desta palavra –, que é o da chamada ética. Esta palavra não quer dizer nada que não seja o que você quer que seja. Que não seja algo que se estatui politicamente. Toda vez que alguém, numa discussão, levanta e diz que tal coisa “não é ética”, significa: “Estou querendo que você se submeta àquilo que acho que é o certo em termos de comportamento”. Aí, em termos de nosso pensamento, ou é guerra ou é transação política. Não é assim na filosofia, na sociologia, onde vemos um Habermas discutindo confusões imensas a respeito da consensualidade de uma ética e de uma política? Isto só cabe aqui como dejetos sintomáticos.

- P – *Na maiêutica socrática já não há essa colocação opositiva?*

Todos os pensamentos sempre acabam por encontrar com isto, mas não o tomaram como fundamento. Para eles, é um modo de articulação. Um Hegel faz com isto uma dialética e chega até a uma síntese: tese, antítese, síntese. Não há isto neste modo de pensar que se estatui sobre ‘Haver desejo de não-Haver’. Como não-Haver não há, quebra-se a simetria e daí vem a decorrência de tudo. E isto é extremamente abstrato. Não basta apenas pensar em termos de oposição, é preciso pensar em termos de avessamento radical, de enantiomorfismo, que será, dadas as circunstâncias, necessariamente opositivo. É melhor pensar que é uma **polaridade** que pode funcionar como oposição. O que importa é: ao que quer que se coloque, devo procurar seu avesso, ainda que se tenha disto vários graus. De Haver para não-Haver, há um avessamento radicalíssimo. Mas entre preto e branco, posso dizer que há um avessamento menor. Ou seja, o nível de formação – e falarei sobre as **Formações do Haver** – é menor. A declinação é menor, mas mesmo assim é um avesso.

08/ABR

2 Revirão

Da vez anterior, tratamos da Pulsão, aquela trazida por Freud com a característica “de Morte”, como conceito único que pode fundamentar todos os processos da psicanálise. Concluímos que seu movimento é de Haver para não-Haver, que poderíamos dizer: **Haver desejo de não-Haver** ou **Haver quer não-Haver**, cuja notação vetorizada é: $A \rightarrow \tilde{A}$. E isto é tomado como ALEI do Haver. Se houver alguma lei, a mais genérica possível, que regule todo o movimento do Haver, é esta. Observem que uma Lei genérica desse tipo extrapola a mera vontade jurídica. Portanto, não confundi-la com os procedimentos lacanianos em que a noção de lei é tão importante, mas cuja vocação é eminentemente jurídica. Na relação do sujeito com o outro, em Lacan, há a noção de lei fundamentada na *palavra* do homem como estabilizadora de todos os procedimentos desta relação. Nossa aposta, ao dizer que ALEI é **Haver desejo de não-Haver**, é de que este enunciado legal coincidiria com a própria realidade do Haver. Podemos dizer também que se parece muito com a vocação científica de enunciar as coisas de tal maneira que os enunciados descrevessem ou tivessem uma relação íntima com a realidade.

Como o não-Haver não há, ALEI denota que o movimento pulsional do que quer que haja se encaminha decisivamente para seu próprio sumiço. Mas se é não-Haver e se não-Haver não há, como o nome está dizendo, o sumiço é impossível. ALEI diz, então, que todo Tesão se encaminha para o impossível. No que o Haver tem Tesão? No impossível de ser ele mesmo algo que possa

vir a sumir, desaparecer, o que chamei de **Impossível Absoluto**. O empuxo de todo Tesão – Pulsão, libido – é no sentido do impossível de se apresentar o não-Haver. Então, na decadência do empuxo, quando o movimento tende a realizar sua pressão pulsional segundo ALEI, qualquer coisa menor como a nossa espécie – sem sabermos de todos os outros entes que têm algum movimento, com ou sem alma (vai ver todos são espirituais, até as pedras) – estará querendo o Impossível. No entanto, contenta-se com menos, porque é uma formação menor que o Haver por inteiro. Quando desejamos algo, sua obtenção é sempre frustrante, pois, daqui a pouco, queremos novamente ou queremos outra coisa, já que não conseguimos aquilo que realmente queríamos. Se tivéssemos conseguido o não-Haver, tudo pararia. Já que não conseguimos, porque é absolutamente impossível, simplesmente temos uma satisfaçãozinha muito pobre, quando a temos.

Estas obtenções são possibilidades de gozo, de atingimento de algo. Às vezes, essas coisas, mesmo sendo menores do que não-Haver, se apresentam como impossíveis em dado momento, pois parece que não temos como pagar por elas. Na verdade, tudo tem um preço, seja em dinheiro, esforço, competência, volume de poder, etc. E quando não temos condição de pagar dizemos que aquilo se tornou impossível. Este não é o mesmo Impossível Absoluto de atingir o não-Haver. É o que posso chamar de **impossível modal**, porque, em sendo dadas as condições, sabe-se lá quando, ele passa a ser possível. A história da humanidade não é senão a lenta e gradual transformação, pagando preços altíssimos muitas vezes, de impossíveis modais em possibilidades cada vez maiores. Diferentemente de outros seres que conhecemos, animais ou coisas parecidas, que simplesmente não têm condição de exercer movimentos para contestar as impossibilidades modais, nossa espécie tem sido a única que se rebela contra limitações impostas e procura recursos, **poderes**, de ultrapassá-las. Então, ficamos atraídos, provocados, pelo Impossível Absoluto, esbarrando em impossibilidades modais e capengando pela vida na tentativa de conseguir transformá-las em possibilidades. Mas de uma coisa estamos certos, não é possível Haver passar a não-Haver, pelo simples fato de que não-Haver não há.

Freqüentemente, confundimos coisas menores com atingimentos de não-Haver. Tanto é que acreditamos que haja a **Morte**. Muitos filósofos oci-

dentais até a tomam como base de sua filosofia e dizem que somos “seres para a morte”. O próprio Freud levou um grande tropeção ao importar o termo de pensamentos filosóficos para utilizar na nomeação do conceito de Pulsão de Morte e enunciar que o que ela procura é sumir, atingir seu oposto, que é não-Haver. Mas o que é isso, morte? Será que isso existe? Aliás, o Ocidente tem também uma tradição, um pouco idiota – no sentido de: auto-referente –, de que há imortalidade: constroem-se Templos e Academias para lá enfiar pessoas que seriam... imortais. Não sei por que as outras também não seriam. Mas pode alguém narrar, testemunhar, uma experiência de morte? Quer me parecer que é impossível. Por isso, costumo dizer de maneira um pouco arrogante, mas com muita convicção, que **A Morte não há** – o que não significa que, com o aparelho tão impotentezinho que é o nosso, iremos durar como corpo eternamente no sentido cronológico. Eu diria também que a vida de cada um é eterna. Temos o mau hábito ocidental de pensar que eterno significa muito tempo. Ou seja, que ninguém vai perecer e ficará sem sucumbir para sempre. Eternidade nada tem a ver com isso. Quero dizer, sim, que é impossível para qualquer um ter **experiência de morte**. Quando, por exemplo, perdemos uma pessoa muito querida, o que temos é uma **experiência de perda** irre recuperável. Freud, com seus cacoetes de entendimento da libido através da diferença sexual anatômica imediata, chamava isto de *castração*. Não sabemos o que fazer porque nada substitui aquilo que pensávamos que tínhamos – e efetivamente não tínhamos – e o hábito de pensar que tínhamos, quando se perde, nos faz dizer que fulano morreu. Mas não tenho, para mim, essa experiência de morte, pois nunca morri. As pessoas que morrem não têm o hábito de dar testemunhos fidedignos... Testemunhos há, mas sempre meramente fantasiosos – e falaciosos.

Temos mesmo sérias experiências de perdas terríveis, mas jamais tivemos, temos ou teremos, a experiência da morte. Para tê-la, seria preciso passar por ela e continuar capaz de descrevê-la. Por isso mesmo, alguns inventaram expedientes – acredite quem quiser – de imaginar que algo continua após a morte. Alguns vão para o céu, outros para o centro espírita, outros, quando saem de cirurgias, dão depoimento de que viram luzes no fim do túnel, etc. Estes aí,

aliás, não morreram. Se tivessem morrido, queria ver darem testemunho. Isso tudo está envolvido de crenças e desejos de subsistência, mas, para o pensamento psicanalítico que assim compareceu no mundo, não temos ou teremos a menor condição de experiência de morte, nem do outro e muito menos própria. Coisas terminam de repente, pessoas perecem. Marcel Duchamp mandou escrever em seu túmulo o epitáfio: *D’ailleurs, ce sont les autres qui meurent* – aliás, são os outros que morrem. Mas temos a idéia de perecimento, que é da ordem de uma possibilidade muito menor do que simplesmente atingir o não-Haver e, a senhor da situação, poder dizer: “Tive a experiência de não-Haver, morri e estou aqui”. Isto não é possível, pois quem está dando depoimento está vivo, ou é mentira, ou é outrem falando em lugar de alguém indevidamente.

Posso pintar um grande mito a respeito do Haver, em sua inteireza, encaminhando-se pulsionalmente para não-Haver, não conseguindo alcançá-lo, esbarrando no Impossível – que é interno a ele mesmo, pois não há nada do lado de fora, pois não há lado de fora – e o máximo que pode fazer sendo “retornar” a Haver. E posso supor que “voltou” com uma postura avessa, contrária, à anterior porque o movimento era, como é sempre, no sentido de não-Haver, tendo que abrir mão disso, desistir e, de maneira positivada, “retornar” imediatamente para o seio do que há. Então, há um reviramento: retorna-se em sentido contrário, do implosivo para o explosivo e, quando o caso é de última instância, como é o do Haver, o sentido é o mesmo, mas algo ali se reverte. A reversão aí é difícil de ser apanhada porque estamos na última instância do Haver, mas, em nosso cotidiano, é mais fácil porque são coisas menores, declinadas, decadências em relação à última instância. Temos facilmente a experiência de tentarmos algo, fracassarmos e voltar. Para onde? Para o lado oposto dessa tentativa. E isso organiza de certo modo nossa experiência segundo uma estrutura de espelho, de avessamento, catoptria. Quer me parecer, então, que toda a estrutura do Haver funciona da maneira que, tecnicamente, podemos chamar de enantiomórfica. Como já disse da vez anterior, diante do espelho, tudo se avessa, vira pelo avesso, e a idéia radical de enantiomorfismo é de que existe uma **função catóptrica** – *katoptron*: espelho, em grego – que avessa tudo. Seria, portanto,

um espelho muito complicado, diante do qual poderia me ver de cabeça para baixo, ou, por exemplo, quando acendo a luz aqui, lá apaga; quando aqui é matéria, lá é anti-matéria...

O princípio de avessamento radical disponível para o Haver, embora não o utilize o tempo todo, é compatível com o conceito de Pulsão: encaminhar-se no sentido de não-Haver, que é o avesso radical de Haver. O que quer que seja avesso do que quer que haja, é possível ser pensado, mas o avesso radical do simples Haver em sua plenitude, é impossível. Posso conjecturá-lo como nome, não-Haver, mas não faço a menor idéia do que seja porque não é experiência possível para nós que somos imortais. Todos de nossa espécie vivemos achacados pela idéia de morte, com pena de perder as pessoas que amamos, que certamente vão perecer, assim como nós também iremos acabar. Podemos fazer fantasia, escrever romance, produzir filme, programa de televisão a respeito, mas não fazemos a menor idéia do que seja o mundo sem nós. Emília, personagem de Monteiro Lobato, sabia isto muito bem ao dizer: “Vou escrever minha biografia completa. Quando chegar no fim, eu morro. Aí me escondo atrás do armário”. É a única maneira de conjecturar nossa ausência, fingir que estamos escondidos atrás de algum armário, assim como alguns vivem a vida inteira trancados dentro dele. O Haver por inteiro – que as pessoas chamam de universo ou conjunto de universos (mas não uso o mesmo conceito, pois trata-se de tudo que há, que está aqui neste momento que estamos habitando) – está numa fase muito simplória de sua existência. Tem composições muito estáveis: astros bem fundamentados, movimentos repetitivos e corretos das estrelas, dos planetas, tudo funcionando direitinho... para nós que, para existirmos como carne, precisamos muito desse direitinho.

Como não existe um tempo no qual as formações estão mergulhadas, e sim o movimento lento, ou rápido, sei lá, que emana do funcionamento dessas formações estelares, galaxiais, etc., isso tudo, um dia, como conjectura a física, pode entrar numa grave entropia, reduzir-se a zero e, suponho eu, até começar a se concentrar, apertar, implodir, para passar a não-Haver. Não vai conseguir, fracassa, como já deve tê-lo feito zilhões de vezes, explode e começa tudo outra

vez. O tal Big Bang deve ser algo que, de vez em quando, acontece por aí, como cada vez mais os cientistas estão disponíveis para pensar. Temos mitos de que, certo dia, um senhor meio barbudo, idoso, teve vontade de fazer coisas e criou o Universo, o Homem, começou a parir maravilhas e tudo terá começado. Esta é uma anedota de certo grupo cultural que, como outras do Oriente, da Índia, serve para principalmente ilustrar nossa ignorância e também para ilustrar a idéia de que essa fase, esse espetáculo aí, começou de algum modo em algum lugar. É verdade, deve ter começado, mas certamente não é o único e pode simplesmente ser a mera repetição de uma seqüência infinita de espetáculos que acontecem talvez como moto-perpétuo, que encolhe e explode em formações diferentes, talvez parecido com o que Nietzsche chamava de eterno retorno.

Se estou conjecturando a respeito do chamado universo, parece que nosso psiquismo funciona de modo que tudo que se coloca diante dele, se ele não faz imediatamente o exercício de virar pelo avesso, pelo menos **pode** muito bem fazê-lo. Ao que quer que compareça para nossa mente, pode ser posto o contrário. Em última instância, ao que quer que compareça, posso dizer **não** – o que é já dizer o avesso do **sim** que a mim se apresentou. Aí é que quero pensar que a estrutura do psiquismo é em espelho. Que nossa última instância mental é a competência de revirar pelo avesso o que quer que se nos apresente. Por isso, chamo de **Revirão** a cambalhota que desenhei da vez anterior, que é a condição de exercício supremo de última instância de nossa maneira específica de ser, diferente de todos os outros seres que conhecemos. O enantiomorfismo, a catoptria, de nossa mente, podemos supor que também seja do Haver. Digo, então, que aposto declarada e fortemente naquilo que, no campo da ciência, chamam de *princípio antrópico*, forte ou fraco, dependendo do grau de insistência e da pressão que se faz sobre o reconhecimento do movimento antrópico, *i.e.*, da reflexão recíproca entre o Haver e nossa existência. O princípio antrópico, falando barato, diz que, se existimos refletindo a respeito do universo, é porque o universo está informado de maneira a vir nos produzir para fazermos justamente isto. Se estamos pensando a respeito do que há, refletindo, criando ciência, seríamos aparelhos de auto-observação do universo que nos fabricou,

se é que foi assim, ou se isso se fabrica sozinho dentro dele, de maneira a lhe permitir refletir-se a si mesmo. Ou seja, há um princípio de espelho no universo, o que é aceito por tantos cientistas. Stephen Hawking, por exemplo, que é o Aleijadinho lá de Londres: só que ao invés de esculpir profetas como o nosso escultor barroco-mineiro (ou melhor, maneiro) ele profetiza ex-culturas.

Devo assumir este princípio com toda sua força, mas não o chamaria assim, pois seria fazer a suposição – que os cientistas têm o direito de fazer, pois até agora só conhecemos, parecidos conosco, nós mesmos, e daí podermos dizer que surgiu o ser humano porque o universo não poderia fazer senão isto – de que só há *antropos*, gente desta espécie. Prefiro chamar de **Princípio de Idioformação** (de *Ídios*: ‘mesmo’). Se o universo tem uma formação em reflexão, espelho, catoptria, e se, em última instância, vai produzir algo que reflita sua reflexão, está é repetindo a si mesmo, naquilo que lhe é o mais próprio, e de maneiras as mais variadas. É de se supor que, se isso é tão grande como se imagina, aqui e ali devem aparecer formações que, independentemente de seu *hard*, i.e., de suas bases de construção – carbono, carne, silício, lata, etc. –, tenham a condição *soft* de ser uma Idioformação, ou seja, de refletir especularmente, de fazer a especulação a respeito de si mesma. Si-mesmo é o Haver, onde está de molho o chamado Universo. Somos só si-mesmo. Ficou da forma esquisita que está porque foi o que deu, aonde chegou, pouco importa se por acaso ou de propósito: **É assim!** Portanto, aqui e ali, no seio da grande massa chamada Haver, ele se reflete a si mesmo construindo pequenos aparelhos que funcionam como ele mesmo, só que mais pobrezinhos, **micros**, miniaturas. Ao invés de ser uma máquina gigantesca como o sol, uma galáxia ou o universo inteiro, é um pequeno chip, e que funciona igual, só que com menos potência. É isto que as religiões tanto repetiram: a onipotência divina e nossa impotência, ou minuspotência de seres humanos. Mas não é preciso ficar tão humilhado, pois isto já é mesmo muita coisa.

Se faço a conjectura do movimento pulsional que a psicanálise, em última instância, pôde nos oferecer, tenho que perguntar: de que espécie nós somos? O que aconteceu por aqui, neste planeta, foi água se misturando com

terra, aquela lama se mexendo sob certa temperatura adequada – ou não, às vezes –, fazendo brotar o que chamamos *vida*. Levamos milênios achando que era algo de outro mundo, impossível de ser entendida e reproduzida, mas como somos implicantes, podemos muito bem supor que algum dia a estaremos reproduzindo em laboratório, mesmo sem tomar elementos vivos anteriores. A impotência do passado está diminuindo, justamente por causa da rebeldia da espécie, a que me referi de começo. Então, o que apareceu por aqui foi esta nossa espécie, que tem parentesco com todos os outros animais, mais próxima de mamíferos, macacos, os quais não tiveram a mesma sorte nossa. Eles são muito complexos, inteligentes, etc., mas não reviram. Não adianta colocar nada diante deles e pedir que digam o contrário, que neguem o dia e pensem na noite, por exemplo, pois estão sempre presentes a si mesmos e não são aparelhinhos que imitaram imediatamente a catoptria do Haver. São fragmentos, complexos, sim, mas apenas pequenos robôs da presença e do presente. O pior é que temos a mesma encarnação, a mesma carnadura, desses bichos. Nossa animalidade está à flor da pele: comemos, brigamos, fodemos feito uns animais... É uma nojeira, às vezes da melhor qualidade, uma delícia, mas não somos propriamente da família deles. Não adianta nenhuma organização, mesmo darwinista, fazer a suposição de que somos da mesma família só porque somos primatas, pois algo em nós extrapola de tal maneira a organização desses outros seres que não os somos mais.

Tudo se artificializa em nossas mãos. Tudo o que fazemos, em qualquer cultura, da mais primitiva à mais sofisticada, é perene artificialização do mundo. Basta observar que ninguém está pelado aqui, cada um está vestido de um jeito, que existem miríades de formações, plásticas, visuais, sonoras, etc., envolvendo nossa vida. É a arquitetura, a rua, o inferno, o paraíso, sei lá o quê, de condições de reprodução dessa grande Artificialidade. Como sabem, quando qualificamos uma espécie, qualificamos por sua diferença em relação às outras. Então, qual é nossa diferença específica em relação a todas as outras? **A diferença é que reviramos.** Com menos freqüência do que talvez gostaríamos, mas temos esta **disponibilidade de reviramento** e fazemos a loucura

que fazemos na face do planeta, onde, em nossas mãos, tudo se artificializa de maneira expansiva, exorbitante, rica, excessiva. A nossa, para além de humana, é a espécie das Idioformações. Um dia, podemos encontrar alguém vindo de outro planeta, de outro sistema solar, feito de silicone, lata, sei lá do quê. Não teremos talvez a menor relação *hard to hard*, talvez até nenhum tesão nessa figura por estarmos ainda muito apegados às nossas carnes, ao churrasco da vida, mas, com o tempo, aprenderemos a nos apaixonar por uma geladeira, por uma pessoa de matéria plástica... É uma questão de chance – e de aprendizagem. No futuro, veremos como fica essa transa, mas se esse extra-terrestre é alguém **desta espécie minha**, uma Idioformação, ele revira como eu, é capaz dos mesmos artifícios e, portanto, de conversar comigo de algum modo. É meu colega, portanto.

Nosso *hard* é vivo e animal e quando estudamos os animais à procura de alguma relação de semelhança em relação a nós, às vezes ficamos perplexos porque há a diferença resultante da produção artificiosa, mas há também demasiada semelhança. Será que ainda temos em nossa compleição de programas, de repertórios, as mesmas coisas que eles têm? Certamente que sim. Mais do que pensávamos. Vivemos uma época em que, por algum tempo, o interesse está deixando de ser tão fixado nas coisas da mente, do espírito, e volta-se, demasiado até, para as coisas do corpo, a constituição do cérebro, do biológico em geral. Isto é necessário, pois, às vezes, é preciso parar um pouco aí. Trabalhamos muitos pensamentos e como não tínhamos materiais adequados, laboratórios suficientes, teorias competentes, não desenvolvemos suficientemente o outro lado, mas agora apareceu uma tecnologia nova e está-se esmiuçando a construção biótica das pessoas, sobretudo o seu cérebro. Aí, como toda vez que algo entra na moda, vem a tendência a querer explicar tudo com as palavras da última moda. É preciso explicar muito bem, sim, mas aquilo não é tudo, é apenas um pequeno pedaço. Na tentativa de explicar as máquinas bióticas, seus funcionamentos e imitá-las com tecnologias, etc., em torno de 1930, surgiu um campo de estudo, a Etologia, que gosta muito de se chamar de ciência – a psicanálise também passou por essa crise infantil de fazer questão de chamar-se

ciência, mas já abandonou esta fase (aliás, hojendia, ninguém sabe muito bem o que possa ser a tal ciência) – e que é o *estudo* do comportamento e da psicologia dos animais. Cada vez mais ela está sendo capaz de mapear comportamentos, espécie por espécie, e dar-se conta de que, independentemente da velha e quase divina noção de *instinto* – materno, fraterno, sexual, de reprodução, etc. –, são apenas *programas* instalados em cada animal. Cada um com seu tipo de programa, reprodutivo, de auto-subsistência, de luta, etc. São programas muitas vezes capazes de fazer alguma transa com outro programa ao lado, seja a ecologia ao redor ou outra espécie, mas não passam de meros programas que se cumprem como são, em função dos estímulos e transas externas que têm encontrado por aí, e nenhum deles, que saibamos até hoje, ultrapassa a sua própria programação.

Terá também a nossa espécie um conjunto de programas? A etologia surgiu como estudo da psicologia e observação do comportamento animais e, dado o rigor científico da exigência de universalidade, achava-se que, para nossa espécie, não havia condição de encontrar e descrever esse conjunto de programas, pois o antropológico, onde se faz a leitura da espécie metida nas mais diversas culturas, varia demais. Como achar algum universal? No campo da antropologia, já foi difícil e continua fracassado, imaginem então no campo da etologia. Mas os etólogos, felizmente, cada vez mais, conseguem perceber que, independentemente das formações culturais, existem em nossa espécie certos funcionamentos que – com assentamento às vezes hormonais, de construções genéticas ou de mero aparelhamento, de órgãos, etc. – parecem bastante programados, embora seja difícil sustentar a leitura e a descrição precisas dessas programações. Isto porque são mais ou menos facilmente subversíveis pelo fato de nossa espécie não aceitar necessariamente o que já está dado. Não adianta, por exemplo, dizer de alguém que seus hormônios estão com as taxas normais, pois ele começa a fazer coisas anormais que não estão na dependência desses hormônios. Tampouco adianta medir genes e procurar algo genético, pois o que a espécie tem é uma maquininha, chamada Revirão, que de repente funciona e o indivíduo diz: “É assim, mas não quero assim”. Existem, portanto, programas

outros que não são esses biótica e imediatamente dados. Existe, em última instância, a competência de reviramento – para qualquer lado. Conversaremos longamente sobre isto para ver como funciona o mapeamento e a relação dessas construções bióticas em relação a essa máquina completamente louca.

Somos a espécie louca, a irracional. Racionais são as outras. Funcionamos num movimento que não tem fim. Somos transcendentais. Está completamente fora de moda falar nisso, pois estamos numa época que perdeu – não que as pessoas tenham perdido, ao contrário, estão cada vez mais apegadas nisso da pior maneira – a competência de afirmar de cara limpa e com atestado válido, seja filosófico, científico, o que for, que alguma transcendência seja possível. Transcendência, como sabem, é a suposição de que há algo para além de nós – chamem de Deus ou do que quiserem – e isto está inteiramente desmoralizado, a não ser como crença de cada um na fantasia que quiser usar para seu goáudio. Faz parte do que chamam de “crise dos fundamentos”. A última filosofia mais disseminada por aqui, cuja origem está em certas filosofias do século XVII, de Espinosa por exemplo, diz que a humanidade chegou à noção de que não há transcendência ou possibilidade de movimento para ela porque estaríamos condenados a viver na imanência. Ou seja, temos que viver aqui dentro do pedaço, ainda que o pedaço se chame o Haver por inteiro. Não há nada ‘lá fora’, portanto, trata-se de chafurdar na lama do Haver e nos virar mesmo aqui dentro. Esta é a concepção mais de ponta do pensamento ocidental que corre as ruas hoje. Por exemplo, o de nosso caro Gilles Deleuze, recém-falecido. Como disse, antes se pensava que havia transcendência. As filosofias diziam que tinham um fundamento, pois se Deus existe, temos que achar que Ele não poderia ser um sacana e que deve ser uma pessoa decente. Vejam que o fundamento que os filósofos nos apresentavam nunca passou disso. Quando as pessoas acharam que Ele ou não era bom caráter porque fazia muita porcaria no pedaço, ou simplesmente não existia, ou havia morrido, e isto aqui estava entregue era às baratas, caiu-se na filosofia da imanência pura.

O que estou trazendo é justamente algo que não é uma coisa nem outra. Digo que a psicanálise põe o movimento pulsional como base. Isto significa que

é o fundamento de seu pensamento, o que é diferente de acreditar se existe ou não a Pulsão. Então, se parto da conjectura da Pulsão, aceito que ela se escreve ‘Haver desejo de não-Haver’, que é ALEI férrea do Haver, que não-Haver não há, que ela cai na imanência outra vez, e estou dizendo que não acredito nem na transcendência nem na imanência. A nossa espécie – ou o Haver por inteiro, se é que o Princípio de Idioformação está valendo – é produzida de tal maneira que, se tudo para ela se avessa, dialetiza, catoptriza, não pode, por constituição íntima de sua estrutura mental, não conjecturar o não-Haver de última instância. Ela não pode não ter o seu **movimento de transcendentação**. Ela exige o Impossível. Para ela, ‘lá fora’, que não há, há algo, que não há. Já que não há, ela chafurda na imanência novamente. Não há nada fora da imanência – esta frase não faz sentido, pois há menos que Nada fora da imanência: o não-Haver, mesmo não havendo, por nossa estrutura ser catóptrica e operar a exigência dessa última instância, não podemos abrir mão do Impossível. Não precisamos mais brigar contra imanências e transcendências. Nossa vida chafurda na imanência, mas não damos nenhum passo sem a vontade de transcendência, ainda que, o transcendente, de modo algum ele exista. O transcendente não existe, mas algo transcende o momento da nossa imanência: um Tesão, um empuxo.

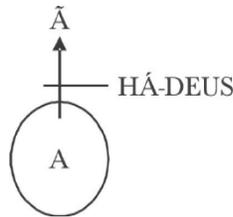
O empuxo é, portanto, essa coisa ‘de fora’ que não há, que está embutida no dentro, porque fora não há nada, não há fora, como **princípio de catoptria** e que exige a última instância, que parece um fora mas que não existe. Essa grande construção, esse **atrator** que não há, mas mesmo assim funciona, coloca para nós a questão de que, para além da sobredeterminação de todos os elementos de nosso cotidiano – o termo é usado por Freud, significando que tudo é sobredeterminado e que são muitas as determinações que levam a vida da gente para certos lados –, existe uma **Hiperdeterminação**. **É assim que se exprime a especificidade de nossa espécie**, a qual não é propriamente a espécie homem – o macaco que virou gente –, mas sim a espécie das Idioformações que existem no universo, com qualquer construto, biótico ou não. É uma espécie que está pojada de sobredeterminações – por exemplo, seu corpo, seu *hard*, que é biótico, vivo; o planeta que habita; tudo que pode acontecer na cultura

e na história, etc. –, mas seu específico é ser hiperdeterminada. Quando digo *hiper* não é que a sua sobredeterminação seja forte demais, mas sim que há uma **determinação de última instância** que extrapola todas as sobredeterminações, esvazia o campo e nos deixa livres para nossa rebeldia contra a limitação do impossível modal. Isto porque queremos o Impossível Absoluto, mesmo não o conseguindo, mesmo ele não havendo.

É porque o movimento de transcendência faz parte de nós, haja ou não transcendência, que manejamos a imanência com procedimentos de ponta, de criação, cada vez mais artificializando o mundo, inventando e produzindo o que não parecia haver antes. Sem o mesmo sentido de Kant, digo que nós, e todos os nossos colegas aí pelo Cosmos, fazemos parte da espécie transcendental. Imanente é cavalo, cachorro, pedra. E não adianta sonhar que se vai conseguir passar ao Impossível, que se vai encontrar alguma entidade do outro lado, porque não vai, e não há outro lado. Só se pode sonhar que se quer mesmo assim. No que se quer tanto isto, acaba-se fazendo um pouco mais barato. Por exemplo, não temos asas, queremos voar, então, por enquanto, andamos de avião. Mas é pouco, queremos mais. Esta é a história de nossa espécie hiperdeterminável e sempre se movendo de acordo com o movimento do Revirão. Vamos negando, multiplicando por menos-um e avessando: de escuro para claro, de quente para frio, de macho para fêmeo, e assim por diante e para sempre. Evidentemente que participamos com muito de nós na “imbecilidade cósmica”, como a chamava Nietzsche. Ou seja, ficamos tão acostumados ao que já há por aí que pensamos com frequência que somos **aquilo** que há por aí, como há por aí. E ainda ficamos com raiva daquele que não é igualzinho a nós. Somos capazes de fazer uma guerra imbecil e matar pessoas porque não são da mesma etnia, por exemplo. Isto é a imbecilidade que portamos de montão. Por outro lado, temos condição de escapar até mesmo dessa imbecilidade porque somos hiperdeterminados e **podemos** – como quem vai para a academia de ginástica conseguir uma musculatura maravilhosa – ter uma **Academia da Mente** de maneira a fazer os exercícios para ficarmos afiados em aspirar à referência de hiperdeterminação que para nós está disposta. Foi para isto que veio a psica-

nálise. Não só ela, pois outros exercícios espirituais de notório valor também pediram por isto. A psicanálise é um modo de limparmos a área da sujeira, de lama na qual chafurdamos, para chegarmos mais perto da hiperdeterminação. Há alguns ditos analistas que nunca perceberam que se tratava disso, mesmo estando assim declarado, mais ou menos explicitamente, desde os atos de Freud. Estamos, portanto, metidos na situação de sobredeterminados animaismente, mas também hiperdeterminados angelicamente pelo movimento de transcendência.

O movimento da Pulsão é de Haver para não-Haver. Isso esbarra e retorna e fica girando eternamente dentro do mesmo princípio pulsional: Haver quer não-Haver, não consegue, retorna, continua a ser Haver querendo não-Haver, não consegue, retorna e continua... eternamente.



É claro que tudo muda aí dentro, mas há o vetor de Haver para não-Haver. Escrevi **não-Haver** do lado de fora, para nos orientarmos, é claro que de maneira um pouco tola, pois não há não-Haver lá fora, nem dentro nem em lugar algum. E, no movimento em que queremos vetorialmente alcançar o não-Haver, o que há entre Haver e não-Haver? O que acontece aí? Quando fazemos um esforço muito grande de aproximar o transcendente que não há, exasperamos todas as nossas condições. Pedimos por algo que esteja completamente fora e que possa reorganizar todas as nossas dores, prazeres, sabores, *i.e.*, reorganizar e justificar o próprio empuxo da transcendência. Então, a coisa mais espontânea é que a humanidade, sem um teorema adequado – como este, por exemplo –, imaginasse esse lugar de exasperação e lá pusesse algo. Por isso, escrevo ali: HÁ-DEUS. Ou seja, podem tirar o cavalinho da chuva, pois não há nada aí – Adeus! –, mas é onde todos, sempre, colocam o que supõem

haver quando pensam que Há Deus. É a esse lugar de desistência da última instância favorável que, quando estamos exasperados, podemos recorrer – e recorreremos (na verdade, estamos recorrendo à nossa hiperdeterminação) – para sair da situação e, às vezes, saímos. Pensamos que cai do céu uma solução, mas céu é essa exasperação, o lugar que não há: apenas cria-se uma solução. Por isso, quanto mais primitiva uma pessoa, mais simplório, mais figural, é o Deus que inventa para colocar nesse lugar: um Deus bem parecido com o lodaçal de cá de baixo. Como só conhece isto, então inventa um Deus que é um boi, um veado, um personagem qualquer. Mas, à medida que a reflexão vai se refinando, encontramos em grandes místicos, por exemplo, a abstração forte disso. Mesmo chamando-o de Deus, trata-se de indicar esse lugar abstrato e que está é dentro de nós mesmos. Posso citar um que é o que mais prezo no Ocidente, Mestre Eckhart, que só escapou da Inquisição porque morreu a tempo. Embora tenha sido uma figura luminar da Igreja Católica, de tanto indicar que esta era nossa última instância, o Papa quase que o pega. Há, portanto, esse lugar de exasperação e de consolo, porque é o próprio lugar da possível Criação.

Vivemos, assim, numa perene movimentação em Revirão. Tentamos tirar o pé da lama com o movimento de hiperdeterminação, que nos propicia algumas criações artísticas, poéticas, científicas, filosóficas, místicas, sendo esta a condição da nossa espécie. Por isso, costumo dizer que, se é a isso que conduz o pensamento que tenho a oferecer, então **o estatuto da experiência chamada Psicanálise, é místico**. Seu fundamento é crer no conceito de Pulsão – se o tirarmos, acabou o fundamento da psicanálise –, mas o que lhe dá seu modo de funcionamento, antes ainda de ela existir e vir a criar o conceito de Pulsão, é seu estatuto místico. Lacan dizia que o estatuto da psicanálise é ético, mas hoje em dia fica um pouco difícil sustentar este termo com alguma dignidade. Quando digo que o estatuto da psicanálise é místico, alguns desavisados podem achar que se trata de runas, de horóscopo, de beatice, de pai de santo, mas estas coisas não são místicas, e sim religiões ou credices. O que define a especificidade do místico é o seu **afastamento** em relação ao Haver. Ele é aquele que faz exercícios espirituais pesados, de domínio da carne, etc., no sentido de se

afastar das pregnâncias do Haver e ficar disponível para além das marcações sintomáticas de sua sobredeterminação. Em última instância, é aquele que está absolutamente **disponível** para o que der e vier; para **bem dizer** o que quer que haja; para afirmar como divina qualquer coisa que houver. O místico é aquele que recebe a vocação do santo, isto é, para santificar o que quer que haja: da flor à merda, da merda à flor – tudo para ele em última instância é bendito, só porque tudo **Há**. O que dá, portanto, estatuto à psicanálise é a mesma vocação de operar o movimento pulsional em sua última instância de maneira a poder redimir a sintomática; a cada vez tentar ficar mais livre das imposições sintomáticas e aceitar o que der e vier; a usar enfim a disponibilidade para ser revirante: ser espelho, e não aquele que se olha no espelho, de modo a **poder** revirar o que quer que venha a comparecer. É claro que não conseguimos muito bem, pois o exercício (a ascese) é muito pesado, mas conseguimos um pouco. **O estatuto da psicanálise é místico** no sentido do afastamento radical das formações do Haver, para poder considerar o Haver como um inteiro em relação a não-Haver, o que é finalmente considerar a última das possíveis oposições. Para poder considerar o belo e o feio, o preto e o branco, o escuro e o claro, o macho e a fêmea e, em última instância, o Haver e o não-Haver como nos sendo **indiferentes**.

• Pergunta – *Então, não há transcendência, mas há o transcendental? Há uma transcendência imanente?*

Poderia até dizer, porque assim acredito, que há uma transcendência *em vazio*. É uma transcendência imanentizada. Porque a catoptria funciona na imanência, ela pro-põe e mesmo exige essa última instância.

• P – *Penso na imanência, na colocação de pensamento para a transcendência e imagino que o momento do Revirão é o momento de interface de alguma coisa, do quê?*

No caso do transcendental, é simplesmente exasperação de última instância. A experiência de morte, ninguém a tem, mas a de exasperação todos têm. Ou seja, de que não há mais nada para a frente, mas que estou requisitando o que lá haveria se houvesse. Então, ainda que, na decadência do movimento,

se venha a descobrir que era apenas uma passagem em interface de A para B, na exasperação não há B. Mas só existe a **exasperação** e a demanda de um Graal do outro lado, que aliás, não há.

• P – *Isso não é gozo?*

Perfeitamente. Se não se goza na exasperação, goza-se quando dá aquela quedinha para menos. Em última instância, o que importa é que tudo que se faz é no sentido de um **poder de gozo**.

• P – *Sendo o Revirão aquilo que nos habita, como esse momento expectorante, avessante, convive conosco? Seria, por exemplo, a realização ou realidade esquizofrênica?*

O Revirão não é aquilo que nos habita. Ele é o lugar onde nós habitamos. Não nós os humanos, mas nós as Idioformações de qualquer tipo ou jeito. E não se trata de Esquizofrenia: não penso assim, não me chamo Deleuze, ou mesmo deleuziano. Não diria que isso nos habita, digo que nós habitamos Isso. O reviramento é o nosso lugar, é o que há, é nossa morada. Ele não se manifesta o tempo todo, mesmo porque piraríamos se revirássemos sem parar assim. Precisamos de certas pousadas. Além do mais, estamos submetidos a poderosas massas recalcentes de dois níveis. À **formação primária**, da ordem do biótico, etc., e ao que vem secundariamente como lixo, resto, da nossa atividade, que é o que chamam de **cultura**. São massas recalcentes que não nos deixam quase nunca soltos. Então, ao contrário, somos a espécie que revira sim, que **pode** revirar, mas que tem muitíssima dificuldade de fazer isto. A cura, a santidade, sei lá o quê, seria cada vez termos mais disponibilidade de reviramento, mas não temos tamanha facilidade, ou felicidade. Quanto à esquizofrenia, é preciso ficar claro que não situo a psicose do modo como ainda a situam hoje. Portanto, não chamo isso de esquizofrênico. Se quiserem, podem chamar de uma *esquize-tice*, ou seja, algo que é partido entre *sim* e *não*, entre Haver e não-Haver, mas não acho que se constitua como uma esquizofrenia.

• P – *A psicanálise seria uma pedagogia do conhecimento?*

Pode ser, mas conhecimento de última instância. A psicanálise como pedagogia do movimento no sentido da hiperdeterminação. Demandar, chamar,

invocar a hiperdeterminação para que ela venha em nosso auxílio para sairmos um pouco desta e entrarmos em outra. Fernando Pessoa que o diga: o tamanho do seu pedido incontentável.

29/ABR

3

A Contrabanda

Tenho hoje a pachorra de repetir algo que já apresentei tantas vezes em diversas conferências. Implorei aos organizadores deste evento que fizessem uma gravação em vídeo para eu não precisar nunca mais repetir. Como vêem, ao meu lado há um telão para acompanharmos concretamente os detalhes da produção e dos raciocínios que vou expor. Como tudo está sendo gravado numa fita de vídeo, quem quiser poderá ter uma cópia para seu próprio uso e estudo. O interesse é trazer um modelo topológico capaz de servir, metaforicamente que seja, como simulação lógica do funcionamento de nosso psiquismo. É um recurso mínimo para trazer os raciocínios que necessito para apresentar a assim chamada Nova Psicanálise, ou melhor, NOVAMENTE.

Aqueles versados em matemática e que conhecem isto com mais profundidade do que tratarei aqui, por favor não pensem que estou tentando cientificar, transferir a alguma garantia científica o que estou dizendo de meu. Estou sim sugerindo que há um aparelho matemático que tem servido – serviu a Lacan, por exemplo, e de certo modo serve a mim – como metáfora para o entendimento do que se passa na estrutura psíquica. Peço-lhes, então, paciência para acompanhar certos raciocínios que são mais ou menos densos, pois é preciso uma seqüência acirrada e, como disse, aqueles que já conhecem apenas se lembrem de que estou usando um modelo. Um matemático poderia dizer que, se passo de um tipo de espaço para outro, algumas ocorrências do que vou trazer não seriam verdadeiras, mas não vou passar de um tipo a outro

de espaço, e sim manipular **objetos geométricos** de dois tipos diferentes de geometria para chegar a determinada construção de um objeto que sirva como metáfora da máquina, ou máquina-metáfora de produção que lhes apresento.

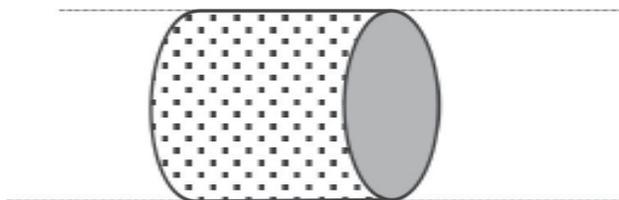
Nosso interesse é tentar colocar o que chamo de **Revirão**, desenhado de maneira que possa servir de orientação geométrica para nossos raciocínios.

Como se lembram, na geometria plana e espacial euclidiana, as formas são extremamente rígidas do ponto de vista lógico de sua construção. Quando efetivamente construídas, elas aliás jamais conseguem corresponder à rigidez lógica do pensamento euclidiano, pois é um pensamento idealista que imagina as formas numa tal pureza que seria mesmo empiricamente impossível, por exemplo, desenhar uma circunferência perfeita. O simples fato de se produzir a circunferência desenhada já é uma distorção segundo essa geometria idealizada. Mas nossa mente tem sido conformada por esse tipo de pensamento geométrico que, inclusive, é o que serve para o nosso cotidiano: a construção do nosso ambiente arquitetônico, das nossas roupas, da maioria dos objetos que utilizamos, pelo menos em sua macroforma, é orientada por essa geometria projetada sobre uma superfície plana, como é o caso dos objetos da geometria projetiva mais simples.

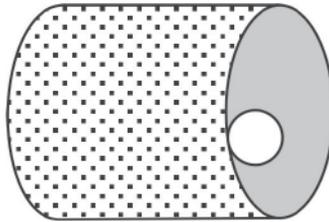
No pensamento euclidiano, as formas são rígidas. Não são pensadas concretamente, mas sim idealmente. A menor distorção as leva a uma modificação que agride e deforma também sua lei de composição. Uma circunferência é uma circunferência: uma curva plana fechada cujos pontos equidistam de um ponto fixo que fica no seu centro. O que já é dureza demais, pois é preciso haver uma superfície plana e sobre ela imaginar uma curva cujos pontos, todos eles, distam exata e igualmente de um ponto prefixado. À menor deformação, já não é mais uma circunferência, pode ser uma elipse por exemplo, ou qualquer outra forma. Se tomarmos qualquer outra linha desenhada sobre um plano, veremos também que está regrada do mesmo modo. A geometria euclidiana precisa, por exemplo, do conceito de linha reta, que Euclides nunca soube definir bem em seu *Tratado*. Diz ele que é ‘uma sucessão de pontos em direitura’ – o que não

quer mesmo dizer nada, pois se alguém andar simplesmente em direitura, esteja mais ou menos bêbado, o caminho vai ficar todo torto. Há, pois, uma espécie de intuição do que seja uma linha reta: um fio esticado entre dois pontos, ou algo mais ou menos assim. Então, sem a linha reta, não se pode imaginar uma superfície sobre a qual se projetem, no nível da geometria plana, todas as formas euclidianas. E também, sem esses planos, não se pode construir a regragem da maioria das superfícies em terceira dimensão, como cubos, paralelepípedos, prismas, pirâmides, etc. Há ainda as superfícies curvas, abertas ou fechadas, como a esfera, *i.e.*, a bola, que tem que ter ela também todos os seus pontos exatamente equidistantes de um ponto fixo situado no seu centro. Então, quando construímos empiricamente formas com regragem euclidiana, estamos sendo aproximativos, e não, construindo exatamente o que o idealismo desse pensamento exigiria como forma absolutamente regrada.

Uma coisa é importante nessa geometria. O que quer que, para além do ponto, compareça como objeto – uma linha qualquer, reta ou não; uma superfície, plana, esticadinha ou torta, etc. – sempre divide o espaço que habita em duas partes. Sempre há uma divisão, uma polarização, entre dentro e fora, lado direito e lado esquerdo. Se, por exemplo, tenho uma esfera, terei sua superfície na parte externa e na parte interna. O dentro e o fora estão absolutamente separados, não dá para passar continuamente de um para outro lado. Se temos duas paralelas e estamos andando sobre uma, não poderemos – ainda que supostamente elas se encontrassem num ponto do infinito – passar em continuidade para a outra, pois são absolutamente separadas. Vejamos um cilindro, que é uma superfície regrada pela linha reta, mas que é curva, fechando-se sobre si mesma, é infinitamente grande para os lados e termina em dois buracos laterais.



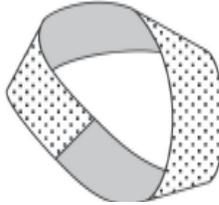
Também neste caso, como no de qualquer superfície euclidiana, plana ou não, no espaço, necessariamente se divide: um lado e outro, um dentro e um fora. Posso percorrer o lado cinza em sua extensão total, mas jamais conseguirei passar para o lado pontilhado, ou seja, passar de um semi-espaço para outro, de uma face da superfície para outra, sem estabelecer o que, na terminologia geométrica, chama-se de **furo** ou **traço**. Há que furar, agredir, a superfície, através de um só ponto que seja, para poder passar de dentro para fora ou de fora para dentro, da esquerda para a direita e vice-versa.



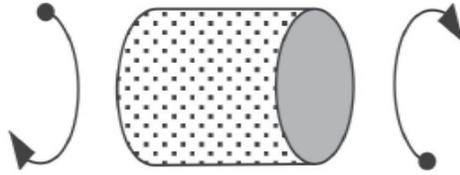
Depois da invenção de certa geometria que vem do final do século XIX e se desenvolve no começo do seguinte, nem todos os objetos pensáveis padecem da mesma limitação que acossa os objetos do pensamento euclidiano. Trata-se da **Topologia** – de *topos* e *logos*: discurso a respeito dos lugares ou lógica dos lugares; em latim: *analysis situs* –, que não tem a regragem dura, quantitativa, existente no caso da geometria euclidiana. Digo dura e quantitativa porque os conceitos que regem as formas rígidas da geometria euclidiana exigem indispensavelmente o regime da quantidade. Se digo que todos os pontos de uma circunferência ou de uma esfera distam igualmente de um ponto fixo, já marquei este igualmente com uma quantidade x de distância que deve permanecer a mesma o tempo todo. Se digo que determinada situação está a tantos graus de angulação de outra, estou medindo e ela será rígida e quantitativamente demarcada. A quantidade é, portanto, indispensável no pensamento euclidiano. Já a topologia não se interessa – imediatamente, pelo menos – pelas quantidades. Ela pensa seus objetos observando os pontos que os constituem e a relação de

proximidade, de localização relativa, desses pontos uns para com os outros. Isto significa que uma esfera numa bola de soprar, para ser euclidiana teria que ser absolutamente perfeita quanto à distância de todos os seus pontos na superfície em relação a um ponto que estivesse lá dentro, no centro, e bastaria apertar a bola para que ela se deformasse e já seria outra coisa, mas não uma esfera. Para a topologia o que interessa é saber que na superfície de uma bola dessas pode-se demarcar uma quantidade infinitamente grande de pontos, não importando a quantidade de extensão que os separa, e sim a posição relativa de um ponto para com outro, que um está antes e outro depois, etc., etc. Portanto, podemos amassar a bola, embrulhar uma folha de papel, que os pontos continuarão na mesma posição em relação aos outros.

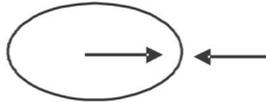
É como se fosse uma geometria de borracha. E o interessante é que ela pode ser operada num nível concreto, pois os objetos não são tão idealizados quanto o são na geometria de Euclides. Isto de tal maneira que construo os objetos e faço provas lógicas sobre eles. Por exemplo, quando tomo uma faixa que tem duas faces, se fechar a face pontilhada, construí um pedaço de cilindro no sentido euclidiano, com seu dentro cinza e seu fora pontilhado, como no desenho anterior. Mas existem objetos geométricos pensados pela topologia que não têm essa característica funcionando obrigatoriamente: não dividem o espaço em duas porções, não constituem duas faces ou dois lados da mesma coisa. Parece absurdo, mas é muito simples. Um matemático chamado Moebius, no final do século XIX, tomou uma faixa destas e, ao invés de fechá-la da maneira direta e obter um cilindro euclidiano, fez uma torção de 180 graus e fechou o lado cinza... com o pontilhado. Vejam que aconteceu algo estranho, houve uma passagem em continuidade do cinza para o pontilhado e do pontilhado para o cinza. Ele construiu a superfície que os matemáticos costumam chamar de faixa, cinta, fita ou **banda de Moebius**. Para esta banda, dadas suas características, Lacan inventou o apelido de **contrabanda**, que vem muito a calhar. A partir de agora, então, digo que há a banda euclidiana e a contrabanda moebiusiana.



Se operarmos lógica e efetivamente alguns raciocínios sobre uma banda como o pedaço de cilindro que lhes apresentei, tiraremos conclusões bastante claras a respeito de seu funcionamento. Em seguida, poderemos tentar operar estes mesmos raciocínios sobre uma contrabanda para verificar se funcionam. Esse caco, tronco de cilindro, regular ou não, foi recortado de um cilindro que podemos imaginar infinitamente grande, se pensarmos suas continuações para cá e para lá de suas extremidades atuais. Do ponto de vista euclidiano, tem uma face externa, pontilhada, e uma face interna, cinza. Suas características euclidianas necessariamente dividem o espaço em duas porções: se andarmos continuamente sobre a face pontilhada e retornarmos ao ponto de partida, jamais chegaremos à face cinza de dentro. A geometria euclidiana chama esse tipo de superfície de **bilátera**. Só é possível passar de um lado para outro por descontinuidade, fazendo um furo. Se, como disse, ela foi retirada de um cilindro infinitamente grande, para fazer isto tivemos que fazer dois cortes, o que significa que só opero este objeto se o estiver retirando de outro objeto. Terei, assim, construído um objeto que não é infinitamente grande e que, além de dois lados, também tem duas margens diferentes. Para provar isto, basta tomar um dedo e percorrer junto a uma das margens. Retornarei ao ponto de partida sem tocar a outra. Terei que dar um salto para percorrer a outra margem até retornar ao ponto de partida sem tampouco tocar a margem anterior.



Outra característica desta superfície é que, além de ter duas margens, pode ser abordada de dois modos diferentes. O que é ‘abordar’ uma margem? Numa piscina ou num rio, posso chegar à margem vindo da terra ou da água. Isto significa que essa superfície, para cada uma de suas margens, tem duas **bordas**. Se tomar uma flecha indicativa de sentido, posso chegar à margem vindo de fora ou de dentro e posso, também, mostrar que, se acompanhar com qualquer uma das flechas todo o percurso da margem, retorno ao ponto de partida com a flecha sempre no mesmo sentido. Portanto, estas superfícies euclidianas têm duas margens e cada uma de suas margens tem duas bordas.



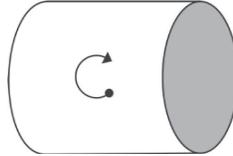
Se estou sobre a face de uma superfície bilátera e preciso tomar **sentido**, os matemáticos têm uma maneira precisa de saber como se **orientar** aí. Marcam um ponto e o fazem girar para direita, caso em que teremos um ponto destrógiro:



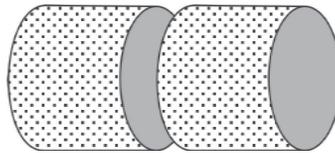
Ou para a esquerda, quando teremos um ponto levógiro:



Para saber se posso me orientar sobre a superfície da banda euclidiana, tomo um ponto, faço-o girar para a direita, por exemplo, e saio percorrendo toda a superfície sempre com o ponto girando para a direita. Verei então que retorno ao ponto de partida girando para a direita. Estou orientado: sei o que é direita, portanto, sei o que é esquerda. Posso então dizer que uma superfície euclidiana é perfeitamente orientável e que os pontos sobre ela são orientáveis.



Se corto a banda segundo uma linha mediana que saia de um ponto, percorra toda a banda numa de suas faces e volte ao ponto de partida, verei que, primeiro, foi preciso fazer um furo para passar de um lado para o outro, e, segundo, o corte produz duas superfícies da mesma natureza. O tamanho ficou menor, mas, do ponto de vista topológico, são ambas superfícies biláteras, euclidianas. Posso, então, dizer que a secção longitudinal mais ou menos mediana de uma superfície como esta, bilátera, produz duas bandas biláteras. E mais, que posso reconstituir o corte fazendo uma sutura e a retorno ao que era antes: ela volta a ser uma única superfície de duas faces.



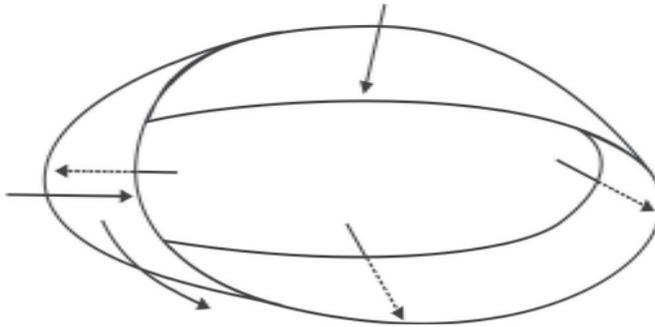
Se fizer um percurso por cima de uma das faces da superfície, sairei de um ponto da face pontilhada, por exemplo, e retornarei ao ponto de partida sempre sobre a mesma face. Mas se, como no segundo desenho acima, fizer um furo na superfície e levá-lo em consideração em meu percurso, a coisa muda muito. Parto de perto do furo, dou a volta na face pontilhada, mas quando che-

go no furo, caio e passo para a face cinza. Aí, dou a volta no cinza e quando chego de novo no furo, caio e passo para o pontilhado. Isto é outra coisa que não aquele percurso mediano anterior, pois esbarro no furo. Mas deixemos isto em suspenso para depois.

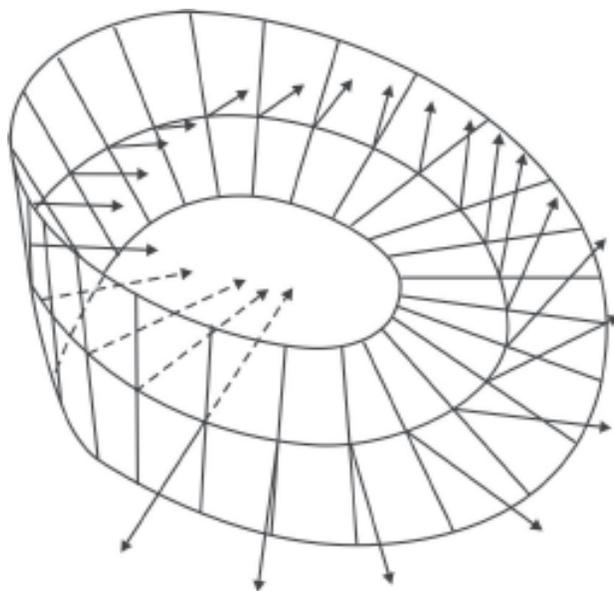
Agora, consideremos a superfície esquisita que Moebius construiu dando uma torção de 180 graus na banda euclidiana. Vamos, então, perguntar se ela se comporta matematicamente do mesmo jeito que a superfície euclidiana. Primeiro, ela divide o espaço em dois? Ou seja, considerando apenas sua superfície – que, no caso da euclidiana, como vimos, tem duas faces –, poderei colorir cada face de uma cor e continuamente passar de uma a outra sem elas se misturarem porque a banda de Moebius também teria duas faces? Vejam que, se traçar uma linha mediana sobre ela, farei o encaminhamento riscando a superfície e voltarei ao ponto de partida tendo percorrido toda a superfície com o traçado. Volta-se ao ponto de partida continuamente e não resta nenhum lado sem o traço. A torção que há nessa superfície produz uma continuidade tal que, caminhando sobre ela, volto ao ponto de partida e não terei um outro lado para apresentar. Que inferência posso tirar de um acontecimento como este? Que a banda de Moebius, logicamente, tem apenas um lado, apenas uma face. Seguro com meus dedos e penso que estou segurando duas faces, mas, logicamente, percorrendo o objeto como tal, ele só tem uma face. Ao me encaminhar continuamente sobre ele a partir de um ponto, regresso ao ponto de partida sem deixar nenhum lado virgem de meus passos. Vejam, portanto, que é um objeto matemático, uma superfície construtível, verificável lógica e concretamente que tem apenas uma face. Nela, não posso dividir o espaço, falar deste ou daquele lado, pois sempre estou do mesmo lado. Tampouco posso pintar de duas cores, pois as cores vão se misturar numa só. Os matemáticos a chamam de superfície **unilátera**, ao contrário da euclidiana que é bilátera, tem duas faces.

Mostrei que a superfície bilátera tem duas margens. Quantas margens teria a contrabanda? Pegando-a como faço agora parece, sensorialmente, haver duas, mas se repito a prova que fiz com o cilindro colocando-me ao lado de uma

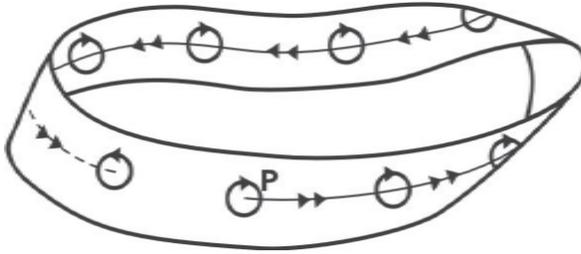
margem, irei rabiscando meu percurso e verei que percorro a margem por inteiro e retorno ao ponto de partida diferentemente do caso da superfície de Euclides em que uma das margens ficou intocada por estar distante. O que acontece na contrabanda é que percorro sempre a margem, retorno ao ponto de partida e não encontro ‘a outra’ porque toda a margem fica desenhada com o percurso dos meus passos. Então, esta superfície, além de ser unilátera, de ter uma só face, a margem que acompanho é uma só. Há continuidade plena da margem e ela retorna sobre si mesma sem ficar com outra margem disponível.



Pergunto agora: quantas bordas tem a margem comprovadamente única da superfície unilátera? Como disse, posso abordar a margem da superfície euclidiana vindo de fora ou de dentro, mas, no caso de uma superfície unilátera, que tem apenas uma margem, o que fazer se quero saber como abordar essa margem? Se fizer a mesma prova, desenhar uma seta para um único lado e, continuando a desenhá-la, voltar ao ponto de partida, verei que não consigo mantê-la do ‘mesmo’ lado. Como a contrabanda tem uma só margem, vai passar continuamente e chegar do ‘outro’ (mesmo) lado virada ao contrário. Se desenhei sempre virada para um lado, o que terá acontecido? Estou louco? Significa que não posso abordar uma superfície unilátera senão sempre do lado qualquer, pois ela só tem uma e não duas bordas. Cada margem tem apenas uma borda. Tudo é UM só neste objeto: **uma face, uma margem, uma borda.**



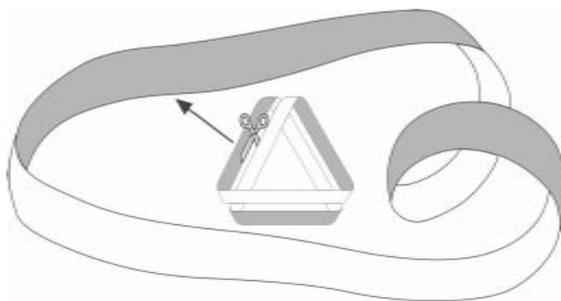
E os pontos, na superfície unilátera, são orientáveis? Como vimos, para procurar alguma orientação na superfície euclidiana, tracei um círculo em volta do ponto e o continuei desenhando girado para o mesmo lado até ele voltar ao ponto de partida. Descobri, então, que posso orientar os pontos para a esquerda ou para a direita que eles não mudam de sentido. No caso da banda de Moebius, se desenhar seqüencialmente um ponto destrógiro, por exemplo, até voltar ao ponto de partida, verei que quando passou pelo mesmo lugar ‘no avesso’ – mas não no mesmo ponto, pois ela só tem um lado – onde iniciei, ele vira levógiro. Coloco a banda contra a luz e vejo que o ponto desenhado do começo ao fim do percurso sempre girando para direita, ao passar pelo mesmo lugar, no ‘avesso’, passa girando para a esquerda. Isto porque, como dizem os matemáticos, os pontos ali não são orientáveis. Se estiver caminhando sobre essa superfície sem outra referência, nunca saberei se estou girando para a direita ou para a esquerda, o que, aliás, é muito importante na ordem das estrelas e da microfísica, por exemplo, onde as coisas não funcionam bem como em nosso mundo euclidiano de todos os dias.



Se os pontos são não-orientáveis, pois se comportam como querem, girando para a direita e/ou para a esquerda, serão eles orientados? Claro que não. Os matemáticos param em dizer que os pontos não são orientáveis, o que não é o nosso interesse, pois posso querer utilizar isto não como o espaço sobre o qual vivo, mas como uma máquina cujo funcionamento estou observando. Assim, no momento em que faço um furo nesta superfície, o que foi que fiz? Como que, no mesmo lugar onde fiz o furo, pespeguei um ponto que ora gira para a direita, ora para a esquerda. Ou seja, em meu interesse de observar isto como máquina de produção e não como lugar que habito, digo que, no lugar do furo, surpreendo um ponto que chamo de **Ponto Bífido** e que posso momentaneamente escolher que gire para um lado ou para outro. Dependendo do caso em que estiver operando, posso escolhê-lo girando para a direita ou para a esquerda, pois estabeleci um furo que junta as duas possibilidades de um só lado. Lembrem-se de que, quando fiz o furo na banda euclidiana, disse que, se fizermos um percurso escolhendo passar pelo furo, passaremos do pontilhado para o cinza e vice-versa, mas se, aqui, escolher um percurso passando pelo furo, ele passará sempre na mesma cor, pois a contrabanda não tem duas cores ou dois lados. Mas agora o percurso, se passar por dentro do furo, não é senão aquele mesmo euclidiano da banda bilátera.

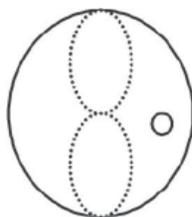
Vou agora fazer a prova do corte, como fiz com a banda de Euclides. Quando corto longitudinalmente a euclidiana, ela produz duas bandas da mesma natureza, mas quando corto uma contrabanda ela vira uma só. Se ela era UMA, se só tinha uma margem, uma face, por que iria virar duas? A banda que resulta tem algumas torções, mas estas não nos interessam deste ponto de vista

topológico. O que interessa é que a banda nova é absolutamente idêntica a uma banda euclidiana. Portanto, repetindo, uma superfície unilátera, quando cortada longitudinalmente pelo meio, não vira duas, e sim apenas uma que passa, isto sim, de unilátera a bilátera. Isto é facilmente demonstrável se marcarmos na contrabanda uma metade de sua largura no sentido longitudinal – e não uma face como fiz com a euclidiana – com pontilhado e outra com cinza. Em seguida, cortando segundo o percurso longitudinal que antes tracei, veremos que o resultado será uma banda bilátera com um lado inteiramente pontilhado e outro inteiramente cinza. Pergunto então: é possível reconstituir a banda bilátera que foi tirada de uma contrabanda por um corte longitudinal? Sim. Suturando-a, ela virará de novo a contrabanda que era e, no caso desta última que lhes apresentei, com duas metades no sentido longitudinal, uma pontilhada e outra cinza (mas com uma única face, é claro).



Continuando a considerar a contrabanda já construída e inteira, pergunto: do mesmo modo que pude retirar a banda bilátera de um pedaço de cilindro ou de uma esfera da qual se tiram duas calotas, de que superfície esquisita – com um corte só, pois a contrabanda só tem uma margem – poderia eu retirar a contrabanda? Esta superfície é possível, mas não dá para construí-la, só para conjecturar como seria. Ela teria uma só face, seria sem nenhum recorte, nenhuma margem, nenhuma dobra, como uma esfera que não fosse euclidiana, que não tivesse margem ou bordas, e na qual se passa de dentro para fora à vontade. Matematicamente pensada, esta superfície, cuja construção só é possível se for infinitamente grande e elástica, chama-se **gorro cruzado**, boné cruzado. Lacan,

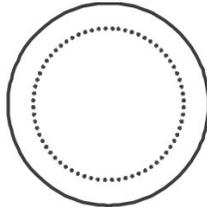
por causa da comparação com a esfera, apelidava-a de **asfera**. Mas o nome matemático preciso desta superfície é **Plano Projetivo**, o que é interessante, pois *plano* é um conceito da geometria de Euclides. Esta seria a superfície mais absoluta, mais abrangente de todas, mais capaz de receber qualquer outra, qualquer projeção, de qualquer jeito. Vamos, então, supor que o Plano Projetivo fosse algo como uma bola com uma torção por dentro, da qual bastaria fazer um furo, e retirar um pequeno círculo e ela se transformaria numa contrabanda. A contrabanda é, portanto, a asfera com um furo, a asfera menos um pedaço mais ou menos circular. Posso até fingir que taparei este furo. Procuro o perímetro dessa margem, construo uma circunferência com mesmo perímetro, depois vou suturando. Não conseguirei, pois precisaria de uma elasticidade quase infinita. Mas é como se pudesse tapar o furo reconstituindo o Plano Projetivo.



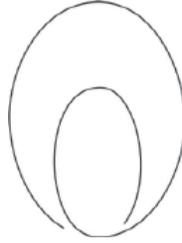
Observem ainda que, sobre uma superfície euclidiana – uma estrada, por exemplo –, posso separar duas faixas. Passo uma linha amarela no meio e divido em mão e contramão. Poderei perfeitamente, se o guarda não estiver olhando, passar para a contramão. Por isso, há que colocar algo muito vigoroso, como uma mureta forte, para me impedir de passar. Mas imaginem que eu esteja sobre aquela contrabanda dividida entre pontilhado e cinza. Aí, também nada impede que atravesse de uma à outra divisão, pois o trajeto é contínuo numa única face. Mas se cortar pelo meio, como fiz antes, um lado ficará pontilhado e outro cinza por inteiro. Já não terei mais como passar continuamente de mão para contramão. Só me restará percorrer o pontilhado ou o cinza.

Todos estes raciocínios indicam que, tomando a superfície unilátera como uma espécie de modelo metafórico para pensar o psiquismo, tiraremos

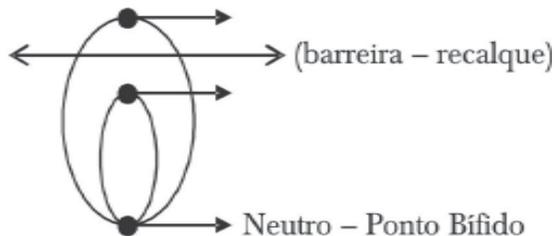
inferências as mais variadas das lógicas que vimos. Então, para o desenvolvimento dos meus teoremas, tal como os apresento aqui, preciso afirmar que **a estrutura de última instância de nosso psiquismo é uma contrabanda**. Lacan já utilizara a contrabanda para falar do que ele chama de *sujeito*. Não estou falando disto, e sim dizendo que o modo de funcionamento do psiquismo humano, nossa estrutura psíquica, se constitui como uma contrabanda. Temos, pois, que pensar quais operações são feitas por nosso psiquismo e podemos utilizar esse modelo como guia para pensar as lógicas desta operação. Para tanto, não ficarei sempre me referindo à contrabanda construída do modo que lhes mostrei, mas procurarei algo que possa representá-la sobre uma superfície plana. Assim, poderei escrevê-la num papel, colocar num quadro-negro, etc. Se tomar uma superfície euclidiana como a que cortei no meio e traçar seu percurso longitudinal sobre uma de suas faces, vejam abaixo a figura que tenho. O pontilhado é para indicar que tem outro lado, como se sua espessura fosse muito grande, que faço dois percursos – por cima / por baixo, por dentro / por fora – e os dois ficam parecidos como uma rodinha.



Agora, que figura desenho ao fazer um percurso longitudinal sobre a contrabanda? Podemos usar um arame, colocando-o sobre o meio da superfície até chegar ao ponto de partida. Teremos, então, uma curva que os matemáticos chamam **oito interior**. Notem que há uma passagem por cima e outra por baixo. Quando considero a curva projetivamente sobre o papel terei o desenho abaixo como representante do percurso sobre a contrabanda, assim como pude considerar a rodinha como representante do percurso de Euclides.

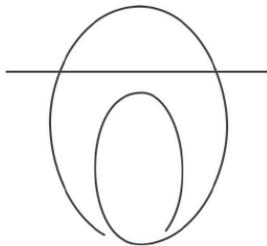


A partir de agora posso pensar com este desenho, bastando que conjecture todas as regras que existem sobre a superfície de Moebius. É, pois, o que se chama **oito interior** que, para uso em psicanálise, apelidei **Revirão**. Por quê? Relembro que não estou considerando que habito este espaço. Se assim fizesse, não poderia dizer matematicamente o que vou dizer. Esta superfície assim constituída, penso-a como a máquina lógica que tomo como metáfora dos movimentos do psiquismo humano. Ela só tem um lado, só tem uma face, mas posso pensar que – ao contrário da superfície euclidiana, onde tenho um e outro lados e só passo de um para outro mediante agressão –, **por continuidade**, passo de qualquer ponto a qualquer outro. Marcarei um ponto como primeira passagem (+). Continuo, dou meia-volta e esbarro com o mesmo ponto – como vimos, a distância não interessa aqui –, mas é a segunda passagem, que marco (-). Se desenho um ponto orientado para direita, quando chegar à segunda passagem, se o observo como máquina externa, ele está para a esquerda. Então, virou ao contrário e posso considerar a primeira passagem, direita, e a segunda, esquerda, como opostas.



Vamos conversar em regime psicanalítico, e não matemático. Para marcar a passagem de uma posição à sua oposta – porque é oposta: virou ao contrário em algum lugar que nunca saberei onde fica –, posso fingir que foi onde fiz o furo com a tesoura. Ou seja, em algum lugar mais ou menos mediano, isso virou ao contrário. Repetindo, então, como espaço habitável, não vira ao contrário, não é demarcável, mas, como máquina, marco um ponto e posso dizer que a primeira passagem do percurso é (+) e a segunda inverte (-). O terceiro não é nem (+) nem (-). É o lugar onde revirei e que chamo de Neutro. É o ponto não-orientável dos matemáticos, que chamo de **Ponto Bífido** – pode-se escolher qualquer lado para ele –, e é uma passagem do positivo para o negativo – e vice-versa. Uso este objeto matemático porque nosso psiquismo, comprovadamente através dos milênios de estudo, de declaração das pessoas, etc., funciona exatamente assim. Diferentemente dos animais, que têm demarcações fixas, o que quer que seja colocado para nossa espécie, ela pode pensar o contrário. Pode mesmo querer e produzir esse contrário. Por exemplo, agora é noite, mas estamos aqui com tudo iluminado nesta sala. Algo na mente humana fez um percurso longo, através de movimentos simbólicos, etc., de maneira a poder intervir na ordem dita natural e reverter as coisas – o que, em última instância, aparece como resultado na tecnologia.

Podemos perfeitamente fazer uma barreira qualquer e não querer considerar um dos pontos, um dos lados da questão – como, aliás, costumamos fazer e também a natureza se apresenta assim. Podemos colocar uma linha no meio da banda e dizer “é proibido passar”, como podemos fazer um muro e dizer “não dá para passar, porque é muro” e só considerar um lado de toda e qualquer questão.



Na chamada Natureza, no que nos é apresentado espontaneamente, está tudo demarcado assim: dia/noite, preto/branco, rosa/azul, macho/fêmea – aí tudo é opositivo. Quando é noite, é noite, não tem dia, e vice-versa, mas nossa cabeça não é constituída como uma banda bilátera, em que se é isso, não tem outro lado. Para nós, se é isso, é isso sim, mas não podia ser justo o contrário? Está muito escuro, eu queria que fosse claro... Levamos milênios reclamando no escuro até conseguir descobrir como se faz o fogo. Mais alguns milênios, e temos luz elétrica. Já pensaram como um troglodita ficaria besta com todo mundo na praia à noite e tudo claro? Ter essa cabecinha maluquete como a nossa é o que cria todos os problemas da humanidade, mas também muitas soluções desses problemas. Se na concretude dos objetos que chamo de primários – os objetos corporais, naturais, etc. –, as coisas já vêm marcadas, mão e contramão já estão estabelecidas, nossa mente diz: “isso é relativo, isso muda”. Vocês poderiam argumentar que é, por exemplo, impossível atravessar uma parede. Mas não se inventou a porta, mediante a qual passamos de um lado para o outro?

A história da humanidade é essa brincadeira de dizer *não* às realidades. Muitas pessoas morreram tentando voar, mas um dia levantamos vôo. Não nascemos passarinhos, mas queremos voar e voamos. Resta saber quanto custa. Podemos pagar o custo de nossa rebeldia? Às vezes sim, às vezes não, mas continuamos insistindo. Morrem trezentos, mas o trezentos-e-um faz. A única **impossibilidade absoluta** é passar a Não-Haver, pois Não-Haver não há. Todas as outras **impossibilidades** são **modais**. É muito caro hoje mudar o sol de lugar quando ele nos atrapalha, não temos técnica e potência de força para deslocá-lo, mas quem sabe? A humanidade resta dilacerada entre a carece da obediência às formas constituídas e a revolta contra essas formas, a mudança e a construção de coisas novas. Esta humanidade que conhecemos não é necessariamente da espécie dos primatas. É um bicho doido, maluco, mais parecido com um ET do que com um macaco, que já deformou a face do planeta. Se não, estaríamos aqui no escuro cheio de mosquitos e sem esta boa temperatura refrigerada... Já fizemos muito, mas há muito por fazer, muito mais do que já fizemos.

Então, para organizar tudo isto, uma vez que somos macacos portadores da máquina Revirão que vira tudo ao contrário, nossa espécie, ao invés de evoluir

biologicamente e se transformar corporalmente num monstro capaz de ter todas as faces, trocar de cor, de sexo, de cabelo a qualquer hora, como gostaria um Darwin, ela começa a secretar um *posticho*, capaz de mapear as coisas mesmo que não possa transformá-las. Este posticho são as linguagens, as línguas que falamos, os aparelhos discursivos, as invenções de ciência, filosofia, religião, etc. É a isto que chamo de **Secundário**, o qual tem a mesma estrutura do **Primário** que a Natureza deu espontaneamente, com a diferença de que é *soft*. Secretando esse *soft*, esse posticho, podemos fazer mil conjecturas, até acharmos uma linguagem que fica parecida com o funcionamento duro, *hard*, do Primário e nele intervir mediante este conhecimento, esta linguagem. É assim que vimos funcionando: como macacos primariamente constituídos, mas piradinhos, querendo o assim e o assado também, e secretando um posticho que, aplicado sobre o Primário dado, quando temos poder, potência, força, condições e podemos pagar o preço exigido, conseguimos transformar esse Primário.

Nossa espécie é, portanto, portadora de um psiquismo, por sua vez, cheio de formações secundárias – que chamamos de cultura: um entulho de milênios –, que, também ele, começa a fazer peso, a atrapalhar a vida. Ou seja, acreditamos tanto numa dessas invenções – secretadas secundariamente porque temos o Originário, o Revirão –, que, de repente, começamos a achar que é natural e não conseguimos mais passar por cima: viramos neuróticos sintomáticos e achando que não podemos mudar uma regra que é só uma regra de comportamento, por exemplo. Acostumamo-nos a determinados comportamentos e passamos a tomá-los por naturais, quando são apenas um vício nosso, uma neura, um recalque, que não nos deixa maleabilidade para transitar à vontade de um lado para outro. Mas o específico desta espécie é a possibilidade, pelo menos, de revirar. Qual a diferença entre uma interdição e uma impossibilidade – modal que seja – dada? Temos que organizar a vida social de algum modo. Se qualquer coisa valer, fica tudo meio perdido. Aliás, nem adianta valer qualquer coisa, pois o empuxo do Primário, da carne, etc., é de uma forte imbecilidade, então, sempre tendemos a cair na repetição das coisas dadas. Há, portanto, que ter um processo de regragem que permita tanto nos afastarmos do natural cons-

truindo coisas novas, quanto levarmos em consideração, às vezes como necessárias, as imposições do natural. Ou seja, que permita um jogo de duas faces.

Para que serve uma lei? Para interditar, proibir. Não se faz uma lei para dizer que “você tem o direito”, mas sim para afirmar que “você não pode isto ou aquilo”. A lei vem tentar traçar a fronteira que não existe no Revirão, vem tentar fazer uma barreira para dizer que “só pode de um lado, e não do outro”. Uma interdição serve para quê? Para imitar a ordem do Primário: fingir que há algo meio natural que proíbe. Mas se acreditarmos em interdição como se fosse natural, não há mais crescimento possível, pois há momentos em que há exigência de variação. E mais, uma interdição, se imita o que é da ordem da impossibilidade, não cria uma impossibilidade, mas só uma proibição mesmo. “É proibido casar com a mamãe” – chama-se a isto “interdição do incesto”, mas isto não é impossível, como tampouco é impossível desejá-la. Não é proibido desejar a mãe, e sim ter filho com ela. Aí vêm todos os problemas da psicanálise. Nossa mente tem movimentos pulsionais vigorosos que esbarram em certas impossibilidades naturais, espontâneas, ou em certas proibições que o grupo ordenou para sua sobrevivência. Devemos ser obedientes? Mais ou menos, para funcionar... Mas se acreditássemos piamente na obediência, estaríamos até hoje morando em cavernas. Não devo, de modo algum, acreditar em interdições, nem em impossibilidades. Devo, sim, usá-las. Então, como fazer? Vamos ver. Se quiser muito passar para o outro lado da estrada, quem sabe, damos um jeito, fazemos um percurso meio lateral, damos a volta sem bater, e, assim, constitui-se um novo modo de percurso da estrada que, depois, vira moda para todos.

Espero que tenham acompanhado o percurso lógico que apresentei, pois vamos partir desses raciocínios para entender o que é um recalque, o que são as formações culturais, as formações nosológicas, as neuroses, psicoses, morfofosos enfim, essas coisas de que sofreremos.

• Pergunta – *Há gente que ainda está vivendo no escuro e com mosquito. Como é o psiquismo nas sociedades ditas primitivas? Eles não têm Revirão?*

Se são de nossa espécie, têm Revirão. Se não, não fariam nada. Não haveria construção cultural alguma, por mais primitiva que fosse. Mas se a humanidade partiu de condições muito precárias, paupérrimas e mesmo assim foi construindo e acumulando invenções, poesia, arte, atos inventivos, é porque o Revirão lá estava, só que extremamente recalcado. O simples fato de termos um corpo de macaco, mesmo que privilegiado e inclua a máquina de reviramento, já faz com que tenhamos essa máquina calada em noventa por cento, pois há que fazer concessão demais ao macaco para ele conseguir sobreviver. Se ele morrer, leva a máquina junto. Já pensaram na quantidade enorme de limitações que uma pessoa tem, só no seu corpo? Por exemplo, não nasci com asas, mas quero voar. Quantos milênios custou à chamada cultura, à história da humanidade, conseguir pagar o preço, arrolar a tecnologia necessária para dizer que também sou um passarinho? E naqueles que você está considerando tão primitivos, por piores e estúpidas que sejam suas culturas – e algumas são estupidiíssimas, levam séculos funcionando do mesmo jeito –, encontramos muitas tecnologias pequenas, mas bem montadas: sabem fazer fogo, casa, costurar.

• P – *Como você vê o aumento das intervenções químicas sobre os comportamentos? O caso dos medicamentos?*

É moda. É uma fase mesmo necessária. O último período de produção intelectual deste século foi votado demais à ordem simbólica, e o desenvolvimento da intervenção direta no nível Primário ficou meio parado. Esta mesma implicação simbólica que durou três, quatro décadas, muito acelerada, conduziu a pensar o óbvio: por que não pensar isso no nível da intervenção direta no Primário? O esquisito é algumas pessoas suporem que as coisas já foram encontradas, quando não foram. Nem de um lado, nem do outro. Precisamos dos dois lados. Um problema sério de hoje é o da transmissão pela mídia. Abre-se o jornal e lemos as coisas mais estapafúrdias que o cientista nunca disse. O que temos é, na verdade, o entendimento precário de algum jornalista e a vontade de fazer escândalo, pois vende jornal. O cientista nunca disse as tolices que vemos publicadas, não é assim tão estúpido. Quando lemos seus livros vemos que, no

máximo, o que disse foi que determinada coisa talvez esteja correlacionada com determinada outra numa porcentagem x , o que é mera correlação, e não determinação. Alguns jornalistas acham que falar fácil para o povo é mentir, omitir, dizer que foi encontrado o não-sei-o-quê do hormônio que causa x . Portanto, não há que coibir a pesquisa. Há, sim, que mapear o cérebro todo. Quem sabe, no futuro, isto, no trato psicológico do neurótico, venha ajudar a propiciar-lhe uma soltura sem grandes efeitos secundários. Quanto mais conseguirmos, melhor. Só não é possível acreditar que se cura câncer com psicoterapia, ou que se elimina psicose com injeção.

• P – *Como fica a relação das transformações contínuas da cultura com as concessões que sempre temos que fazer?*

Fica aos trambolhos. É o sopapo que acontece hoje. Estamos no ritmo do sopapo e sobrevivendo ao ritmo do tropeço. Isto porque o crescimento tecnológico de conhecimento, o acúmulo e a massa de produção secundária cada vez são maiores e mais rápidos, mas a preparação das pessoas é lenta demais. Em função mesmo do ritmo veloz de produção orientada pela visão capitalista – e não há outra, hoje –, poucas pessoas estão na frente manipulando a tecnologia, com a cabeça adequada a esta riqueza e a maioria não tem acesso. E não porque alguém tenha proibido, mas porque o ritmo não deu. As grandes questões de nossa época, nossas questões políticas contemporâneas sérias, são como manter a economia na relação estapafúrdia – em nível interpessoal ou internacional – de termos verdadeiros macacos humanos convivendo com o satélite artificial. Não há condição de operação educativa rápida para isto. E mais, há o fenômeno de que, para as pessoas se adequarem ao mundo e às condições de vida em que vivem, começam por ser recalçadas, mapeadas, por sintomas e perdem completamente a flexibilidade que teriam se fossem educadas de modo menos estagnado, o que não acontece. Nasce o bebê e, com o passar dos anos, assim como na etologia do zoológico, do comportamento de cada espécie animal, a espécie humana começa a ser subdividida. Ou seja, embora nossa espécie tenha a possibilidade de reviramento, está tudo tão estagnado, tão localizado, que já começa a aparecer como novas espécies – que chamo de

neo-etológicas – que não mais conseguem se afastar de seu *design* cultural. Passada certa idade, vira um costume, o cérebro fica mais lento, e não se revira tanto mais. Não que se tenha perdido a possibilidade de revirar, mas a massa de recalques que está em cima pesa tanto que aquilo não mexe mais.

Como disse, para todos revirarem rapidinho desde sempre, seria preciso uma infância extremamente educada. Ser bem educado no regime da cultura mediana, é aprender determinado tipo de repressão e recalque e se transformar num bicho de tal espécie, de tal classe, ao passo que ser educado para valer, com riqueza, é sermos tratados com o máximo de diferenças informacionais. Aí, então, fica-se com disponibilidade cada vez maior. É preciso fazer análise desde o útero, sem parar e continuar trabalhando... Isto porque a disponibilidade se fecha. Há recalque demais. Não pensem que a disponibilidade está solta. Ao contrário, é soterrada por uma quantidade enorme de recalques do Primário, da matéria, da natureza, da vida, do biológico, e, depois, soterrada pelo lixo cultural que, quando nascemos, já encontramos, e por uma porção de gente achando que aquilo é de verdade. Para atravessarmos isso tudo e sair do outro lado, quanto custa? Custa muito estudo, muita análise...

• P – *Parece que quando você comenta que não pertencemos a esse conjunto, é como se fossemos ETs. Então, desobedecemos. Aí é que vem o nó. Talvez a desobediência seja a obediência, justamente porque o mecanismo de reviramento faz parte, e não há como deixar de obedecê-lo e é isto que faz a coisa funcionar.*

Seria assim e eu aplaudiria você até o final da noite... se não houvesse o recalque. O reviramento existe como disponibilidade, mas não constitui um *imperativo* moral. Temos a possibilidade, mas **nada obriga**. Não há exigência alguma de fazer isso. O que se tem é um desejo desvairado que, de repente, se encaminha para lados poéticos. De modo geral, se encaminharia mais se não déssemos tanta bola a tantos recalques. A obediência, como você diz, seria desobedecer ao recalque. Acho mesmo que ser da minha espécie é obedecer ao reviramento, e não o contrário. Mas não é fácil assim, pois não é imperativo, e sim disponibilidade, possibilidade. E a maior parte de nossa história, no tempo

e no espaço, está é cheia do recalçamento disso. A psicanálise, que trouxe um pouco de visão da nossa bobagem cotidiana, só tem cem anos. Estou aqui me esforçando para ver se ela entra em outro século, mas podem não deixar, ela pode acabar...

• P – *No entanto, aos trancos, obedecemos porque evoluímos...*

Nós não, alguns obedecem, os chamamos poetas, como aliás todos devíamos ser.

• P – *Ao que você atribuiria o atual interesse exacerbado pelas práticas esotéricas?*

Em primeiro lugar, temos que perguntar o que estão chamando de esotérico. O termo está adequado aí? Esotérico, diferente de exotérico, é algo oculto, que não se diz, não se sabe. Portanto, as práticas que vemos não são muito bem esotéricas, pois há pessoas que sabem absolutamente e até dizem que são científicas. Como elas sabem do que estão falando, não há esoterismo algum. Esotérico é o Inconsciente, pois não se sabe tudo que há lá dentro. Talvez seja melhor perguntar: por que, neste momento de crise total, de deslanchamento absurdo da velocidade comunicacional, da ascensão parabólica, vertiginosa, de descobertas de conhecimento, uma grande quantidade de pessoas está se voltando para aparelhos velhos, puramente de construção de cabeça, de repetição de modelos religiosos? Como não têm condições de acompanhar o procedimento para a frente, ficam em pânico, sentem-se angustiadas com esse movimento crescente e correm para trás, para se segurar em qualquer coisa, não importa se funciona ou não, agarram-se ali e constituem rebanho para sobreviver psiquicamente. Mas esta fase vai passar, pois não se sustenta e, em última instância, resulta em cada vez mais conflitos.

Portanto, repetindo, esotérico mesmo é o Inconsciente, já que não se sabe tudo que há lá dentro. Esotérico é o átomo que pensamos que conhecemos, mas não conhecemos. O que temos são multidões assustadas sem conseguir acompanhar o movimento da quebra de reconhecimento absoluto de fundamentos. Tudo se relativizou, e não porque é moda, mas porque descobriu-se que é relativo. Por exemplo, constituiu uma teoria, escrevo-a, é para ter fé nela? É

só uma ferramenta, não façam disso alguma religião. Se esta ferramenta não ajudar a operar o mundo, que vá para o lixo. Mas não é assim que as pessoas funcionam mais comumente. Elas sintomatizam, fazem de qualquer coisa um fundamentalismo qualquer e acreditam tanto naquilo que, quando um outro que não acredita naquilo passa do seu lado, elas acham que o outro deve morrer. É a situação em que estamos: desenvolvimento exacerbado e estupidez exacerbada – ao mesmo tempo. A saída é procurar alguma cura. Não será fácil. A tecnologia tem duas faces, tudo que inventamos movidos por uma vontade poética de criar o novo, imediatamente cai na cultura, vira uma batata quente e começa a pesar sobre nós. O movimento de se manter no surfe da situação é que é o importante. Se acharmos que só porque o avião foi inventado, isto é o máximo do máximo e, a partir de então, temos que fazer do avião um deus que não nos possibilita mais pensar outras formas de vôo, estamos ferrados. Mas é o que se costuma fazer: os objetos produzidos por nós caem na cultura com a mesma força dos objetos naturais e começam a pesar em nossas costas. Temos que ter liberdade diante deles, se é que esta palavra serve.

• P – *Uma definição esotérica de idolatria é transformação de meio em fim.*

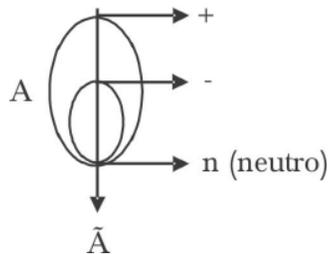
Tem sido dito desta maneira, embora devo confessar-lhes que, uma vez que começo a pensar no regime do Revirão, uma série de conceitos e maneiras de dizer fica prejudicada para sempre. Neste caso, por exemplo, não sei o que é meio ou o que é fim. Essas fórmulas têm nos ajudado a sobreviver, mas com o pensamento analítico de assunção do processo de Revirão, já não nos ajudam muito mais. A palavra *paradoxo*, por exemplo, muito cara ao pensamento filosófico, refere-se a algo que não existe. Costumamos chamar assim a um emperramento fraseológico, mas um bom poeta é capaz de desemperrar na frase e na ordem lógica das coisas, pois sabe que paradoxo é simplesmente não conseguirmos continuar o processo e vermos que uma coisa pode revirar ao contrário. Não há paradoxo algum, nem na língua, nem no Haver, o que há, sim, é Revirão.

27/MAI

4

O Recalque

Da vez anterior, falei que sobre a máquina topológica da contrabanda: num percurso longitudinal mais ou menos mediano, desenha-se um oito interior que pode ser assim projetado numa superfície plana:



Esta figura nos serve de protótipo para a suposição que fazemos de como é basicamente a estrutura psíquica, pois justamente podemos surpreender um ponto (+), como uma estada de nosso percurso, e caminharmos o suficiente, em continuidade, de maneira a virmos ocupar o segundo lugar (-). Mesmo que um ponto continue percorrendo orientado, digamos, destrogiramente, na direita, quando comparece na outra posição em relação à sua posição anterior, virou ao contrário, como se houvesse um radical avessamento dos vetores. Também não interessa pensar isto como um aparelho matemático para o qual, a superfície sendo a mesma, em qualquer lugar o ponto é o mesmo, e, portanto, não-orientável.

O que interessa são as passagens e as relações recíprocas. Efetivamente, a orientação parece ter sido trocada e podemos supor que esta troca se deu, em algum lugar, em algum ponto solto por ali, marcado como terceiro, neutro (*n*). Marco este ponto, mas é claro que não é lá onde o marco, pois não sei onde marcá-lo. Recolho, então, de novo, aí onde fica ambíguo – nem para um lado, nem para o outro –, o ponto não-orientado dos matemáticos, dizendo entretanto que é um **ponto bífido**, pois posso tomá-lo para um ou outro lado. Assim, posso (não vivendo dentro deste espaço, mas), convivendo com essa maquininha como aparelho de produção, ter aí um protótipo em contrabanda que se projetou no que chamo de **Revirão**, que é o aparelho por inteiro, no qual, para cada posição, bastando uma continuidade de percurso, encontramos justamente a posição contrária, o avesso radical e, em algum lugar, teremos virado.

O Revirão, como que desenhando, apresentando, esses movimentos sobre a contrabanda, vem me oferecer um gráfico bastante facilitador para pensar e anotar acontecimentos do psiquismo. Isto me orienta cada vez melhor à medida que o gráfico representa algo cuja lógica pode segurar toda a construção do edifício. Se tomar a contrabanda como uma estrada, tendo-a dividido longitudinalmente pelo meio passando uma linha, posso colorir um lado de uma cor e outro de outra, percorrê-la por inteiro – digamos, em mão e contramão – em cima de uma única cor, sem passar para o outro lado ou para a outra cor, e estabelecer condições de não-travessia para não transgredir e bater de frente com quem viesse na contramão. Ora, de que maneiras posso evitar que alguém passe da mão para a contramão? Fazendo um impedimento concreto, um muro, por exemplo, para que ninguém possa passar: se não quebrá-lo, não teremos corporalmente condições de atravessar. Outra maneira é fazer uma interdição na regra simbólica dizendo: “É proibido passar”. Posso até forçar a barra: “Quem passar pagará multa”. Ou pior, se o guarda estiver vendo – e colocam-se guardas durante todo o percurso, pois o simbólico é muito frágil e precisa da polícia –, afirmar: “O primeiro que atravessar não só leva multa como vai preso”. Eis aí uma maneira entre concreta e simbólica de interditar a passagem.

Aproveitando, então, esta colocação sobre interdições e possibilidades de passagem ou não-passagem, introduzo nesta série de palestras o conceito que, para Freud, era a pedra angular – ele poderia ter dito “pedra fundamental” – de todo o edifício da psicanálise. Pedra angular, como sabem, numa construção em pedras na qual umas estejam escorando as outras, é aquela que, dada sua posição, está segurando as demais. Se a puxarmos, toda a estrutura desaba. Freud achava que seu conceito de **Recalque** (*Verdrängung*) era a pedra angular de todo o edifício da psicanálise. Depois dele, isto foi deturpado, cada um enveredando por um caminho. O próprio Freud, apesar de ter colocado assim, fez alguns resvalos em relação a essa tal pedra angular quando teve, sobretudo, que pensar a psicose. Deixou margem para os que vieram depois heterogeneizarem radicalmente o campo. Lacan, por exemplo, concebe a psicose como heterogênea em relação à neurose, propondo para ela um conceito radicalmente diverso, que não inclui necessariamente o recalque. Como verão, estou retornando a tomar o conceito de recalque com Freud e o recompondo, num aparelho renovado, como efetivamente a pedra angular da psicanálise.

Freud supunha que recalque decorria de que havia algo chamado **Inconsciente**, um grande campo, que não só estava cheio de algumas coisas das quais não temos consciência porque não temos mesmo, como também estava repleto de outras que, em nosso percurso, tenhamos delas tido ou não direta consciência, foram tomadas por um processo repressivo tal que se esconderam, se isolaram, sem mais acesso à consciência. Seria preciso, então, realizar um trabalho enorme de análise e de elaboração para desentulhar o caminho e possibilitar a esse recalcado retornar de maneira consciente. Isto porque, de maneira inconsciente ou não-consciente, ele apostava que o que quer que fosse empurrado para lá tendia a retornar. É a idéia *princeps* de **retorno do recalcado**. Mas, segundo dizia, isso não retorna conscientemente, porque há muita coisa barrando esse retorno. Então, isso retorna fazendo acordos, tecendo compromissos, e outras transações possíveis, de maneira que, mais freqüentemente, retorna como sintomas, dos mais diversos tipos: ritual obsessivo, paralisia histérica, etc. Era preciso, portanto, não se interessar tanto pela leitura do sintoma, que

só aparecia como indício do que estaria recalçado por trás dele para que viesse à tona.

Contudo, para fundar o conceito de recalque *tout court*, esse recalquezinho de nossa neurose cotidiana, o protocolo teórico de Freud exigia uma razão ou um precursor, algo originário por trás e antes desse recalque, como sendo o que facilitaria, ou mesmo seria condição de seu aparecimento. Ele se perguntava: Por que esta nossa espécie que pode deixar de tudo passar pela sua cabeça acaba recalçando algumas coisas? Há que haver um modelo anterior, uma possibilidade já dada de recalçamento. Freud, então, inventa o conceito de **recalque originário**, embora nunca tenha conseguido explicar muito bem o que ele fosse e não nos desse idéia alguma que bem servisse para explicar, em relação pelo menos ao recalque, a verdadeira razão de haver um recalque secundariamente surgido. Pensou, então, em fazer do recalque originário simplesmente uma idéia abstrata, mais ou menos mítica, que pudesse servir como fundamento, mediante um postulado, e nos pedindo que o aceitássemos. Com outras pinceladas, pode até ter inventado várias coisas para configurar esse recalque originário, mas nunca o definiu direta e logicamente. É claro que, em outros teoremas, de outros analistas, cada um inventou o seu recalque originário. A meu ver, não muito satisfatórios. E, não tendo gostado deles, propus o meu.

No percurso que fiz, fundamentando-me não no conceito freudiano de recalque, mas no mais ulterior de **pulsão de morte**, deparei-me com uma única frase lógica que me parece sustentar o edifício inteiro – não só com os fundamentos, mas também com a pedra angular – numa única configuração do conceito de **Pulsão**, que escrevo, em última instância, como: **A→Ã** ou **Haver quer não-Haver**. Ora, como já disse diversas vezes, se Haver quer não-Haver, está pedindo o **impossível**, já que o não-Haver, como seu nome está dizendo, simplesmente não há, mas, enquanto o deseja, enquanto pedinte ou aquele que demanda algo, o Haver requer de qualquer maneira esse impossível. Sendo entretanto impossível, certamente que o Haver vai quebrar a cara, retornar como Haver e continuar pedindo esse impossível e sempre quebrando a cara

e retornando, assim por diante e infinitamente. O importante no esquema que apresento é que o movimento libidinal não demanda senão o seu próprio desaparecimento. Em linguagem vulgar, ele pede a própria morte. Por isso, Freud o chamou pulsão “de morte”. Mas a palavra “morte” não é necessária aí, pois o que o movimento libidinal quer é extinguir-se, ter sumiço pleno, gozo absoluto, paz para sempre, *per omnia secula seculorum*. Ora, extinguir-se não é possível, mas passar por outras vicissitudes sim. Então, retorna, continua requerendo o mesmo que requeria antes, e fracassando, eternamente.

Se o movimento existe dentro da máquina e lhe é imanente, não é porque o não-Haver é um Deus transcendente, e sim porque simplesmente ele não há. Se não há de fato, por que permanecemos requisitando-o, digamos assim, de direito? Por que nossa mente fica como que tolamente requisitando algo que não há? É simples de explicar se compreendermos a estrutura do psiquismo como estrutura em Revirão: ao que quer que se coloque para nossa mente, ela sempre tem a possibilidade – volitivamente se não mesmo como deslize espontâneo – de requerer o seu avesso, em **enatiomorfismo, catoptria**. Isto, diferentemente de todas as espécies conhecidas, que não fazem esta operação mental e que, ao contrário, convivem com a presença agoraqui de determinações etológicas, de origem etossomática (ou mesmo determinações autossomáticas), comportando-se segundo um etograma mesmo se com alguns deslizes que lhes são internos. Não há para eles a maquininha de exigir a possibilidade do não-isto – e é aí que surge o nosso **não** – e esse não-isto, como puro e simples avessamento de uma afirmação, ser muito freqüentemente e efetivamente um oposto: dia/noite, claro/escuro, branco/preto, pesado/leve, etc. Os vetores, para nós, estão sempre em oposição, tal como costuma acontecer sobre o Revirão, a insistência em determinado pensamento fazendo-o, às vezes, deslizar insopitavelmente para seu oposto. E esta máquina, existindo, pede a última instância desse avessamento. Há, então, um **princípio de catoptria**, de espelho, de enantiomorfismo, funcionando em nossa mente, a qual, encaminhando-se para a sua última instância, pode requisitar o quê como avessamento? Pode avessar o que quer que compareça, mas em última instância exigirá avessar o próprio

Haver, cujo avesso é o não-Haver, assim requerido porque o Haver avessou em sua demanda interna. Mas, este, não há e, se não há, se é impossível, além de esta força libidinal ter que retornar para o campo do possível, do que há, passa também por um breve momento em que, perante o não-Haver, terá fracassado sem conseguir o que pedira. Mas esta é uma maneira vulgar e simplória de explicar. O que aconteceu formalmente é que a simetria, em enantiomorfismo permanente, dessa demanda da Pulsão, sempre podendo demandar algo em avesso do que se apresenta, encontrou um lugar de absoluta **Quebra de Simetria**.

Nossa mente, assim desenhada, também encontra, no seu próprio interior e fora dele, outras formações que parecem de avessamento impossível, mas que, insistindo bem neles, pode modificá-los. A maioria das formações estritamente mentais não é nem impossível agoraqui, está apenas bloqueada. Digamos mesmo que, diante de uma parede que não posso atravessar – como é o caso do muro de concreto que ergui no meio da estrada para não se passar de uma mão para outra –, estejamos agoraqui diante de um **impossível** que chamo de **modal**. Há um impossibilidade modal, localizada, mas, quem sabe, com financiamento e investimento adequados, com trabalho mental e ciência, arrebentamos a parede, inventamos a porta e passamos. Há sempre a espera de que uma impossibilidade modal possa ser deslocada, mas, quando o movimento dá de frente com o **Impossível Absoluto**, não estamos mais diante de algo que possa ser deslocado, pois não se trata aí de um impossível modal. Fica então, dentro do próprio aparelho, quebrada de uma vez por todas a simetria absoluta que ele propunha motivado por sua razão catóptrica. Como disse, isto é a Quebra de Simetria e o que Freud chamou – e agora posso juntar duas máquinas freudianas num aparelho só – de **castração** e de **recalque originário**. Quebra-se a simetria no que o movimento libidinal do Haver se depara com a impossibilidade absoluta de passar a não-Haver. Ou seja, por um instante, esse movimento sofre repressão e recalque concretos diante desta impossibilidade. O Haver sai dessa aventura como que ‘um pouco menor’, por assim dizer, um pouco recalcado – o que é só maneira de dizer, pois não há como medir o seu tamanho, uma vez que tudo que há é nele que está. Com esta lógica, a partir do movimento da Pulsão segundo o aparelho do Revirão, construo, então,

uma razão quase concreta, porque palpável em cima de uma Contrabanda, do recalque originário de Freud. Chamo de **Recalque Originário** o fato concreto de que não adianta, por mais direito que tenha, o Haver desejar o não-Haver, porque não o conseguirá: terá que recalcar e ceder este desejo, ainda que por átimo, um brevíssimo instante.

Este modelo de Recalque Originário nos dá, de maneira absoluta, de ultimíssima instância, o desenho mesmo do que pode ser qualquer outro recalque, em qualquer outro nível ou instância. Isto responde à questão de Freud de que deve haver um originário qualquer que seja o atrator, o fundador, dos outros recalques. Se a máquina, em sua última instância de movimento, encontra uma impossibilidade absoluta, quebra sua simetria, tem que retornar, e assim por diante, eis aí **o modelo**: tanto do que, em outra configuração, Freud chamou de castração, quanto, sobretudo – e isto pertence ao âmbito da castração em Freud – do Recalque Originário, o qual **ressoa** em tudo e por tudo que há ‘dentro’ do Haver, sendo o atrator de toda e qualquer possibilidade de recalque. Mesmo quando o recalque é da ordem de uma impossibilidade modal – pois que, dali para baixo, nada é impossível absolutamente –, essas impossibilidades, ditas modais, já são **ressonâncias** do próprio Recalque Originário. Em outros níveis, mesmo no nível *soft* do psiquismo, é também este o modelo que serve sempre em qualquer fato de recalque. Portanto há recalque porque a máquina encontra seu limite e se fecha em sua absoluta imanência, passando pelo momento de reconhecimento de impossível absoluto, de quebra de simetria, e assim por diante. É claro que ela imediatamente ‘esquece’ essa quebra e continua a desejar... novamente. É a **repetição**, não só compulsiva, mas compulsoriamente se exercendo.

Mesmo que encontremos oportunidades de conceber este funcionamento em alguns discursos científicos, da física, da química, e alhures, não nos fica bem apropriarmo-nos deles com tamanha desfaçatez. Então, se a eles me reporto, é mais como uma fábula que pode nos servir de modelo de ficção. Temos hoje na cosmologia moderna vários modelos ficcionais – que os cientistas consideram modelos científicos – que servem perfeitamente (se não para

garantir, pelo menos) para inspirar um modelo ficcional que gosto de fazer em relação ao Revirão. Poderia tomá-lo com razão psicológica ou psicanalítica apenas, como sendo a máquina do pensamento para a qual o Haver há e o não-Haver não há – o Haver se deparando com o real ou com as realidades segundo este modelo –, mas gosto de supor mais, que, para o próprio Haver em sua realidade, a multidão de universos que estão por aí em todas as suas possibilidades faz uma imanência só. Ou seja, não há nada fora d’isso: só há Isso. Faço, então, a ficção de que o Haver funciona assim. Onde os físicos pensarem em Big Bang, o momento em que, digamos, uma matéria absolutamente neutra se condensa, se condensa e explode de tanta condensação. E, se explode em cacos, ocorre uma fractalização radical de fragmentos que agora são configurados. Aparecem estrelas, galáxias, etc., que, zilênios depois, condensam-se, vão perdendo a força, tornando-se matéria neutra de novo e sofrendo outra compressão. Chamo a isto de Nada que, para mim, não é coisa alguma, e sim o Haver em neutralidade, sem diferença. Então, este Nada amassado, empacotado, explode de novo em outras formações de universo. Esta é a ficção. Os cientistas que descubram se é ou não verdadeira, porque, no nível do psiquismo, ela me serve perfeitamente. Portanto, o psiquismo, que surgiu ele próprio dentro do Haver, no que tem a funcionalidade de, melhor do que espelhar, especular sobre o avesso, olhar algo e passar ao contrário, rebater enantiomorficamente, etc., encontra coisas dadas. Assim – e agora lanço um termo para nomear o que quer que compareça no Haver em qualquer nível, formato, tamanho, situação –, ao que quer que apareça já desenhado e, portanto, já configurado como diferente de algo que está ao seu lado, a tudo isto de cambalhada chamo de **Formações do Haver**. Há uma galáxia, é uma formação do Haver em nível estelar. Há uma árvore, é uma formação do Haver em nível botânico. Há um pensamento, é uma formação do Haver em nível psíquico. E assim por diante.

Nossa presença como emergentes no seio do próprio Haver, absolutamente imanentes, diante de suas configurações, das formações que nos oferece, é uma experiência bastante dolorosa, pois se nossa mente, diferentemente da de outras espécies, está sempre sugerindo ou desejando, às vezes evidentemente,

um avessamento radical, é porque essa mente é uma coisa muito (digamos entre aspas) “livre”: o que aparecer ela topa, inclusive seu contrário. Freud dizia que não existe *não* no inconsciente, que é preciso construí-lo. Estou dizendo que a maquininha não diz diretamente *não*, mas avessa e, se o faz, nos dá condições desse *não* que produzimos. Ou seja, não apenas dá as condições do contrário, como a contrário de *sim* diz *não*. Ela produz um *não*, mesmo que não esteja previamente ali inscrito. Isto porque não há *não* algum quando passamos de uma situação para outra. Passamos continuamente de uma coisa para o contrário, mas, se sugiro afirmação aqui, posso sugerir *negação* ali. A maquininha está disposta a construir isto mesmo no nível da linguagem, tanto que constrói mesmo e dizemos *não*. No entanto, essa máquina desvairada que é a estrutura mental de nossa espécie, que não encontramos até hoje em outra entidade – os ETs ainda não desceram, nem subimos até eles –, quando funciona, mesmo tendo emergido dentro da cabeça do próprio macaco, não tem mais compromisso com ele. Esta é a questão da espécie humana: tem tudo de macaco, todas as suas vantagens e desvantagens, mas, dentro dele – sabe-se lá por que, alguma ciência (quem sabe, da pesquisa cerebral) ainda fará um mapa da emergência desse espelho em nossa mente –, porta essa máquina e, uma vez referida a ela ou operando segundo ela, anula qualquer compromisso com seu macaco. Ela é louca, fala sozinha e vira... **Anjo**. Mas esse Anjo que revira à vontade, que topa qualquer parada, que consegue dizer *amém* para o que der e vier, não fica assim tão solto, porque até segunda ordem não sobrevive sem o... macaco. O Anjo se dá conta de que sucumbirá junto com o macaco se fizer coisas capazes de mutilá-lo ou destruí-lo. O único jeito, portanto, é fazer uma diplomacia com o macaco, fazer-lhe muitíssimas concessões, ser capaz de aceitar, ainda que provisoriamente, as repressões por ele impostas, aceitar enfim recalque e castração.

Não nos adianta subir num morro e dizer: ‘Tenho vontade de voar’. Se saltarmos dali, cairemos e talvez morreremos. Para ter sucesso é preciso algum Santos Dumont repetir isso, no entanto com quantidade enorme de recursos, de investimentos em dinheiro, de inteligência, de saberes acumulados. Ele

acaba voando, pois o impossível com que os voadores loucos, seus antecessores, se deparavam não era absoluto, mas simplesmente modal. Em havendo condições de *pagar o preço* – em todos os sentidos: de tempo, saber, dinheiro –, consegue-se reduzir um impossível modal. Há, então, esse Anjo liberto pensando tudo quanto é loucura, e tolhido, não só pela própria formação biótica que o sustenta como também pelas demais formações de que ele também não pode prescindir por inteiro. E o Anjo não se conforma por quê? Porque, assim como o modelo da castração é a **quebra de simetria**, o modelo do desejo é a **exigência de simetria**. Então ele irá querer eternamente soçobrar no nível do Impossível Absoluto, com o consolo de que, no nível do Impossível Modal, de vez em quando, consegue algum sucesso. Se, então, somos livres do ponto de vista da estrutura psíquica, mas inteiramente enjaulados dentro do macaco, o próprio macaco, as coisas, as pedras, as estrelas, etc., passam a ser o quê? Segundo o modelo do Recalque Originário, passam a ser **Recalques Primários**: da existência de nossa corporeidade. Se não conseguíssemos construir a quantidade enorme de próteses de que estamos aqui cercados – roupa, microfone, mesa, cadeira, luz –, nosso corpo, que pode servir para muita coisa, seria incompetente, de uma imbecilidade quase que total, e nos deixaria com muito mais mal-estar do que o que já temos aqui no Haver. Aliás, mesmo assim ainda nos deixa, pois sempre queremos mais, segundo o modelo de desejar o Impossível, embora possa parecer que vamos aos poucos eliminando impossibilidades e enriquecendo supostamente o bem-estar. Para a frente, para onde a máquina desejanete nos empurra, sempre há muito mais do que o que quer que já tenhamos conseguido.

Mostrei então como o Recalque Originário pode ser concebido lógica e psicanaliticamente e, depois, afirmei que há Recalque Primário, que são as formações espontâneas do Haver, as quais, pelo simples fato de existirem como tais, não permitem qualquer variação: são configurações limitadas e, enquanto puras e simples formações, recalcentes e limitadoras da máquina do Revirão. Assim, de tanto sofrer porradas cada vez mais violentas, quando abusamos e queremos o que essas formações não permitem, acabamos recalcando, transformando em sintoma e nem querendo pensar mais naquilo: porque dói. Mas há sempre um ou outro bem mais atirado que diz: ‘Que se dane, deixa doer. Quero

porque quero mais e até morro ou gozo disso!’ São poucos os que o fazem, pois a imensa maioria simplesmente não só se esquece como não quer nem lembrar de sua disponibilidade ao Revirão. É a isto que se chama recalque – o que significa que aí compareceu uma massa enormíssima de formações recalcantes de nosso movimento essencialmente liberto de Revirão. É o ‘mal-estar na Natureza’, com o qual o homem sempre lutou no começo de sua história, e que oprime coisas que ele imagina e quer como, por exemplo, iluminar a noite, tendo portanto que inventar o fogo, a luz elétrica, e o que mais vier. Um mero animal simplesmente deita num canto, dorme, e espera o sol raiar.

O **Primário** é espontâneo, é dado. No nível primário de nosso corpo, há o que chamo de **Autossoma**, que é sua constituição, sua arquitetura biótica. Embutido no autossoma, há uma grande formação etossomática, um **Etossoma**, como nos outros animais. São modelos de comportamento inscritos num programa qualquer do próprio autossoma: uma espécie de grande arquivo instalado nalgum ‘disco rígido’ dos animais, o qual pode ser muito elástico mas tem limitações estritas e permanentes. Nós também portamos uma quantidade enorme de formações etossomáticas. Etólogos contemporâneos, pesquisando em seus laboratórios, têm achado que descobrem algo de etológico em nossos comportamentos. É o que Freud chamava de *pre disposições* – e os analistas subseqüentes, não sabendo como dar conta daquilo, não quiseram falar no assunto. Mas esses etólogos estão finalmente descobrindo que há formações etossomáticas mais ou menos graves instaladas em nossa espécie, mas que são tão subvertidas e misturadas com os produtos culturais que já não sabemos mais traçar as fronteiras entre as que são dadas e as que são produzidas. Como não sabemos mais onde fica essa fronteira, esquecemo-nos freqüentemente que somos macacos, do ponto de vista autossomático, e também bastante macacos, do ponto de vista etossomático. E isto tem nos causado grandes confusões.

Observem então que, ao contrário do que os autores estruturalistas afirmaram, inclusive Lacan – que chegava a dizer que ‘a linguagem é condição do Inconsciente’ –, estou dizendo que esse animal, autossomático e etossomaticamente dado no seio de um Haver prenhe de formações e portando a

máquina revirante, acaba por produzir, como uma sua verdadeira secreção, um outro aparelho que resulta em simbólico, em linguagem. Ou seja, a máquina, porque revira o que se lhe apresenta e porque, tal qual o computador hoje nosso conhecido, tem como arquivar essas inscrições, acaba por produzir um grande *software* que, aqui para nosso uso, eu chamo de **Secundário**. É isto que determina a linguagem, que faz com que falemos, com todas as suas conseqüências. As formações secundárias, estritamente psíquicas, languageiras, mentais, culturais, portanto, só estão aí porque são produzidas como **secreção** por **um macaco afetado de Revirão**. O que é o Secundário? Podem chamar de simbólico, de linguagem, embora talvez mesmo *tudo* seja linguagem, nosso corpo inclusive, seu autossoma e seu etossoma. O que é a linguagem culturalmente produzida, artificial ou artificiosa – não gosto de falar assim porque para mim o que quer que haja é artifício –, que não é dada ou espontânea e que, em cada recanto, nossa espécie inventa de um diferente jeito? Aliás, quem sabe, Chomsky não tem razão, e até mais genericamente do que se pensa, ao afirmar que há uma gramática de base que é a mesma para todos – se não for mesmo para tudo? Quem sabe, não é a mesma para os átomos e não a saibamos traduzir ainda? Essa tal linguagem, queremos dizer, não passa de uma secreção produzida por um certo macaco que tem o seu Primário afetado de Originário. Quando, em uma estrutura primária – de base carbono ou não, pois não sei se o ET é base silício, por exemplo –, aparece a máquina de Revirão, quem quer que a porte é nosso colega. Pode ser de lata, de carne, não importa, ele é nosso parceiro. Quem sabe, no futuro, não inventaremos um parceiro aqui mesmo, um computador ou seu descendente melhorado, que pense, que deseje?

Aproveitei, então, a idéia de Recalque, partindo do conceito de Pulsão, para desenhar três grandes formações, repletas elas mesmas de outros zilhões de formações, que são as **Formações Primárias**, as **Formações Secundárias** e a **Formação Originária**, esta sendo singular. Cada uma delas inclui, em seu próprio porte, a conseqüência de um **Recalque Primário**, um **Recalque Secundário** e um **Recalque Originário**. Repetindo: se há um Originário que não é senão o próprio movimento que há no Haver e em nossa Mente, ele ge-

rou a **quebra de simetria** que resulta no Recalque Originário, donde tudo se espatifar em formações isoladas, cada qual mantendo sua própria consistência, seu próprio rosto, aparecendo então como formações que, pelo simples fato de serem formações e terem desenho próprio, já são em si mesmas recalcentes da absoluta espontaneidade de reviramento do Originário. E quando o Originário funciona no interior de uma formação primária, ela secreta um Secundário, como um seu *software* suposto. É mediante as articulações do Originário na relação com o Primário que têm nascimento as formações do Secundário. Fazendo um parêntese, é aliás onde poderíamos situar, em ultimíssima instância, o velho conceito de *mímesis*. O Secundário simplesmente imita o Primário ao ser secretado como massa de anotações, disquetes e programas possíveis que operam inscrições, marcações absolutamente *soft*, e constituindo novas formações na **imitação do modo de composição das formações do Primário**.

Retomemos o exemplo de que falei no início a respeito da estrada. Posso levantar um muro para não se passar – e estarei aí imitando uma impossibilidade modal. Utilizei-me então de minhas formações secundárias de pensamento, articulação – “é possível passar sim, mas não queremos que passem” –, para mexer no Primário e construir algo que tenha a consistência de um impossível modal que aí reside. Mas posso também deixar tudo vigorar no Secundário e apenas dizer que é proibido, que não se passe, que a quem passar se cobrará uma multa. Ou também posso chegar mais perto do Primário, chamar a polícia e levar preso quem passar. São essas arrumações que estão na região da produção da interdição, do proibido, a qual existe porque, se pudéssemos criar o bicho solto, ou seja, simplesmente deixar revirar à vontade, a loucura seria genérica, não haveria limites para nada e nos perderíamos completamente. Mas não sonhemos autoritariamente que por isso é necessário exercer maiores repressões, pois o Primário já reprime espontaneamente e por sua própria conta. Tampouco é necessário inventar mais e mais interdição, nem Deus transcendente, nem Pai-Orangotango (como no mito de Freud). Quando a espécie surge, já vem com Revirão disponível – e, também, com uma enorme carga de opressões espontâneas, de impossibilidades modais, mas não com registro de proibições.

Mesmo a partir dos recalques primários já se começa a ter que ‘castrar’ possibilidades secundárias. Mas de qualquer modo, ainda por cima inventamos mais e novos recalques secundários. O Recalque Secundário é, portanto, em última instância, *conseqüência* do Recalque Originário, mas *imitação* do Recalque Primário, de tal maneira que **uma proibição não é senão um fingimento de impossibilidade**. Os antropólogos se desesperam há décadas para explicar a famosa “interdição do incesto”, a qual é apenas uma bobagem, embora utilíssima no seu tempo, inventada no Neolítico para imitar alguma impossibilidade na série das reproduções. Isto porque não é impossível nem indesejável cometer incesto. Parecendo tão frequente, Lévi-Strauss supôs que essa interdição fosse universal e servisse para embrear a passagem de Natureza a Cultura – como se simplesmente abrir a boca e dizer uma palavra já não fosse passagem para aquilo.

Estamos, então, diante do Haver com suas formações, o Revirão como Originário, o Recalque Originário como modelo de qualquer recalque e os Recalques Primário e Secundário. Há Recalque Secundário porque, para organizar nossas possibilidades de ação baseadas no pensamento, digamos assim, ou melhor, no Secundário, é necessário constituir e organizar as formações secundárias. Vemos certas pequenas possibilidades de início de organização nos animais, numa base dada em nível etológico. Os etólogos, e mesmo Lacan, dizem que devemos conceber que há tentativa de emergência simbólica no animal, o qual, no entanto, não consegue levá-la adiante: porque não revira, explico eu, mesmo que haja certas substituições, preparadas por outras circunstâncias na maioria das vezes. Mas começamos a produzir nosso nicho de vida, nosso lugar de existência – que chamamos de cultura, ou seja, toda a parafernália que não havia espontaneamente na face da Terra –, porque nossa espécie, de tão maluca e capaz de revirar até o próprio Primário por sofrer do Originário, começou a secretar a grande lata de lixo da cultura gerações após gerações, cada uma delas legando às seguintes um lixo cada vez maior. Entretanto, o simples fato, por exemplo, de secretarmos uma língua – mesmo que seja sobre formações etológicas que desconhecamos ainda – exige que ela se configure em pequenas

formações, tal como acontece com o Primário. Isto, para que possa ser compatível com as formações espontâneas do Haver a ponto de poder designá-las e supostamente falar delas, pois a língua não é absolutamente solta. Configuradas, essas formações viram hábitos nossos, sintomas estagnados: haja vista a dificuldade que temos de aprender uma língua nova, por estarmos habituados com formações da nossa própria língua, aliás dita materna. Como as formações não são paralelas, imediatamente traduzíveis ponto a ponto, é necessário grande esforço arrumar outra formação, outra língua, cheia de formações sintáticas, lexicais, etc., as quais, por sua vez, também são bastante fechadas. Do mesmo modo para as formações primárias. Por exemplo, ter apenas cinco dedos é algo que empecilha e atrapalha o pleno desenvolvimento de nossas possibilidades, de tal maneira que às vezes gostaríamos de ter cem ou muitos mais dedos. É muito pouco dedo para enfiar nos buracos ou nas teclas deste mundo. Por isso mesmo é que há alguns *virtuoses* que, com apenas os dez dedos comuns, tocam deslumbrantemente algum instrumento, cobrindo, apesar da penúria anatômica, uma coisa com outra. Mas se é um virtuose, já não tem mais só dez dedos, pois subdividiu, em termos de funcionalidade, seus dez dedos em centenas.

As formações por nós secretadas – o resto cultural dentro do qual vivemos –, por se repetirem e com elas nos acostumarmos, acabam por se tornarem quase ou tão pregnantas quanto as formações primárias. Mas é melhor lembrar que aquilo tudo foi, num determinado momento, uma **criação** resultada de uma referência ao Originário que requisita outra coisa, algum contrário, e que, quando se decanta e aparece como produto, nós nos apegamos ao produto e esquecemos da produção e de seu périplo. Quando esquecemos da produção, o produto começa a nos recalcar, nos oprimir. Se a cultura é uma grande vantagem para nossa sobrevivência, é também uma grande opressão. Mas fomos nós mesmos que a fizemos. Recalque Secundário é o seguinte: formações do Secundário que passam a ser, também elas, recalcentes da desenvoltura do Revirão.

Desde que nasce com essa possibilidade plena, a criança de nossa espécie, essa Idioformação, já começa a ser recalçada pelo Primário, já começa a

ser demarcada e embargada na sua possibilidade futura de plenamente pensar. Depois, sobrevém a cultura com toda a sua massa também recalcante. Espantoso é que alguns, apesar disso, ainda pensam muito bem e deixam funcionar a máquina essencial da espécie e, com isso, continuam a criar. Infelizmente são poucos, sempre são muito poucos, pois deveriam ser todos já que são todos os que têm a mesma disponibilidade. Mas é difícil levantar a massa de recalque – quanto mais levantá-la toda, nem não há análise ainda competente para fazê-lo. Ninguém consegue essa proeza, apenas se consegue levantar certa gama de recalques de modo a se darem alguns pequenos passos.

A partir do empacotamento conjunto da pedra angular do Dr. Freud com a pedra fundamental, porque há Revirão e Originário, posso pensar um conceito de recalque não só inteiramente elástico, como cabalmente polivalente e dinâmico. Se determinada formação, diante da possibilidade do Revirão, é de ser considerada recalcante, contudo, diante de outras formações que estão contra ela, pode ser considerada recalçada. Nunca se sabe de saída em que situação está uma formação, senão considerando cada caso e caso a caso. As formações primárias espontaneamente dadas são todas recalcentes do Originário. Mas acontece de uma cultura, por sua loucura especial, resolver reprimir, não uma formação cultural secundária, mas a existência mesma de uma formação primária e afirmar, por exemplo, que os Negros devem ser excluídos de algum modo. Trata-se aí de querer recalcar uma espontaneidade do Primário mediante pressões do Secundário. Por outro lado, as formações secundárias, só por existirem, são logo recalcentes do Originário. E ainda por cima, no seio de uma formação secundária que não gosta de certas outras formações secundárias, arrolam-se motivos, modelos e poderes para reprimi-las ou excluí-las. Sabemos quantos, na história da humanidade, foram para a fogueira porque inventaram, por exemplo, algo tão abstrato quanto um teorema. Estamos, então, diante de formações secundárias que são necessariamente recalcentes do Originário e depois podem passar a sê-lo de outras formações secundárias.

Considerem por alguns instantes que coisa terrível pode ser a maré dos recalques sobre nossas vidas. Não é só porque eventualmente a odiemos, mas

sim porque ela contém coisas que nos recalcam, nos reprimem, simplesmente pelo fato de existirem – e assim estão embargando nossos movimentos. Portanto, entre recalcentes e recalcados nos três níveis – sobretudo nos que podemos manipular, o Primário e o Secundário –, tudo é questão de formações como constituição de **poder**, o que torna o Haver um grande campo de batalha, em cuja agonística temos obrigatoriamente que viver. Em última instância, o que temos que entender é o que seja o **Poder**.

O Poder não é algo misterioso constituído nunca se sabe onde e sempre sem a nossa permissão. Podemos muito bem reconhecer e encontrar suas forças constituintes. E antes de mais nada devemos lembrar – questão que foi aberta definitivamente por Foucault – que **qualquer formação tem seu poder próprio**, simplesmente pelo fato de existir. Pode se encontrar momentaneamente em situação de inadimplência diante de outros poderes mais potentes, mais avantajados, e eventualmente sucumbirá ou perderá uma ou outra batalha ou mesmo a guerra por inteiro. Mas qualquer formação sempre tem o seu próprio, isto é, algum poder. Quando, por sua vez, consegue juntar-se a diversas outras formações e agrupar seus poderes, produz-se uma nova e maior formação com poder superior ao daquele que antes a estava oprimindo. E esta nova formação pode vencer aquela outra e afirmar ser ela agora a que será recalçada. Esta tem sido a história do homem, bem como as lutas pelos interesses de cada um, mediante os poderes que pode ter e os que pode aglutinar a seu favor. E isto vai da fundação de uma religião à criação e disseminação de uma filosofia, da fundação de um partido político à simples hegemonia dentro de uma família. Se alguma coisa deu certo no nível do poder e se tal formação venceu, não foi necessariamente por ela ser a melhor, mas sim porque conseguiu arrolar e aglutinar poder de vencer, ainda que seja em algum sentido pior do que a outra que não venceu. Um dia, talvez, outra maior quantidade de pessoas, outra maior aglutinação de formações, venha a achar que aquela então vencida era a melhor – e se una em torno disto para tentar substituí-la à anterior.

Esta dinâmica da guerra é a mesmíssima da tentativa de cura do psicanalista, metido que está no mesmo campo de batalha. Ele opera auxiliando na

organização de forças e sendo coadjuvante de seu analisando, para que este venha a manejar as potências arrumando-as de um jeito mais compatível com sua disponibilidade. Mas para tanto o psicanalista precisa tentar induzir que o analisando rememore o Originário, o qual está soterrado e esquecido debaixo de todo o entulho Primário e Secundário de sua história pessoal. Quando o Originário deixa de ser nossa referência, restamos soterrados pelos escombros culturais e das formações espontâneas, esquecidos de que nossa potência de última instância é simplesmente dizer *não* e começar uma nova constituição de nossas formações.

• Pergunta – *Você disse que há uma idéia genérica de recalque, que serve para o entendimento do que são os Recalques Originário, Primário e Secundário. Mas é preciso fazer distinções minimamente relativas entre Recalques Primário e Secundário. O modo como você os distinguiu diz respeito mais ao modo como as formações se constituem?*

Não temos como fazer idéia de onde fica a fronteira. Ninguém sabe. Mesmo porque nossa espécie é aquela que costuma transgredir as fronteiras, tal como no exemplo que dei sobre a estrada. Disse que considero espontâneas as formações que pertencem ao campo do Primário, isto é, tudo que não foi feito pelo homem. Chamo de primárias porque envolvem a formação de nosso corpo e das demais materialidades. No entanto, algo revira ao avesso e a espécie começa a produzir, digamos assim, secundariedades – linguagens, inscrições, simbolizações –, que são todas de aparência *soft*, e logo começam a agredir o próprio Primário e a fazer marcas sobre ele. Isto acontece assim de tal maneira que nós só acreditamos mesmo na potência de um pensamento quando ele se materializa em tecnologia, quando produzimos um aparelho secundário que efetivamente invade e modifica concretamente as densas formações do Primário. Do contrário, sempre teremos a chance de o acharmos um delírio, coisa de poeta, sonho de filósofo. *Milagre* significa deslocar o Primário. Por exemplo, a invenção de um remédio, a cura do câncer, a cura da AIDS, e agora, mais recente e intrigante, a produção de um clone. Justamente porque, segundo o

que proponho em meu esquema, as formações não são heterogêneas umas às outras, e sim apenas campos fechados por *locks*, cadeados, fechaduras no sentido cibernético, se nos esforçarmos e tivermos sorte, encontraremos as chaves e entraremos. É o que acontece, por exemplo, no caso dos aparelhos científicos e sobretudo tecnológicos, onde, mediante muito investimento e trabalho, encontra-se um meio de romper a barreira, entrar numa formação e até modificá-la. Consegue-se porque o campo é homogêneo, mesmo porque a formação é simplesmente modal, não é o Impossível Absoluto. Este, não tem jeito. Mas conseguimos borrar a fronteira entre Primário e Secundário, invadir formações primárias e secundárias que, às vezes, são tão duras que já se reificaram talmente como aquelas primárias. Formações culturais, preconceitos, idéias, que estão tão arraigadas no uso e crença de que são primariamente alguma coisa, que as co-naturalizamos e começamos a obedecer a elas sintomaticamente a ponto de passarmos mal e irmos parar na psiquiatria se as contestarmos. Por exemplo, a *interdição do incesto* foi reificada: deixa de ser uma interdição de formação dentro da cultura e vira simplesmente uma formação concreta dentro do peito da pessoa que até sofre de angina só por pensar na sua possível relatividade. É assim que se forma um sintoma que vai à carne. Então, não há como precisar distinção de fronteira nem para um lado nem para outro porque, mediante formações secundárias, com grandes investimentos, acaba-se invadindo o Primário, mas também, mediante a reificação de formações secundárias, o Primário acaba invadindo sintomaticamente o Secundário. Coisas que inventamos começam a parecer que são naturais. Deus, por exemplo: há milênios nossa cultura tem sofrido os agravos dessa figura, que não existe, por exemplo, no budismo, que dela não teve a menor necessidade para ser mesmo assim uma religião. Se Deus fosse primário, por que não compareceria sempre, sempre?

• P – *Se você aceitar o conceito de castração, a fundação de uma língua, as “estruturas elementares do parentesco”, de Lévi-Strauss, como algo sem conteúdo ou uma representação deste ponto de impossibilidade em relação ao não-Haver, qual seria, então, a crítica possível a estes construtos?*

Uma coisa é reconhecermos que qualquer formação, indicando a construtividade de outra, é descendente dessa impossibilidade absoluta; outra, é supor

que é universal em si mesma. Não há, por exemplo, universalidade alguma na interdição do incesto. O único argumento – que está na edição de 1949 e repetido por mim tantas vezes – é que *nove, entre dez estrelas da antropologia, acham que a interdição do incesto é universal*. O estruturalismo nos serviu muito, mas isto é reconhecivelmente uma bobagem, pois nem *no tempo* nem *no espaço* posso garantir essa universalidade. Se ela tem aparência de frequência (e não de universal), veremos mais adiante como pode ter sido *inventada* no Neolítico. Alguns autores já o demonstraram à sua maneira antropológica. Segundo nosso ponto de vista, quando tratarmos dos *Cinco Impérios*, veremos que há um momento em que isto se facilita. Logo, ser um creodo – um caminho que não posso não percorrer no meu périplo – não é nenhuma universalidade porque para trás, não era assim, e para a frente, pode não ser mais. Como fazemos com uma produção secundária quando há quantidade suficiente de tolos, pessoas mal informadas, etc., e queremos tomar o poder absoluto em relação a essa invenção? Naturalizamos a invenção e dizemos haver, lá no céu, um Deus que disse isto e aquilo. Isto é da ordem da palavra divina e está incluída na carne do homem. Se reificarmos, quase vira Primário.

Ora, a passagem de Natureza a Cultura – que não é na verdade nenhuma passagem porque co-natural à espécie – é o surgimento do **Revirão**, no seio mesmo disso que chamamos de natureza, se produzindo como **origem do artifício**, o nosso, o artifício industrial. Na verdade, não há nenhuma diferença substancial entre natureza e artifício, é apenas uma diferença de disposição. Não há afastamento ou distinção alguma entre homem e natureza, porque não há natureza, e sim apenas Haver. E se, ali em outro planeta ou num recanto mesmo do nosso – não estamos livres disto –, no fundo da selva amazônica por exemplo, acontecer uma teratologia qualquer, aparecer um outro ser, não necessariamente mamífero, que sofre uma transformação e começa a revirar em si mesmo e por si mesmo? Uma civilização de lagartos ali na Amazônia? Claro que os modelos recalcantes da atual configuração do planeta dão muito pouca ou quase nenhuma condição para isto acontecer. Mas, mesmo assim, quem sabe já não estão vivendo por aí no estágio recém-saído do macaco em

que viveu outrora a chamada humanidade? Vai ver estão lá incipientemente secretando a culturinha deles, tão distante da nossa que não prestamos a ela nenhuma atenção. Ou a Civilização Manati, quem sabe, a cultura emergente do nosso esquisitíssimo Peixe-Boi. Isto seria engraçado.

29/JUN

5

Poder de cura e avatares do falicismo

Já lhes trouxe as questões d’ALEI compatível com o teorema fundamental da psicanálise, que é o da Pulsão, Haver desejo de não-Haver ($A \rightarrow \tilde{A}$), desenvolvendo-o na relação da imanência com o transcendental sem transcendente e na dos Impossíveis Modais com o Impossível Absoluto (o não-Haver). Depois, falei da banda de Moebius, da Contrabanda, para, a partir dela, explicar os movimentos lógicos da mente e a produção do Revirão como Oito Interior. Por último, coloquei o Recalque, utilizando justamente a contrabanda para pensar as formações recalcentes e recalçadas, tudo se resumindo numa agonística entre formações, onde nenhuma é absoluta, e cada qual constitui uma grande cristalização sintomática. Hoje, falarei da questão da **Cura**, que está estreitamente ligada à do **Poder**. Cura e poder, ou, quem sabe, **o poder da cura**.

Na agonística entre formações recalcentes e formações recalçadas, tudo se joga na possibilidade de se conseguir revirar, tornar reversível ou não, determinada formação. Por formação considero, em qualquer nível, ordem ou perspectiva, todo e qualquer conjunto material – vozes, símbolos, etc., tudo é material, pois não há heterogeneidade no aparelho que lhes apresento – que se organize com alguma coalescência, que consiga constituir um fechamento, um *lock*, e subsistir resistentemente enquanto formação, seja por pouco ou longo tempo. Em última instância, em qualquer ordem que pensarem – estrelas, planetas, sociedades, línguas, tesões, idéias –, são todas formações da **mesma**

‘natureza’. Contudo, basta sair da *última* instância para que elas tenham conteúdos, materiais, modos específicos de se organizar, o que, então, torna tudo uma questão de **Análise das Formações**. *Análise*, talvez a importação deste termo para a psicanálise tenha vindo da química ao tempo de Freud, ou seja, de como entender quimicamente determinada formação dividindo-a em seus constituintes.

A idéia de Freud foi precisa quando pensou em análise para nomear o que queria fazer. Isto porque qualquer formação que se nos apresente tem sua força e mesmo seu poder dependentes de sua resistência enquanto formação. Quando separamos uma formação qualquer em seus constituintes, certamente ela perde o poder de formação que era, e seus constituintes, outrora coadjuvantes, poderão agora melhor revelar seus próprios poderes. Analisar uma formação significa reduzir, ainda que provisoriamente, seu poder. Como a psicanálise ousa supor que pode analisar uma formação a ponto de reduzir seu poder? O que lhe dá esta autoridade, ou poder, de tentar arrostar analiticamente qualquer poder? Se esta psicanálise está dizendo que a ALEI, apoiada no único conceito de Pulsão, é Haver desejo de Não-Haver, há portanto, para além das formações que comparecem no Haver – às vezes com suas impossibilidades modais de análise, que são agoraqui poderosíssimas, sem encontrar formações que possam derribá-las ou um ato analítico que possa dissolvê-las em suas partes constituintes –, a suposição de uma “relação” entre esse Haver, com suas oposições internas entre formações, e a radicalidade do não-Haver, que não é atingível, mas que, quando aproximado, obriga a uma indiferenciação em relação àquelas oposições “internas” (entre aspas, porque não há nada fora), assim como obriga também pensarmos a radicalidade da oposição entre Haver e simplesmente não-Haver.

Está de volta aí o Revirão. O ponto *n* do esquema que lhes desenhei, notado por neutro e Real, é conjeturalmente o lugar desde onde se pode indiferenciar quanto a assumir posição positiva (+) ou posição negativa (–) das polaridades que eventualmente são opostas quando comparecem com seus poderes. Ao indiferenciar essas formações, nos situamos num lugar neutro a

partir do qual podemos considerar indiferentemente essas formações polares, bem como podemos virar para o outro lado e considerar esta outra havência em polaridade no confronto com não-Haver. Esse lugar neutro nos deixa à vontade e o chamo, tomando um termo de Fernando Pessoa em sua *Ode Marítima*, de **Cais Absoluto**, porque, lá assentado, nos confins desta Pólis Total que é o Haver e à beira desse oceano de Coisalguma, que é o não-Haver, podemos indiferenciar o que se passa no seio da Pólis do Haver. Se podemos nos colocar neste lugar parálem do conjunto enorme de determinações ‘internas’ do Haver que, emprestando-lhes a resistência que as mantém, forcejam as formações para que se constituam e se mantenham, podemos invocar a **hiperdeterminação** – justamente para carregar, com este termo, a ambigüidade que a coisa oferece, pois parece que algo, forçosa e forçadamente determina para mais ainda do que as **sobredeterminações** ‘internas’ das formações. É exatamente este o lugar desde onde tudo se re-considera com **indiferença**: o Cais Absoluto onde se dá a relação entre Haver e não-Haver, a relação de hiperdeterminação. Não podemos nele **permanecer**, mas podemos invocá-lo como **referência**. E com esta referência, na indiferenciação das ‘internalidades’ opositivas do Haver, temos condição de passar a conceber, se não mesmo perceber, o que para nós não estava presente para o entendimento de nossa história – pelo menos isto.

Toda e qualquer operação de **Cura**, segundo a Nova Psicanálise, depende de uma passagem, por breve que seja, uma referência ao lugar de hiperdeterminação. Depende de indiferença para com as internalidades, de modo que, no olhar distanciado e indiferente sobre o Haver, algo se hiperdetermine, ou seja, que um acontecimento possa ali nos mostrar algo que antes não tínhamos como ver. Isto se costuma chamar de **Criação**. Não que se vá criar algo que absolutamente não haja, que já não tenha havido ou não terá havido no seio do Haver, pois nossa liberdade não é tanta, mas há possibilidade de se destacar, acolher, de ‘dentro’ do próprio Haver, algo que dantes jamais tivera sido acolhido, isto é, algo que agora, por nossa intervenção passará para nós a **existir**. Toda operação de cura passa necessariamente, primeiro, por re-experimentar essa indiferenciação; segundo, pela possibilidade de, a partir da indiferenciação,

colher algo que dantes não se colhia para existir. É simples isto, mas praticamente difícilimo. Simples, aliás, não é o sinônimo de fácil. A hiperdeterminação e o que ela propicia é tudo que poderíamos chamar de **liberdade**. Não sei se é liberdade *de* ou *para*, mas é toda a liberdade possível. Se é que alguma liberdade é. Trata-se portanto de indiferenciar, isto é, hiperdeterminar-se, e não mais apenas sobredeterminar-se conforme a rotina das determinações. É recair de novo abruptamente no seio do Haver, mas podendo arrancar algum tasco do antes ainda não atingível. Este máximo de ‘liberdade’ que nos é possível não depende de nenhuma volição, mas sim, quem sabe, no processo de Cura, do exercício dessa indiferenciação. Exercício – *askésis*, em grego – extremamente difícil sim, mas não impossível de frequentar. Se a Psicanálise ainda serve para alguma coisa, estou agoraqui lhes garantindo que seja esta a sua serventia.

Assim, a possibilidade de Cura é possibilidade de Revirão, a possibilidade de, mediante hiperdeterminação, **suspender** a imposição que agoraqui algumas formações exercem sobre nós: esses sintomas, enfim, que ao mesmo tempo asseguram e estragam nossas vidas de bocós. Possibilidade, portanto, em última instância, de **anamnese**, ou seja, de rememoração de uma experiência que é nossa, que é a experiência fundamental de nossa espécie, que certamente a tivemos em alguns momentos, mas que vem soterrada pela massa enorme dos recalques dados pela ordem do Primário assim como daqueles Secundários que a cultura, que nós mesmos fabricamos, torna a fazer desabar sobre nós. Quando falo em anamnese, rememoração, não se trata aí de nenhum platonismo.

Não se trata de rememorar as formas arquetípicas do universo, mas sim lembrar algo que, mesmo se também constitucional, é uma **experiência** nossa, uma experiência da nossa espécie, que ela tem porque funciona assim, e pela qual eventualmente sempre terá passado, ainda que na sua mais tenra infância, pelo menos uma vez. Ela fica esquecida, dado o excesso de Primário e Secundário, mas podemos conseguir alguma **ana-lise**, dissociar algumas formações e forçar sua rememoração. É para isto que pode servir a psicanálise. É claro que, imediatamente, tudo nos cai em cima novamente e de chofre, dada a enormidade das formações recalcentes de que sofreremos todos os dias. Mas

podemos também contar com algo que chamamos **Retorno do Recalcado**, uma oportunidade para a nossa vingança, pois o recalcado sempre poderá eventualmente ter a boa chance de dar um jeito de retornar e nos salvar das aparentemente definitivas fechaduras enclausurantes.

Para partir do conceito de hiperdeterminação e continuar a observar a patologia psicanalítica, a cultura e suas formações, é preciso perguntar acerca do por quê, do quanto e do como da própria psicanálise até hoje produzida como aparelho teórico capaz de ser ensinado e eventualmente transmitido em seu *status* de conhecimento e de saber. Não necessariamente acerca da prática analítica, porque, às vezes, o talento do analista é maior que a estupidez da teoria e consegue vencê-la, dado que a teoria é tão formação como qualquer outra coisa e, como tal, sintomática, seja quem for que a esteja produzindo. Pode ser uma formação sintomática de boa serventia no atual momento de sua exposição, mas certamente em breve, antes ainda de um bom lixo, merecerá análise, pois a própria teoria é também uma formação neurotizante. Em nossas lides com o Haver, a referência à hiperdeterminação é capaz de nos permitir momentos de liberdade e “criação”. Coloco entre aspas, pois o que é produzido é imediatamente um novo trambolho, com serventias para várias coisas, mas que, por simplesmente estar ali, recomeça sua história de aparelho recalcante de outras possíveis formações. Vivemos, então, no drama de criarmos coisas interessantíssimas... que logo em seguida começam a nos oprimir. Entre essas coisas, ainda que da melhor qualidade, estão as teorias psicanalíticas, que ninguém ainda bem disse ou bem sabe o que são. Podemos apenas projetar uma idéia sugerindo que, no presente momento, considerem que possam servir para indicar os passos de aprendizado compatíveis com nossa época e nossa prática atual. Mas logo-logo, como sempre fazemos com qualquer outra formação, começamos a adorá-las, porque as achamos bonitinhas ou porque simplesmente nos foi dada a chance de conhecê-las. Portanto, cada teoria que supponho conhecer começa a me oprimir, sobretudo porque a amo, mesmo que se trate de uma imbecilidade em seu sentido mais genérico, de imbecilidade cósmica, como dizia Nietzsche.

Restamos com a maior dificuldade de não podermos manter em exercício a produção perene da análise da própria produção da análise. Trata-se de um impossível que se modaliza na cultura, em suas construções de crença, fazendo muita força, peso e opressão. Observem que, mesmo sem ter feito o encaminhamento das histórias da filosofia ou da religião, em psicanálise, que é uma ideiazinha recente, com só cem anos e que ousa ter a pretensão de um discurso próprio diverso da filosofia ou da ciência, pensa-se já que ela seja estritamente aquilo que disseram. Não tem nem mil anos de reconhecimento e crítica para ver se realmente presta para alguma coisa, se funciona, se tem possibilidade de crescer, e já se está crente de que ela é mesmo aquilo que já disseram. Justamente porque disseram, não deve sê-lo, pois, se a psicanálise é a intenção de análise de qualquer formação, se disseram, então já não o é. Precisamos, portanto, continuar dizendo para esgotar o campo do que ela não é e, na tentativa de fazê-lo, acabamos até dizendo algumas coisas que agoraqui podem *estar* momentaneamente certas, mas que não a *são*. Do contrário, não haveria análise ou ela não serviria para nada. Isto porque sua existência não está garantida pelos construtos teóricos que se dizem a respeito desta prática e intenção, e sim pela prática que faz funcionar o movimento perene de análise. As explicações são as que conseguimos dar, provisórias mesmo desde o tempo daquele que acreditamos ter criado a psicanálise, ou seja, que, nalgum processo de hiperdeterminação, terá colhido sua disponibilidade, arrematado algo que aí estava e com o qual ninguém mais soube o que fazer. Logo, esse não criou psicanálise nenhuma. Não se pode provar que antes de Freud a psicanálise não existisse *avant la lettre*. Existia certamente sem nome próprio ou precisa definição, tendo funcionado por aí durante milênios talvez. Mas Freud, dada sua situação histórica e condições de vida, dados os sintomas específicos que sua época, sua cultura e ele próprio portavam, dado tudo isto, e mediante um pequeno ato de indiferenciação, pôde colher um campo que, de lá para cá, tem sido bastante fecundo, mas nem por isso menos cheio de defeitos e sintomas por vezes da pior espécie. No entanto, tantas vezes útil e até mesmo agradável, haja vista a quantas pessoas se vangloriam de nele viver e mesmo colher grana, nomeada, amizade, prestígio, etc. e tal.

Depois de cem anos, o campo da psicanálise conseguiu uma massa considerável de produções livrescas, de supostas análises, de organizações institucionais, de congressos, de lutas e de arranjos. Porém, nas sucessivas produções que tentam reequacionar sua bobagem – que é a nossa mesma de cada dia, de inventar estilos, construir catedrais, fazer ruas, fabricar automóveis, aparelhos de uma estupidez impressionante que, apenas por terem serventia, não temos que achar serem tão importantes –, comete-se a tolice de acreditar que aquilo é uma formação definitiva. E, indefectivelmente, toda vez que um discurso se apronta, que uma formação discursiva de produção de saber se propicia, isto carrega necessariamente as mazelas do seu tempo, das formações que possibilitaram esse dizer, pois não se pode fazê-lo sem uma língua e as significações que ela porta naquele momento, sem a indicação de outros campos de saber que servem metafórica ou diretamente de referência para dizer o que se diz. Assim, se não for uma velharia que se possa lançar ao lixo, por não servir mais para nada, o que digo agoraqui na tentativa de equacionar a psicanálise tem, na melhor das hipóteses, que estar compatível com as necessidades de revisão do campo, em função do desgaste dos aparelhos anteriormente construídos e de um tempo que exige outras soluções. Isto porque já nos demos conta de que as anteriores eram algo precárias, se não mesmo algumas vezes falsas. E não podemos esquecer que todo campo de conhecimento passa necessariamente por este problema, caso contrário restamos ajoelhados beatamente diante do dito de alguém que foi sagrado Deus porque se chama Freud ou Lacan depois de suas respectivas entronizações. Nenhuma destas pessoas era assim tão pequena e simplesmente não poderia admitir nos ver ajoelhados diante de sua própria limitação. No entanto, é o que se faz com mais frequência.

Eis senão quando podemos nos dar conta de que os próprios construtos da teoria que procura o saber curativo, liberador para nós, se enrascaram, por seu cordão umbilical, num determinado aparelho que parecia lhe dar garantia de existência, derrocando por completo quase todo o edifício da sua própria produção. Apesar destas impregnações e aprisionamentos sintomáticos, conseguiu-se, por um esforço perene de análise, produzir coisas interessantíssimas,

um aparelho que, em sua maior generalidade, constitui um modo novo de abordar o que há. Mas tal aparelho pode estar infectado de algum vírus capaz de destruí-lo em todos os seus arquivos: talvez só porque, por uma questão de pusilanimidade, ou de vaidade, fica-se apegado a algum conceito tão querido que se fabricou quando jovem. Ou simplesmente porque se tem um sintoma tão grave e ainda não analisado, que esse tal conceito ou pequeno aparelho oferece uma satisfação tal que não se consegue abrir mão dele. Parece que há isto de inarredável em nossa espécie: talvez não fizessemos nem mesmo a parte boa se não fôssemos de algum modo alugados a essa baixaria que acaba sendo condição *sine qua non* para produzir alguma grandeza. Isto porque somos neuróticos e restamos no interior de um processo de recalçamento exercido por uma força poderosa que não conseguimos ainda deslocar. Basta pesquisarmos e veremos que isto está presente em todas as histórias da história. Na história das ciências, por exemplo, vê-se com que facilidade a impregnação da teoria newtoniana foi capaz de engessar a física por longo tempo, até que alguém ousasse deslocá-la e alguns percebessem que o deslocamento era analítico, capaz de curar determinado sintoma e dar a condição de se enxergar o que estava bem ali e ninguém via. Einstein, por exemplo. Não fora a fixação da neurose chamada Teoria Newtoniana, talvez não viéssemos a ser tomados por outra neurose chamada Teoria Einsteiniana, com um pouco mais de serventia em seu momento e atualidade.

A mesma coisa na psicanálise. Freud constrói um belo teorema possibilitador de bons truques e facilidades de realmente analisarem-se as formações sintomáticas graves de sua época. Só que não se fazem mais neuróticos como antigamente. Hoje, os neuróticos são outros e não adianta disparar mísseis de Édipo contra as pessoas pois elas só morrerão é de rir e têm a resposta já pronta, pois que já conhecem a anedota de antemão. Tudo isto já ficou banal.

Depois de muitas guerras internas, discussões, tentativas de deslocar sintomas graves, surge Jacques Lacan – que está com a bola toda hoje, merecidamente até –, faz uma crítica geral, rearruma toda a teoria e, como dizia, retomando o Freud fundamental contra os seus supostos desvios ocorridos, consegue

entronizar-se em muitos lugares como o nome referente. Isto não no mundo todo. No Brasil, bastante. Na Europa, já está entrando em decadência e, na América, nunca entrou direito. É uma potência mental, analítica e de pensamento, que, num momento brilhante e dando um grande passo, refaz a construção de todo campo, modifica a ordem conceitual, toma algumas coisas emprestadas de ciências paralelas, como a antropologia, a matemática, mesmo certas coisas da física e, sobretudo, a imposição lingüística que, como estruturalismo, existe bem escondidinha por debaixo de todos os aparelhos que vigoram no século 60-70 dos anos mil (como sabem, os séculos agora andam muito curtos). Ora, Lacan conseguiu, por fim, constituir sua própria igreja, com papado, cardeais, e tudo, e já é hora de perguntar se aquilo continua compatível com a reflexão, com o próprio movimento analítico e com o mundo contemporâneo.

Desde nosso ponto de vista, o aparelho lacaniano é incompatível com a derrocada total dos fundamentos e das grandes construções sintomáticas que estavam em vigor no planeta e efetivamente não estão mais. Além disso, estamos perdidos neste final de século, sem entender por que certas formações derrocaram. Às vezes, não é necessário um ato analítico para colocar algo em derrocada, pois as formações caem de podre, não agüentam o embate e desabam porque outras tomam o poder. Estamos numa época em que as pessoas estão muito assustadas com esse verdadeiro terremoto de idéias. Quanto a mim, acho divertidíssimo, acho ótimo que a explosão esteja funcionando, pois não é possível que não haja um mundo possível melhor do que esta joça em que vivemos.

A tal psicanálise tem erros que foram disponibilidades de momento, mas que, às vezes, são graves, que só comparecem quando se consegue efetivamente aplicar sobre eles uma vontade analítica ou quando o mundo os denuncia pelo simples derrisório de sua situação atual. É preciso apontar, então, pelo menos em seus termos gerais, a crítica efetiva de um conceito, um termo – que seria significativo do desejo, como Lacan gosta de dizer –, que me parece mal gestado e mal gerido no campo da psicanálise e que faz com que ela não tenha condições de compatibilidade com nossa época e com o que parece estar vindo por aí.

Incompatibilidade que surge de um erro que provavelmente o século XX não conseguiu corrigir e, quem sabe, o próximo século venha a conseguir. Isto corre em torno daquilo que, no campo geral da psicanálise, chama-se **Falo**, tornado aí um conceito fundamental. Se me permitem um jeito simplório, brasileiro e de espontaneidade inconsciente, na verdade o nome disso é ‘caralho’, palavra bastante usada em nosso cotidiano, mesmo que ainda não tenha ocupado o território científico ou o erudito. Ora, Freud o erigiu, é o caso de dizer, em sustentáculo da organização psíquica infantil, criando até um nome – que nos parece hoje abominável, mas que temos que manter por enquanto, senão se perde o sentido – que é **castração**, um hábito violento de se cortar pedaços importantes dos outros. Tudo isso armando um conceito de grande pregnância e serventia em seu projeto teórico ou em seu protocolo científico, e de enorme presença na cultura e nas intervenções psicanalíticas.

Nossa questão é perguntar, como tantos já fizeram, com respostas bastante interessantes, se este conceito ou significante é para valer mesmo ou se não há algo errado com seu aparecimento. Quando determinado aparelho teórico ou narrativa tem sucesso, devemos suspeitar, como fazia o rei Frederico II da Prússia que, ao proferir um discurso que o povo aplaudia demais, perguntava qual teria sido a besteira que dissera. Ora, se algo tem sucesso, devemos pensar se já não há algo errado pelo simples fato de aquilo ser uma formação, e portanto sintomática, e ainda por cima vencedora, quer dizer, muito bem conectada e apoiada por outras, quiçá em maioria, formações também vencedoras. Ou seja, qualquer sucesso deve imediatamente nos lembrar que tem que estar compartilhando com os sintomas vigentes, caso contrário não seria assim aplaudido. Esquecemo-nos disto quando aplaudimos os ídolos da arte, por exemplo. Se realmente estivessem dizendo algo, entenderíamos para aplaudir desse modo? Isto deveria ser, para cada um de nós, o reconhecimento de que, se está compatível com nosso sintoma, podemos até repousar com o aplauso, num momento de sossego dentro desta horrível de vida, mas imediatamente é preciso perguntar sobre o que ali não está dito – e muito menos bem-dito. Esse sucesso da psicanálise hoje, com Freud, fulano, sicrano, beltrano e Lacan, não

será devido ao fato de estarem dizendo justamente o que as pessoas queriam ouvir? Esta não é uma boa pergunta? Freud, no início, não teve muito sucesso porque as pessoas não queriam escutá-lo e, contudo, de tanto repetir, colocando, como conteúdo de sua repetição, coisas tão pregnantes e agradáveis para os ouvidos, acabaram por reconhecê-lo. O mesmo acontecendo com Lacan. Se tão rapidamente a igreja lacaniana se instalou não é porque, certamente – como acontece em qualquer outro lugar –, o lacanismo estava dizendo o que se queria ouvir? Mantenhamos esta pergunta. Sucesso, aliás, democrático, coisa relativamente incompatível com a psicanálise, a ciência e o saber, campos que não podem viver do voto de qualquer maioria que não entende nada da invenção solitária de algo realmente novo. Precisamos lembrar, então, que há outros campos de pensamento, outras reflexões, que questionam veementemente e, com razão, certas posturas de nosso campo, entre elas a de que estou falando hoje.

Terá Freud, seus subseqüentes, seus subseqüazes, inclusive Lacan, descoberto efetivamente o Falo imaginariamente posto como conceito ou estrutura inarredável, em última instância, da espécie humana, regendo, como uma bela varinha de condão, todos os processos fundamentais da humanidade? Ou simplesmente descobriu ele um óbvio ululante: que, em sua própria formação e na de sua própria cultura, esse tal Falo estava assim colocado por mera produção cultural? Estou descobrindo uma construção psíquica originária ou estou simplesmente reproduzindo minha neurose e a de minha gente no momento em que estou vivendo? Sabemos que Freud dizia ser evidente para todos que há uma diferença anatômica entre os sexos, embora as crianças não achem assim. Para elas, os meninos têm um pipi e as meninas não, o que, segundo Freud, é o que faz diferença, pois a diferença é entre ter ou não o mesmíssimo pipi. Em primeiro lugar: as crianças acham mesmo isto? A experiência com as crianças leva mesmo a esta conclusão? Não creio. Grande quantidade de pessoas que lida com crianças pode perceber que não. Grande quantidade de analistas contemporâneos de Freud achava que não. Eram analistas de nome, incluindo o puxa-saco fundamental da psicanálise, Ernest Jones, que tinha a audácia de discordar, preferindo acompanhar Karen Horney – uma mulher –, para quem as

coisas não funcionavam bem assim como Freud dizia. Ora, é possível descobrir em crianças e até mesmo em fases bem primárias ou a ignorância de qualquer diferença ou o reconhecimento de que há um troço completamente diferente para cá e outro para lá. Mas não a mesma coisa positiva ou negativa. Logo, é preciso a criança ‘brincar de médico’, como num laboratório científico qualquer, para pesquisar e sacar que há algo diferente.

Houve um tempo, em certas regiões da burguesia, em que era proibido pôr a mão nessas coisas, sobretudo nas coisas de outrem. Ora, de modo geral, sobretudo no passado, eram os homens que, majoritariamente, narravam suas experiências dizendo besteiras como ‘eu tenho, ela não – quem foi que tirou o dela – que terá ela feito de mau para lhe cortarem o seu? – portanto eu preciso me conter se não cortam o meu’ – e todo o bobajal subsequente. É este o raciocínio que Freud apresenta. Donde o menino ter complexo de castração, isto é, medo de cortarem o dele, e a menina ser sem-vergonha, pois já lhe cortaram o dela. Isto é uma teoria parecida com ciência do século XII, se é que havia tal ciência, e alguns analistas, se não a maioria, continuam acreditando até hoje. É esta bobagem que vai constituir o tal Falo como coisa única que aqui está presente, ali ausente, sem verdadeira diferença sexual. Ora, para construir um aparelho como este, afirmando que os meninos têm e as meninas não, explicitadamente porque lhes tiraram, deixando o complexo de castração no ar, é preciso – e Freud o fez – dizer que quando nascemos, do ponto de vista do inconsciente, somos todos meninos. A mulher, portanto, vai ter que ser construída, porque, de começo, não existe. Será isto verdadeiro em nossa experiência? Precisamos hoje perguntar se isto, em Freud, não é outra coisa senão um momento sintomático do século XIX, de um aparelho cultural predominantemente bíblico no geral e cristão no particular, o qual, diferentemente de outras vias religiosas, sempre teve horror, medo, pavor, terror, da pura e simples sexualidade. Além disso, Freud era judeu, o que torna a situação grave, pois pesa na vida de alguém estar metido na civilização ocidental, num determinado século, regida por um cristianismo vigoroso, e ainda ser herdeiro de algo antecedente à revolução cristã, com muito a ver com a pregnância religiosa do macho.

Estelle Roith, do Instituto de Psicanálise de Londres, publicou um livro interessante, intitulado *O Enigma de Freud: influências judaicas em sua teoria sobre a sexualidade feminina* (Rio de Janeiro: Imago, 1989), onde demonstra a forte influência da cultura judaica no pensamento freudiano. Quando mais adiante tratarmos da cultura e de suas possibilidades de desenvolvimento, veremos como esse aparelho judeu-cristão dominou a cultura ocidental com os paradigmas, por exemplo, de assunção, aceitação, impregnação, dominação, do masculino – categorizado efetivamente como macho. Desde a grande revolução neolítica, há milênios as culturas vêm decantando a hipervalorização do macho em detrimento da fêmea, de todos os elementos que eventualmente podem estar arrolados no campo do masculino, dos comportamentos em função dos códigos que designam ponto a ponto a macheza do macho, etc., etc., etc. Estamos soterrados, portanto, sob milênios de ordem sintomática que hipervaloriza determinado argumento que funciona, sim, no seio de nossa cultura, mas não funcionou sempre assim, nem o fará para sempre. Antes não havia, agora começa a ser questionado e pode mesmo vir a desaparecer.

A psicanálise, então, ao constituir o Falo, fez isto como o achado de algo universal da espécie, ou simplesmente não pôde escapar da jurisdição e do poder recalcante da ordem já instalada com a pregnância desse mesmo Falo? Façam jogo! Opto pela segunda hipótese. Freud entendeu claramente tratar-se de um sintoma que vigorava no seio de sua cultura, dito e repetido pelas pessoas em análise, mas fez dele um conceito genérico da psicanálise, em que pese a discordância de algumas pessoas, teóricas ou não, não conseguindo – e começamos a fazê-lo hoje com mais possibilidade de argumentação – dar-se conta de que uma postura analítica competente ultrapassa a vocação deste sintoma, pois o toma apenas como repetitivo e permanente dentro da cultura em questão. Foi um erro grave de Freud, que Lacan não aboliu, mas ressuscitou com fingimento de abstração, chamando-o de Significante-Falo e inventando, bem assentado em cima dele, o seu famoso Nome-do-Pai, como se a sua simples abstração pudesse lhe dar um desempenho melhor. Afirmo que este truque não lhe dá um desempenho compatível com a vigência do movimento psíquico contemporâneo

em sua obviedade de confronto com as neuroses culturais. As culturas não só estão sendo relativizadas como estão explodindo espontaneamente por baixo – maneira de dizer, porque há sua produção por trás – talvez pela velocidade de comunicação, pela super-produção de tecnologias, etc. O analista portanto não deve manter-se compatível com tal sintoma estagnado, mas sim com o movimento mesmo da análise.

O neolítico da cultura – não só ocidental – em que vivemos venceu, o que nos dá um planeta mais genericamente racista, machista, falicista e, pior, heterossexualista no discurso, mas masculinamente homossexual em sua consideração reflexiva, e que ainda encontra uma psicanálise que também é falicista e compatível com esses sintomas fascistóides. Freud bateu de frente com coisas terríveis, pois – se o seu protocolo está errado como digo que está – não podia não se deparar com seu próprio erro teórico internalizado em suas análises. Se o protocolo está errado, quando a análise não funciona, é porque bateu no limite teórico criado pelo próprio analista. Como foi o caso, por exemplo, de Freud afirmar que as análises podem caminhar, caminhar, mas acabam esbarrando, como um transatlântico, no rochedo intransponível da castração: para os homens, o tal protesto macho; para as mulheres, a inveja do pênis que eles têm e elas não. Ora, Freud se desesperava com o fato de que suas análises não conseguiam passar daí, mas era ele mesmo e seus teoremas mal montados que o incapacitavam de passar. Pelo menos foi o que Lacan supôs, embora erroneamente como se pôde ver depois, ao instituir o seu “Passe” para além do impasse de Freud. Pois, se construo uma psicanálise que reduz tudo a esse falicismo, quando ele comparece devo ficar abismado? Há pelo menos uma burrice de Freud – perfeitamente compatível com sua neurose e a de seu tempo. Ele foi mal analisado, também analisou mal a situação e, apesar disto, apesar de ser apenas Freud, mesmo assim fez coisas incríveis, da maior importância e da maior eficácia. Então, na paixão neolítica pelo Falo, o processo se homossexualiza machamente, a ponto de as meninas terem que ser meninos antes de serem meninas; de tudo ser julgado em função da presença e ausência do tal Falo; de tudo ser analisado em função de tê-lo e de não tê-lo; e de as mulheres

terem obrigação de ter inveja do pênis; e de os homens não terem mais o que fazer a vida toda senão viverem defendendo o seu.

O falicismo a que a psicanálise foi reduzida, também não está resolvido na psicanálise de Lacan. Ao contrário, numa certa vertente bastante vitoriosa porque democraticamente aceita, acabou por tornar o falo verdadeiro fetiche de sua estrutura teórica, ainda que com sérias aparências de plena abstração, de significante do desejo que, em últimas instância, vira o Nome-do-Pai, compatibilíssimo com a ordem patriarcal do macho, branco, ocidental, com todas as vocações racistas da cultura em que vivemos e onde a psicanálise costuma sobreviver enquanto neolítico não ultrapassado. Ao mesmo tempo, as mulheres não valem quase nada – artigos de segunda, se não de terceira –, servindo apenas quando referidas à macheza do macho em sua competência reprodutiva, com seus corpos geridos pela postura dos machos e seus ciúmes, ainda que muito recentemente tenham resolvido o contrário sem que até hoje consigam, mesmo escrevendo livros, demonstrá-lo. Como dizia Freud: essas mulheres maravilhosas que tenho ao meu redor, que são boas analistas e que produzem livros de teoria, elas são masculinas. Ou seja, se pensou, ou é sapatão ou é macho, mesmo se indevidamente castrado...

Logo, a crítica de sociólogos, antropólogos, cientistas sociais é válida quando afirma que a psicanálise propõe como aparelho fundamental o que é processo de decantação sintomática do social e da cultura. Por isso, estou tentando, bem ou mal às minhas custas, um aparelho abstrato que independa cada vez mais basicamente desses construtos compromissados com o sintoma da cultura, embora o reconheça como neurose cultural e saiba que isto necessariamente reaparecerá em análise. Como vivemos uma época em que cada vez mais se demonstra que coisas como isto são simplesmente aparelhos da cultura, cujos fundamentos sintomáticos estão explodindo e vão explodir cada vez mais, aos analistas restaram perguntas absolutamente cretinas em função de seus protocolos teóricos. Por exemplo, o que quer uma mulher? É o “continente negro” da psicanálise? Ou será que estas perguntas é que são oriundas do ‘continente grego’ da psicanálise? Qualquer Teatro de Revista do Brasil sabe muito bem o

que elas querem, como diz o título saboroso de um antigo grande *show*: ***Elas Querem é Poder***. Iam querer o quê se estão sem? Ou ainda, “A Mulher não existe”, formulação teórica bastante inteligente, mas invadida pelo sintoma prévio que, em vez de dar outro e novo nome àquilo que equaciona, mesmo se muito bem, a partir de outra postura teórica, chama isto de Mulher e aquilo de Homem – mesmo que tenha logologo que se haver com a sua própria franca relativização de sua idiota confissão.

• Pergunta – *Você concordaria com o fato de que este falicismo da psicanálise estava na base da construção ou renovação de outros saberes que dela foram contemporâneos, como a antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss, de quem um certo Lacan fez alguns empréstimos teóricos?*

O sucesso de Lévi-Strauss é impressionante, é quase de massa. Sua obra é de uma articulação brilhante, de um virtuosismo intelectual exuberante, só que o colosso tem os pés de barro. Em primeiro lugar, a famigerada interdição do incesto, ela é mesmo universal, em toda e qualquer formação cultural, no passado, no presente e no futuro? Em segundo lugar, ela parece universal porque é mesmo universal, ou porque o sistema em vigor ainda é neolítico? Duas perguntas que a fazem desmoronar completamente de sua pretensão. O mesmo valendo para a psicanálise. Lacan tinha um grande respeito e reverência por Lévi-Strauss, sempre dizendo que lhe devia muito, se não quase tudo. É evidente, pois, como ficaria sua postura de querer tornar a garantir a pregnância fálica de Freud diante, por exemplo, de uma importante facção da psicanálise inglesa, se não tivesse Lévi-Strauss vencido no *hit parade* francês e depois mundial? Basta lermos os textos de Freud e veremos que toda e qualquer observação é feita desde o seu próprio ponto de vista masculino, pois ele não tem nem mesmo a gentileza de se neutralizar, admirando narcisicamente a sua própria piroquinha e fazendo dela a lente através da qual o mundo se vê. Algumas mulheres, entre as quais Ernest Jones veio a se encontrar, se rebelaram decisivamente contra isto.

Apesar desta força sintomática embargando seus movimentos, a psicanálise, desde Freud, conseguiu propor conceitos e reconhecer acontecimentos

que, de saída, extrapolaram radicalmente o encontrado sintomaticamente no percurso: como, por exemplo, o conceito de Pulsão-de-Morte, que Freud não pôde deixar de topar já para os seus sessenta anos de idade. Embora tenha tornado vigoroso este conceito, creio que Freud não o aplicou adequadamente de modo a rever sua obra anterior, a qual, com isto, teria se reconfigurado inteiramente. Um certo Lacan privilegiou aquele falicismo e, à medida que foi desenvolvendo seus teoremas, abstraiu-o de tal maneira que praticamente o desfez. Mas numa teoria rigorosa, os desenvolvimentos ulteriores e de mais alta abstração, têm obrigatoriamente que questionar teórica e sintomaticamente os anteriores, como Lacan, por exemplo, perguntando, em seu seminário terminal, pelo Terceiro Sexo que jamais encontrou. Isto necessariamente fazia questão, em absoluta incompatibilidade com seus seminários da década de cinquenta ou sessenta. Ocorre, no entanto, que Freud estava mais interessado em que a psicanálise adquirisse poder no Mundo do que na Verdade. Logo, não abria mão do que já havia dantes encontrado, e pagou um preço alto demais por tamanha mesquinhez. Lacan, por sua vez, ao elevar, é o caso de dizer, o Falo à categoria de Significante, pretendeu ter abstraído a pregnância primária de seu nascimento, por ele indicada com todas as letras como imaginário do Pênis. Ora, o tal Falo, que em tal grau de abstração poderia parecer **indiferenciante**, não indiferencia coisa alguma, e continua sendo mesmo assim, como já estava em Freud, o distribuidor não-indiferenciado das diferenças, uma carta forçada. Aliás, é Otto Fenichel quem constrói a equação simbólica garota=falo – que Lacan declaradamente utiliza em seus *Escritos* –, onde as mulheres *são* o falo e os homens *têm* o falo, sempre segundo uma homossexualização masculina generalizada.

26/AGO

6

Sexuação

Dentro do mesmo escopo teórico que venho desenvolvendo, hoje vou falar de **Morte** e **Sexuação**. Coisa difícil para esta nossa espécie saber o que é e como funciona a sexualidade, ou mesmo o sexo enquanto tal – e a morte à qual ele sempre se atrela.

Sexo, secção, partição – como isso se distribui? Costumamos achar óbvio existirem homens e mulheres do ponto de vista sexual – esta distribuição sendo feita por caracteres sexuais primários e secundários, como se diz: caracteres sexuais primários, que são os órgãos sexuais propriamente ditos, e outros, que a biologia costuma chamar de secundários. Mas isso não é apenas assim: há também o comportamento sexual, que é muito variado. Nossa espécie, bem mais enlouquecida do que as outras conhecidas, é capaz de fazer as maiores diabruras com essa comichão que acontece em seu corpo e em sua alma. Daí acontecerem coisas as mais espantosas, teorias as mais estapafúrdias, para explicar o que é o comportamento sexual humano – o que aliás foi fundamental quando da produção da teoria psicanalítica. Freud dizia que a realidade do inconsciente é sexual. Isto significando que a psicanálise se orienta pela sexualidade, e também pela sexuação. Ou seja, a distribuição dos sexos, e a sexualidade dos comportamentos inconscientes ou conscientes. Só que este campo é uma balbúrdia, pois tudo que cientistas procuraram ‘desvendar’, ‘revelar’, durante séculos e mesmo durante grande parte do século XX, pode ser uma montanha de erros. Sobretudo de mal-entendidos que se devem ao olhar

que o cientista aplica em cada caso, olhar este que está informado por sintomas culturais muito bem estabelecidos e decantados há séculos, quando não há milênios. De vez em quando, então, flagramos cientistas em erros graves porque não há suficiente isenção sua diante dos acontecimentos sexuais e já parte de malformados conceitos pré-estabelecidos, os quais costumamos chamar de preconceitos. Muitas vezes não enxergam muito bem o que está acontecendo e projetam o que têm na própria cabeça sobre os acontecimentos.

Terá sido, na história da psicanálise, bem conduzida a questão da sexualidade? Será que Freud a resolveu de bom jeito? Ele se supunha cientista – hojendia, ninguém mais supõe que ele o fosse –, mas terá sido um ‘cientista’ adequado, isto é, sem maiores preconceitos? Parece que não. Sua construção é prenhe de disparidades e incongruências. Digamos que, talvez, a idéia mais fecunda que teve a respeito da sexuação e da sexualidade humanas, pelo que podia entender de sua escuta dos seus analisandos e do que podia pensar como funcionamento do inconsciente, foi o que chamou de **bi-sexualidade**. Ele supunha que todos os humanos tinham a potencialidade – ou mesmo a disponibilidade – para transar com qualquer sexo: que eram todos psiquicamente bi-sexuados. Que era preciso algum processo recalcante para que a pessoa ‘escolhesse’ uma postura sexual, que necessariamente seria homo ou hétero quanto à escolha do sexo do parceiro. Ou seja, embora existam outras escolhas importantes do ponto de vista psicanalítico – quem bate/quem apanha, quem fica em cima/quem fica embaixo, ou mesmo como punha Freud com mais veemência, quem é ativo/quem é passivo, etc. –, ele ficou bem mais impressionado com a questão da chamada *diferença sexual anatômica* e seus efeitos sobre o psiquismo. Então, achou que os machos e fêmeas da nossa espécie transariam para qualquer lado, desde que não houvesse nenhuma repressão produzindo recalque, e que a cultura – interessada nos progressos da fabricação de seus filhotes – certamente empurraria as pessoas para os lugares adequados à simples reprodução. Contudo, apesar disto – algo que tem certa necessidade óbvia, e cada vez mais óbvia hojendia –, ele acaba produzindo um núcleo teórico quanto à **diferença sexual** que é aceito por grande parte dos psicanalistas, não o é por

outra grande parte, e acaba sendo bastante consentâneo com a sintomática social. Assim, quando se busca produzir um aparelho teórico relativo ao psiquismo, supostamente filiado ao campo da psicanálise, há que fazer a opção de seguir ou não esta perspectiva freudiana da diferença sexual.

Qual é a perspectiva para além da chamada bissexualidade (esta, aos poucos, Freud foi deixando de lado para fazer a teoria da diferença sexual e da opção sexual sobre o que chamou de *complexo de castração*)? Tudo no psiquismo – mesmo as conhecidas funções de neurose, perversão e psicose – se organizaria ou, pelo menos, teria a ver necessariamente com a sexuação. Isto significando que estava de acordo com o complexo de castração e suas resoluções. Complexo este absolutamente aderido ao *complexo de Édipo* – ou seja, àquela estorinha caseira: quero-mamãe-não-pode, quero-papai-não-pode, em que muita gente acredita até hoje –, o qual está ligado à ordem neolítica da *interdição do incesto*. Esta também é outra estória, produzida no seio da formação cultural, em relação à qual temos que fazer escolha: é a interdição do incesto como algo estrutural que funda a cultura ou é a cultura, em seus processos históricos, que funda a interdição, a proibição, do incesto? Poderíamos dizer que a antropologia estrutural, de Lévi-Strauss – que Lacan veio a retomar inteiramente –, é bastante amiga da idéia do complexo de castração, em Freud. Mas há, por outro lado, aqueles que acreditam que a interdição do incesto é estritamente histórica, que foi criada num certo momento, certamente no Neolítico, e que, ao invés de ter sido ela a criadora da cultura, ela é que foi criada pela cultura. Do mesmo modo que não existe complexo de castração, pois, evidentemente, a diferenciação sexual não se dá assim.

Como devem lembrar, o complexo de castração era Freud, observando em análise a sexualidade das pessoas durante a sua suposta construção do tal Édipo, fazendo a suposição de que primordialmente não existiam meninas. Isto porque elas seriam ignorantes, tanto quanto os meninos, a respeito da verdadeira diferença sexual. Elas não teriam vagina, e sim um clitóris que não era senão algo meio peniano mas muito pequenininho, que elas usavam prazerosamente em sua masturbação, assim como os meninos podiam usar os seus também

ainda tão pouco desenvolvidos. Ele achava que não se encaixa no psiquismo humano nenhuma idéia de diferença sexual, que isso não está marcado em nenhum arquivo do inconsciente. Parece que, realmente, não trazemos nenhuma distinção psíquica pré-dada quanto a pertencer a tal ou qual sexo, sobretudo do ponto de vista dos comportamentos sexuais. Por isso mesmo é que ele falou em bi-sexualidade. Resta saber se não haver marcação de sexualidade significa necessariamente complexo de castração. Mas ele inventou aquela estorinha narrando que os meninos nascem meninos e as meninas também nascem meninos: que só existe um sexo na primeira infância. As meninas vão passar por um processo, até mesmo doloroso, para descobrir que não são mais meninos como foram dantes e que têm que de algum modo virar mulheres para se normalizarem nesta vida de loucuras. Como vêem, ficou muito difícil para as pobrezinhas: os meninos existem, as meninas não, os homens já nascem feitos, as mulheres tem que ser *self-made-men*, desculpem, *self-made-women*. Temos engolido tudo isto durante muito tempo. Alguns ainda engolem, até hoje, como se isto se tratasse de uma perfeição teórica absoluta.

Assim, quando um se deparava com outro, se é que se deparavam, os meninos achavam que as meninas não tinham o que eles tinham e, portanto, quem sabe?, alguém o teria tirado. Vai ver estavam se masturbando e o pai foi lá e cortou o piu-piu delas! E as meninas, justamente pelo lado do avesso, quando descobriam que os meninos tinham, achavam isto um absurdo e pensavam: ‘Cortaram o meu, sou uma castrada’. Como eles também achavam que elas eram umas castradas, ficaram vantagens e desvantagens do tipo: os meninos tinham o que as meninas não tinham, portanto, eram machos, potentes, proprietários, e elas despossuídas; a única compensação sendo que, fazendo certo esforço, elas podiam conseguir algum, ou mesmo todos os deles, ou, também, talvez pudessem vir a ter algum bebê para substituir aquela falta terrível. Contudo, por outro lado, de certa forma, eles viveriam ameaçados a vida inteira, porque, se cortaram os delas, a qualquer momento poderiam cortar os deles também. Por isso os meninos são tão moralistas, tão certinhos, obedientes e covardes. Ao passo que as mulheres, por sua vez, não são assim tão medrosas, mesmo

quando afirmam o contrário. Elas seriam, sim, é meio sem-vergonha, pois nada tinham a perder quanto àquilo – já lhes tinham cortado mesmo – e, no fundo, se os meninos não tomarem conta, elas seriam mesmo umas putinhas... É claro que estou fazendo uma caricatura, mas é exatamente assim a famigerada *teoria da castração*. Eles, coitados, teriam que passar o resto de suas vidas mostrando o pau precário e ameaçado que supõem *ter*, botando o pau na mesa, como se diz em brasileiro, e elas, também coitadinhas, com inveja do pau que não têm para mostrar nem para botar na mesa. *Protesto macho e inveja do pênis* – a estas duas coisas conjuminadas Freud chamava: *o rochedo da castração*. Ele achava que é impossível conduzir suficientemente longe qualquer análise, porque os rapazes jamais vão abrir mão de mostrar o seu e dizer ‘sou eu que mando’, ou ‘não aceito sua interpretação’, e porque as moças sempre ficarão com inveja daquilo e dizendo ‘você está dizendo assim só porque você é macho – e se eu também tivesse um pênis você então ia ver como é que ficava’. E, segundo Freud, isto acabava com a possibilidade de uma análise chegar até o seu fim.

É claro que um grupo considerável de pessoas ligadas à psicanálise, no próprio registro da sociedade psicanalítica, até com Freud ainda vivo, sobretudo mulheres brilhantes como Melanie Klein, Karen Horney e outras – inclusive Ernest Jones, que é um espanto que tivesse se arrostado com Freud, –, se rebelaram e contestaram que não é assim que funciona, pois as meninas sabem muito bem que têm vagina, e que algumas até mesmo se masturbam vaginalmente, etc., etc., etc. Para estes, Freud estava se referindo a algo da ordem de uma neurose já ali instalada, e não a algo primário (primário, no sentido deles, não no meu). Mas os argumentos que propunham contra, eles eram, a meu ver, tão ruins quanto os argumentos de Freud: tem/não- tem, elas-sabem-que-têm/ eles-sabem-que-não-têm, ou muito pelo contrário – numa briga que não tinha a menor chance de sair do mesmo lugar. Como o poder estava por inteiro na mão de Freud, a coisa não teve outro jeito senão descambar definitivamente para o seu lado. Na verdade, aqueles outros nunca abriram mão de uma vez por todas de suas posições e continuam até hoje com alguns poderes no estado psicanalítico.

Passados algum pouco tempo e centenas de psicanalistas, eis que aparece um chamado Jacques Lacan, que vive participadamente um momento de grande florescência intelectual e política na Europa, eclodido sobretudo na França com a criação de um pensamento novo chamado *estruturalismo*. Ele resolve refazer inteiramente o modo de leitura do projeto psicanalítico sobre os aparelhos disponibilizados pelo estruturalismo antropológico, lingüístico, etc., e faz uma reforma radical, mesmo brilhante, conseguindo tornar mais abstratas as colocações freudianas, como se fosse uma retomada *ipsis litteris*, como ele mesmo dizia, *à la lettre*, dos escritos de Freud. Abandona bastante a idéia de *Édipo*, reescreve o conceito de *diferença sexual*, toma o inconsciente como linguagem, mas acaba por aderir ao mesmo partido do velho Freud.

Em seu projeto, Lacan afirmava mesmo que, como as coisas estavam sendo desviadas em relação ao que Freud efetivamente dissera, ele estava colocando tudo no lugar em que Freud verdadeiramente colocara, e não como faziam, e erroneamente, aqueles que desde então o contestavam. Assim, Lacan rearrumava tudo, entretanto, como disse, re-sustentando a diferença anatômica como capaz de forçar no psiquismo a pregnância maior de determinado elemento, que não é senão o chamado pênis, que comparece mais pregnantemente, que é o manda-chuva e que as meninas efetivamente não têm. Freud supunha que esta era a teoria sexual que as crianças faziam e que, portanto, esta era a idéia que lhes ficava no psiquismo. A diferença sexual era isto, o complexo de castração, e, para arrumar tudo, teríamos a prevalência, a preeminência, a superioridade, pelo menos como pregnância visual, do invencível pênis imaginário, que ele então apelida com o nome grego de *Falo*. A idéia não era de que se estivesse falando diretamente do órgão sexual, mas sim do imaginário do pênis em ereção, novo *pithecanthropos erectus* substituto, elevado à categoria de indicador do *homo psychologicus*. Sem ereção, aliás, não vale, pois aquilo não tem muito caráter, fica sem a pregnância imaginária, e depois simbólica, que ele queria que tivesse. Então, hoje, toda a questão gira em torno desse troço. A estrutura analítica do próprio Freud vai centrar-se nesta questão e, embora haja muitos com outras linhagens, isso vai bater ponto a ponto no Doutor Lacan, que foi

meu mestre e analista, e que hoje está em plena e grande moda no Brasil (não sem clara *mea culpa*), com a roupagem da mesmíssima fantasia.

Lacan faz um trabalho inteligentíssimo partindo da mesma pregnância visual do tal Falo imaginário. Ele porá que isso com que nos deparamos é o falo imaginário, que os meninos têm e as meninas não. A diferença sexual se daria aí estritamente na relação: tem o Falo / não tem o Falo. Aquelas mulheres e outros analistas se rebelaram porque pensavam que se os meninos têm um pênis, as meninas têm uma vagina, mas, em Freud, é presença e ausência da mesma coisa, ou seja, atribuição de presença e ausência ao Falo. Esta é, aliás, a idéia fundamental do que Lacan chama de *Simbólico*, em contraposição ao *Imaginário* das figuras, das pregnâncias diretas, e ao *Real* das coisas que pegamos. Eu, não sei se podemos chamar a isso de Real. Não sei – e ninguém sabe – onde passa a fronteira entre Real e Imaginário, mas Lacan finge que sabe. E o que chama mesmo de simbólico, lingüisticizando um pouco a psicanálise, é essa atribuição de presença e ausência ao Falo. Simbólico é sinal (+) para os homens e sinal (-) para as mulheres, ou também seus simples nomes ou figuras representativas inscritos nas portas dos mictórios. Mais e menos o quê? O tal Falo. Entender isto é fundamental, é crucial, na escolha de um teorema psicanalítico, pois aceita-se isto, ou simplesmente não. Para não restar tendencioso por trás do que estou dizendo, adianto logo que fui freudiano, fui aluno de Lacan, acreditei nisso tudo e, depois de muita experiência, não acredito mais. Não aceito o teorema da castração como é colocado, mas os meus não são os argumentos daqueles e daquelas que foram contra Freud, e afirmo que **o Falo**, assim colocado, na verdade acabou por se tornar **um fetiche da psicanálise**. Se retornarmos isso para Freud e Lacan, poder-se-ia dizer que a psicanálise pode parecer uma atividade perversa cujo fetiche é esse Falo mais ou menos obsceno que comparece o tempo todo como eixo, pivô fetichista do discurso psicanalítico.

Vivemos, então, uma situação social historicamente posta que, como todos sabem, é cheia de afetações relacionadas a séculos, se não milênios, de repetição sintomática e que, mais recentemente, com a ajuda do desenvolvimento

tecnológico, começa a implodir. As mulheres, por exemplo, foram dominadas durante longo tempo, não necessariamente *pelos* homens, mas por uma idéia ou uma inadimplência de força. Precisamos lembrar que elas estiveram milênios sem poder ter uma ação efetiva porque deviam estar sempre grávidas; e além disso, morria-se muito cedo. Fica difícil ter capacidade de luta, qualquer outra ou política, carregando aquela barriga e morrendo tão jovem.

De tal maneira que nos encontramos hoje numa civilização nitidamente racista por ter feito a suposição de que certas formações biológicas são piores do que outras só porque perderam alguma guerra por questões de tempo, de força, de posse de armamento, e outras tantas coisas que tais. Assim, podemos dizer que quanto a essas coisas há três sintomas graves em nossa cultura: **racismo**; **machismo** (que podemos chamar de falicismo: os homens são, as mulheres não); e **heterossexualismo** (a idéia de que o sexo existe estritamente para a reprodução – aliás, qual seria mesmo o seu oposto?). São três grandes sintomas da cultura nesses milênios últimos vividos por nós.

Estamos agora num momento em que tudo isso está implodindo, e cada vez mais. E uma das objeções que se pode fazer aos teóricos, mesmo a Freud e Lacan, é que uma teoria construída sobre o complexo de castração pode ser, não o erro redondo de se mentir a respeito da repetição de um sintoma – ou seja, é provável que, com muita freqüência, encontremos o sintoma assim descrito (o que não significa que seja estrutural e muito menos natural) –, mas simplesmente um sintoma que está historicamente fundado por aí. Ele é tão pregnante que é claro que o encontremos como sintoma. Portanto, é para ser analisado, e não para se acreditar que é mesmo assim. É apenas mais uma neura na humanidade. Estamos vivendo, então, um momento em que, por exemplo, as reações das mulheres, as ondas feministas, cada vez se tornam mais sutis ao mesmo tempo que mais fortes. Há evidência de que, quando se dá a mesma oportunidade, elas se realizam em igualdade de potência. Dada a tecnologia correta, não há diferença entre as competências das mulheres e dos homens. Elas podem perfeitamente ir para a guerra e dirigir um submarino atômico. Há também a idéia, que as feministas ajudaram muito a fazer comparecer, mas que

também outros modos de comportamento, como a chamada revolução sexual dos anos 60, trouxeram à tona, de que a sexualidade não é algo feito para reproduzir. Depois que houve a queda do conceito de *instinto* na etologia e se viu que os ditos instintos materno ou de reprodução são programas que se deslançam, cada vez se descobrem coisas mais múltiplas de que éramos ignorantes a respeito dos animais. Imaginem, então, a respeito da espécie humana.

Muitos biólogos entendem que o modo de reprodução sexuada é uma das coisas mais idiotas que já aconteceram na face do planeta. Custa caríssimo, é um desperdício enorme, e não se sabe por que esse modo acabou vencendo numa espécie tão diferente como a nossa. Do ponto de vista biológico, é um modo meio perdulário, mesmo porque estamos a ponto de, mais economicamente, poder abolir a reprodução sexuada nos laboratórios. Mais algum tempo de pesquisa, não só poderemos produzir clones, como faremos filhote de fulano com sicrano ou beltrano, à vontade, sem nenhuma participação de sexualidade no sentido do nhéco-nhéco conhecido. Estamos então num momento em que tudo isso tem que ser questionado. Há hoje pesquisas de campo que nos deixam estarecidos. Vejamos uma, que ajuda a derrogar a idéia de complexo de castração e que atinge as causas admitidas de perversão sexual, fetiche, homossexualidade, etc., em que não podemos mais acreditar com a mesma facilidade e tontice de antigamente. Um livro saído agora no EUA, há dois ou três meses, *Biological exuberance: animal homosexuality and natural diversity*, de um cientista chamado Bruce Bagemihl, vem demonstrar inúmeras falhas quanto ao que se pensava sobre o programa etológico dos comportamentos dos animais. Pensávamos que, em todas as espécies, havia um etograma referido à reprodução da espécie e que, por exemplo, não haveria homossexualidade animal. Poderia, muito raramente, ocorrer, mediante um defeito cerebral ou coisa assim. Mas esse autor demonstra que a homossexualidade é amplamente distribuída pelo mundo animal. Portanto, o programa não é necessariamente reprodutivo. Parece uma bobagem, mas balança inteiramente o velho coreto, porque as formações na espécie humana não são necessariamente perversas, podendo ser formações disponíveis mesmo no que chamo de Primário.

Freud já acreditava em bissexualidade (herdada de Krafft-Ebing) e em ‘predisposições’ para várias coisas, mas, ao mesmo tempo, acaba fundando a teoria da castração – e sobre o material precário que encontrou – e congelando o sistema. Ele chega mesmo a chamar a homossexualidade, por exemplo, não de uma formação como outra qualquer, mas de formação perversa em função dessa teoria tão precária da sua ‘castração’. E não dá mais para aceitar isto hoje, sobretudo diante de pesquisas que demonstram que a coisa é assim disseminada mesmo entre os animais. Por que ninguém notava isso antes? Porque ninguém estava interessado em saber, era feio tocar naquilo. Um cientista macho – e a maioria era de machos – ficava preocupado em tratar de homossexualidade animal e o seu pessoal achar, por exemplo, que ele fosse veado. Então, não se falava no assunto para ninguém notar que eventualmente o próprio cientista poderia estar pordemais envolvido. Ou então tinha o preconceito de tal maneira assentado na cabeça que, quando encontrava uma transa homossexual entre animais, chamava de heterossexual, denegando mesmo por vezes a evidente diferença anatômica. A lógica facilitadora de tal denegação era a seguinte: se há um animal trepado por cima do outro, logo o de cima é macho e o de baixo é fêmea – o que era facilitado, quem sabe, pelo hábito (ou será vício?) sexual daquelas épocas em que mesmo um cientista ‘bem formado’, em matéria de posições, não ousava a imaginação para além do papai-e-mamãe moralmente recomendado. Logo, não ia olhar bem de perto para ver se era mesmo de sexos diferentes que se tratavam: era assim, por definição. Nem com as posições se pode mais brincar, porque a posição define o sexo... Como vemos, trata-se de uma ‘ciência’ da pior qualidade. Mostra-se, então, que, uma vez detectado o fenômeno de distribuição ampla de um comportamento que parece estar mais disseminado do que se esperava e que não obedece à nossa suposição de programa, isto desinstala todo o processo no próprio campo da humanidade: não pode ser pelas razões que os tais cientistas afirmavam.

Nossa posição é a de derrogar o **Falicismo**. Não é possível uma sociedade deixar de ser **racista** se, no âmago de sua própria idéia do que seja, por exemplo, diferença sexual, ela continua viciosamente machista. Há um sintoma

que finalmente empuxa todas as coisas: portanto, uma sociedade machista, em última instância, terá o viés de ser coerentemente racista. Há, então, na concepção teórica, que acabar com o Falicismo – o qual não é, afinal, outra coisa senão o racismo de tal teoria psicanalítica. Não *acabar* com ele no folclore social porque, propriamente, é uma invenção teórica e política, logo tem condição de acabar sozinho pelas lutas políticas, mas sim retirar sua pressão do seio da teoria para que se possa pensar melhor o do que ele aparentemente tratara. Há, como disse, argumentos de inúmeros psicanalistas contra o Falicismo, mas são argumentos que valem tanto quanto os de Freud: fica difícil operar por aí, pois é a palavra de um contra a do outro. Mas, nós outros, não precisamos desses (mesmos) argumentos. Em primeiro lugar, não há prova de campo sobre a preeminência do Falo em lugar algum. A psicanálise tem só cem anos, é muito jovem, e se juntarmos os psicanalistas do mundo, mesmo que digam ter encontrado o que Freud disse na maioria de seus casos clínicos, podemos acreditar, já que o campo social está politicamente subdito a essa ordem de pensamento. Ou seja, encontram o sintoma que existe por aí mais disponível, e, além disso, o grosso dos psicanalistas é uma minoria, de modo geral pertencente à média burguesia, com todos os seus cacoetes, como de sobejo se sabe. Perguntem, por exemplo, quantos analisando negros eles têm. No Brasil, os negros vão ao Candomblé falar com o Pai-de-Santo, e não ao Psicanalista. É, portanto, uma experiência que não temos muito bem percorrida e formulada.

A estatística é ruim e, mais, a definição da preeminência do Falo se baseia na declaração querigmática de Freud de que de fato era assim. Não encontramos em texto de analista algum do mundo a prova disso. O que fazem é um processamento teórico onde mostram casos de análise em que o analisando supostamente se comportou direitinho segundo a ordem da castração freudiana. Mas terá o analisando se comportado assim, ou o analista forçou a escuta para que o analisando coubesse na teoria? Este é um problema sério, pois é preciso isenção a respeito do que se está ouvindo numa análise, e não reduzir imediatamente o que (não) se ouve ao esquema teórico pré-dado e pré-datado. Mesmo em Freud – e um dia teremos acesso a seus arquivos – podemos já ver

que o que se escreve como teoria não tem muito a ver com o que se faz no consultório. Mas a intenção de luta política para fazer a psicanálise vencer era maior do que a intenção de precisão a respeito do acontecido. A humanidade é assim, e não sei por que ele seria pior do que os outros. Há que ter cuidado extremo porque somos sempre tendenciosos, sobretudo quando estamos numa luta política de implantação de pensamento novo. Forçamos bastante a situação para que se afigure como queremos, e as análises ficam constituídas de tal modo que parece que não há a menor chance de saída. Ou seja, se o aparelho está fechado, as interpretações se dão na base do “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”. Tudo depende do aparelho que se utiliza.

Em primeiro lugar, então, não há prova de que, mesmo a cultura funcionando de modo a dar preeminência ao Falo e ao machismo, todas as análises sejam assim. Logo, não é universal. Em segundo lugar, não é reconhecido universalmente pelos analistas, portanto, menos universal ainda. Em terceiro lugar, mesmo que compareça na maioria, pode fazê-lo pelos seguintes motivos: por *saturação cultural*, o que é uma verdade; como *função analisável*, sua reincidência não sendo por estrutura, e sim por falta de análise (se analisada para valer, pode mudar). Mas como pode um analista, ele próprio gerido em sua neurose pela estrutura da castração, modificar isto no analisando? É o caso de Freud, que falou em “rochedo da castração”. O rochedo é da castração do analisando ou da dele? Ou seja, nesse terceiro lugar, temos que o sintoma pode ser do analista. Dado tudo isto, não acreditamos na universalidade da estrutura da castração e, do ponto de vista da postura que chamamos NOVAMENTE, **ainda há um quarto argumento**. Para nós, pouco importa toda e qualquer sintomação, inclusive esta da ordem da castração, porque o projeto é, como mostrei, partir de um conceito fundamental que se propõe como axioma – o conceito de Pulsão, ‘Haver desejo de não-Haver’, $A \rightarrow \bar{A}$ –, o que faz uma reversão de vetor, e considerar toda formação como sintomática. Ou seja, a Nova Psicanálise não tem compromisso com a ordem sintomática porque inverte a questão e parte do recurso último, que chamamos de Originário, e do conceito de Revirão.

Portanto, o significante do desejo não se chama Falo, como quis Lacan. Chama-se Desejo mesmo, Tesão, Libido, o que quiserem neste sentido. Se a

estrutura que Lacan chama de simbólico é, em última instância, da ordem do positivo e do negativo – ele diz que é presença e ausência da mesma coisa, o Falo, o que não cabe em nosso caso –, a estrutura mínima que daí podemos tirar é, sim, de uma postura e seu contrário. Isto não é presença e ausência de algo que mora no interior das pessoas, o Falo, mas simplesmente o avesso catóptrico de duas posições, algo e seu radical oposto, em função de seu Terceiro lugar, que não tem nenhuma configuração interna em nossos corpos. É simplesmente o lugar desde onde as duas posições são vistas com isenção em sua pura diferença opositiva. Então, não há um Falo presente ou ausente, mas sim uma Pulsão, um Tesão, que se afirma em defrontação com algo que não-Há. **Tudo se unifica porque o outro lado não há.** E no que se unifica aí dentro, temos sim presença e ausência dessa afirmação, seja qual for a anatomia. Isto faz uma diferença radical, pois não se trata de um Falo com sua presença e ausência, e sim a positividade da Pulsão, que não tem avesso porque o não-Haver não há, e sua distribuição opositiva na ‘internalidade’ do mundo, seja qual for a configuração que tenha no Primário das coisas (nas carnes, etc.). Os argumentos dos analistas anteriores que também se contrapunham a isto se baseavam, como Freud, na anatomia e não servem para muita coisa. Nossa leitura é da última instância para cá. Se há formação, é sintomática. Se há oposição, é porque há um avesso radical de diferenças entre uma única vertente positiva, que não se desenha anatomicamente e se chama Tesão. Tesão não tem retrato, não tem configuração. Isto faz uma mudança radical em todo o aparelho teórico, o que é bom para sermos menos ridículos. A psicanálise está se tornando ridícula neste final de século – que nos traz tantas manifestações a porem em crise essas tolas afirmações anteriores. Precisamos, sim, de um aparelho teórico que torne a psicanálise consentânea com o mundo que está vindo por aí.

Estamos assim novamente diante da questão da sexuação. Se não é a diferença anatômica que a sustenta, então como fazer? O desenvolvimento do próprio Lacan em relação à sexuação, que é algo tardio em seu teorema, se dá na sustentação dos teoremas do Falo e da castração, mas no que aí se abstrai a sexuação, mesmo em relação à própria castração, ele não pode não se perder da

configuração anatômica. Ou seja, continua insistindo na preeminência, na maior pregnância, do Falo, do tal *penis erectus*, para a partir dele equacionar presença e ausência – isto é, entrar no regime do simbólico – e organizar a sexuação. Mas quando organiza *logicamente* a sexuação, mesmo partindo dessa configuração básica do imaginário do sexo, ele abstrai de tal forma que, por causa dessa abstração da referência anatômica, não pode não se perder. Os lacanianos dizem que ele partiu da mesma estrutura de Freud, mas que abstraiu de tal maneira que não há mais a pregnância anatômica e os comportamentos de homens e mulheres já não têm uma fronteira nítida. Isto, digo eu, pouco importa porque o princípio continua sendo o mesmo. Por isto, por mais que seja uma fórmula abstrata, quase matemática, ele chama os divididos por sua nova sexuação de *homens e mulheres*, porque, no fundo, a configuração é imaginária e continua se tratando de pênis e não-pênis, *erectus* de preferência. Lacan, então, depois de Freud, baseado na mesma fórmula – *presença e ausência* de pênis –, diz que isto é o que configura o nosso simbólico, digamos o psiquismo. Chamo atenção para isto, pois é daí que sai todo o erro.

Se esse tal simbólico pode se configurar como *positivo* e *negativo*, não é necessariamente como *presença e ausência*. Pode simplesmente ser afirmação de algo e seu radical oposto enantiomórfico. É a *radical simetria* de duas formas, tal qual se coloca para a física moderna e para quantos místicos e filósofos. Mas Lacan parte do mesmo lugar de Freud e tenta formular uma lógica nova, estritamente da psicanálise, para arrumar a sexuação. Ou seja, em emulação com Aristóteles, procura constituir uma lógica da psicanálise com fundamento na castração. Como sabem, Aristóteles diz que, se “existe caneta”, quando pudermos dizer “toda e qualquer caneta”, o universal será uma generalização dessa primeira existência. Isto é, generaliza-se a idéia de que “existe pelo menos uma caneta” e funda-se um universal, que é “existe caneta”. Lacan por sua vez diz que a lógica da psicanálise não pode ser esta, pois não é a generalização da existência que para ela põe o universal. Para ele, a lógica da psicanálise é a *lógica da castração* tal como Freud a colocou. Voltando à estorinha do menino-tem-pipi / menina-não-tem-pipi, esta lógica da castração se imporia em função

de os *homens* – e é assim mesmo que Lacan o diz – serem aqueles que têm medo da castração. Como têm o famigerado pintinho e morrem de medo que lhes arranquem, eles acham que “existe pelo menos um que diz *não* à função fálica”, ou seja, ao seu tesão, e conseqüentemente à sua masturbação. Como têm o pipi e o papai diz “se você continuar com a mão aí, eu o corto fora!”, existe pelo menos um que diz “*não*” para que todos possam usar o tesão à vontade, mas dentro desta lei de proibição. Eles passam a vida inteira com medo disto e só se cria o universal *todo x é função fálica* ($\forall x \Phi x$) porque *existe pelo menos um que diz não a essa função* ($\exists x \sim \Phi x$). E para as mulheres, que já perderam mesmo, *não existe ninguém que diga não* ($\sim \exists x \sim \Phi x$), com a conseqüência de que o universal não existe, é negado, *não-todo é função fálica* ($\sim \forall x \Phi x$). Assim, *A Mulher não existe*, só existem *mulheres* (quer dizer, no plural: é a lógica do serralho). Não podemos dizer *A Mulher* porque as mulheres não fazem um universal. Isto tudo se escreve assim:

Homem: $\exists x \sim \Phi x \rightarrow \forall x \Phi x$

Mulher : $\sim \exists x \sim \Phi x \rightarrow \sim \forall x \Phi x$

Esta é a lógica do paradoxo de Bertrand Russell que formula o seguinte: uma pequena cidade tem um barbeiro que faz a barba daqueles que não fazem a própria barba, então, quem faz a barba do barbeiro? O paradoxo é: se fizer a própria barba, não estará fazendo a própria barba, já que faz a barba de quem não a faz. E se não fizer, então faz, pela mesma razão? Então isto não tem solução. E é este paradoxo de Russell que organiza tanto a fórmula *Homem*: todo homem, tendo um externo que diz *não*, que fecha o circuito, faz um universal; quanto a fórmula *Mulher*: se as mulheres não têm um de fora para fechar o circuito, não existe *toda mulher*, pois não se pode fechar o seu conjunto.



Mas como Lacan chamou estas fórmulas de homens e mulheres, mesmo que a idéia inicial seja referência à castração, ele fica numa situação difícil, pois tem que reconhecer que muitos que têm pênis são mulheres e muitos que não o têm são homens, dada a relação que tais indivíduos tiverem com a castração. Ele se dá conta, por exemplo, de que alguns grandes místicos, alguns pensadores, alguns artistas, alguns escritores, São João da Cruz, por exemplo, são mulheres, e ainda mais como ele diz: coloquem na lista o próprio Jacques Lacan. Raciocinando assim, na medida que extrapola essa configuração da lei, ele mesmo é mais uma mulher. Aí Philippe Sollers escreve um romance, *Femmes*, que já está traduzido em português, *Mulheres*, cujos personagens principais são Lacan, Foucault, Barthes, ...etc.

Afinal, Lacan não podia não cair nessa, já que partiu daquela lógica de castração. É justamente este raciocínio que para meu uso não quero mais, pois se suspendermos a teoria (neurótica) infantil da castração, tudo isto vai para o beleléu. Nossa posição é o teorema da Pulsão: o que há é desejo de não-Haver, no psiquismo. E não-Haver não há. Então, não adianta desejá-lo, a não ser por insistência no Impossível, mas este jamais comparecerá. A libido quer o Impossível para conseguir (tudo) o que é possível – mas justamente não conseguirá o Impossível. Não há passagem a não-Haver com presença gozosa nessa passagem. Se fizermos a idéia absurda de a conseguir, então seria o **Gozo Absoluto** que às vezes alguns supõem ser o gozo na (ou da) morte. Na morte, se a gozásemos absolutamente, conseguiríamos (tudo) o que desejamos, que é o não-Haver, mas não há o lugar desde onde se possa conseguir tamanha proeza, tamanha façanha.

Em não havendo esse lugar, mantendo-se os elementos das fórmulas de Lacan e chamando a função fálica de *Tesão*, vamos supor que realmente passássemos a não-Haver. Como seria a estrutura desse gozo? Depois dele teríamos que dizer que *não existe mais Tesão* ($\sim\exists xTx$). E se aí não existe mais *Tesão*, podemos concluir que, neste caso, *todo Tesão*, isto não existe, aí *todo Tesão* é nulo ($\forall x\sim Tx$). Está aí o **universal do não-Tesão**. Como só se gozaria desse modo na Morte (se ela houvesse), e isto não acontece, posso dizer: **A Morte Não Há**.

Vocês podem ficar um tanto perplexos, pois estão cansados de ver necrotérios, cemitérios, gente que morre, atestados de óbito, mas que experiência efetiva algum de nós tem mesmo da Morte? O que chamamos de Morte é na verdade uma **experiência de perda**, quando notamos que um ente querido apagou, não diz mais nada, não se mexe, e sobretudo não respira. Mas experiência de Morte nem mesmo o morto a tem. Antes de chegar a Ela, ele já se ausentou. É claro que a humanidade, não sabendo resolver a questão, inventa todo tipo de passagem para supor a esta ocasião: vai-se para algum Céu, para algum Inferno, para algum Purgatório, ou se resta perdido nalgum Limbo, ou se fica no espaço e se baixa quando invocado, mas nunca tivemos realmente alguma experiência de um morto efetivamente nos falar – com provas e tudo. Quando algum ‘baixa’ e lhe diz algo ‘que só você sabia’, é preciso considerar que existem muitas questões difíceis quanto ao psiquismo e que não sabemos ainda nada sobre os nível de transmissão e de reconhecimento entre duas pessoas. Uma coisa é certa: **não conhecemos a Morte**. Então, na pujança, no Tesão de querer não-Haver, o que aí há é uma sexualidade, uma secção (escrevam *sexão*), isto é, um tipo de gozo a que aspiramos mas que jamais comparece, que depende do **Sexo da Morte** – e do suposto gozo, aliás absoluto, que deste sexo teremos podido obter, caso atingíssemos mesmo, em presença, a Morte que se requer. Se Ela não comparece, o que comparece então? Se ao invés de o Tesão acabar, – ‘não existe mais tesão’ –, se simplesmente existir Tesão, Libido, Pulsão, que resultado teremos então? Lembrem que a lógica que estou aqui aplicando não é aristotélica (se o fosse, o que se diria neste caso é: ‘se existe tesão, todo tesão é tesão’), pois o princípio agoraqui em exercício é o de que o Tesão está voltado para o que não-Há e que, portanto, não vai comparecer e subseqüentemente não será alcançado e conseqüentemente **o Tesão permanece, o mesmo Tesão** ($\exists xTx$: aquela afirmação que Aristóteles supunha fundamentar a possibilidade de universal), quase que negado (segundo seu empenho em não-Haver), mas *só negado* em sua intenção e portanto **eternamente re-tornado**: para o mesmo não-Haver jamais encontrado. Assim, o que efetivamente comparece só se escreve logicamente como: **o Tesão pode ser negado, mas não-todo** (~

$\forall x \sim Tx$). O tesão pode ser negado no nível do desejo dessa negação, mas não efetivamente para aquele que assim desejar. E é fácil de se ver que isto não faz nenhum universal. Ou seja, podemos colocar anteparos, proibições, desvios à Libido, mesmo desejarmos o seu fim, em conformidade com ALEI, mas não conseguiremos eliminá-la, eternamente, jamais. **E estes são o sexo e o gozo fundamentais de qualquer um de nós.** Em outro lugar eu já disse que o nosso é **O Sexo dos Anjos: os anjos somos nós**, independentemente do sexo que portemos como diferença anatômica: fundamentalmente, **nosso sexo é este, angelical.** A sexualidade de nossa espécie, no sentido de seu modo fundamental de gozo, é esta, qualquer outra é sua *derivação*. Se quiserem, podem também chamar de Sexo da Gente ou **Sexo Resistente**, como prefiro, (isto é, aquele que resiste à própria vontade de extinção).

Como se manifesta mais efetivamente em nossos gozos cotidianos esta sexualidade em aberto, que pode ser negada, mas não-toda? De duas maneiras, que se escrevem, agora sim, com as fórmulas de Lacan para a sexuação. Ou bem, primeiro caso, existe uma negação de certo Tesão. Isto se faz mediante posição de um *limite* por uma marcação, que é dizer: *meu Tesão está nisto, gozo com isto e, quando gozo, a coisa termina* ($\exists x \sim Tx$). Com isto se consegue aparência de *universalidade* em torno do pivô de que *todo Tesão é Tesão* (NOVAMENTE xTx). Pura afirmação. Este, que é o sexo *Homem*, de Lacan, é o que chamo de **Sexo Consistente**. Ou bem, segundo caso, não demarco muito bem meu gozo, gozo pelas tangentes, a coisa fica em aberto e não sei nem dizer, com alguma certeza, se gozei ou não gozei. As *Mulheres*, segundo Lacan, só dizíveis no plural, pois não fazem nenhum universal, seriam as titulares deste sexo. Mas que mulheres? Não necessariamente as reconhecíveis pela anatomia, pois muitos homens, no sentido anatômico, é assim que eles gozam com frequência. Aí, o que logicamente se escreve é que *não existe nenhum limite que circunscreva este gozo* ($\sim \exists x \sim Tx$), portanto, *fico numa situação absolutamente aberta* ($\sim \forall x Tx$). A este, chamo de **Sexo Inconsistente**.

Na formulação de Lacan, por causa da teoria (infantil) da castração embasando o desenvolvimento de sua lógica, confundem-se formas, modos de

gozo, que podem ser para mulheres e para homens, e se chama um de Homem e outro de Mulher. É isto que nossa posição vem derrogar, pois isto nada tem a ver com *Homem* e com *Mulher*. *Gente* é assim. E, sendo assim – porque é assim –, subdivide-se esse gozo que pode ser limitado, mas não-todo, em duas maneiras: com *Consistência* e com *Inconsistência*. Nas experiências de gozo, inclusive no nível orgásmico – pois gozo passa por muitos níveis: psíquico, estético, etc. –, notamos que há uma tendência mais para um lado do que para outro, mas não é pouco freqüente que se reconheça que há uns gozos meio dispersivos e outros muito concentrados. No tempo de Freud, chamava-se um de meio *feminino* ou *místico* e o outro de *perverso*, mas não mais precisamos destas palavras, pois homens e mulheres são da espécie que goza do (ou no) Sexo Resistente, pois do (ou no) Sexo da Morte, o que chamo de **Sexo Desistente**, simplesmente não dá para gozar. Nosso gozo, Resistente, se manifesta, então, necessariamente, ou bem *consistente* ou bem *inconsistentemente*. Então, escrevamos assim:

$$A \rightarrow \tilde{A}$$

$$\neg \exists x T x . \forall x \neg T x - \text{Morte}$$

$$\exists x T x . \neg \forall x \neg T x - \text{Anjo} \left\{ \begin{array}{l} \exists x \neg T x . \forall x T x \quad - \text{Consistente} \\ \neg \exists x \neg T x . \neg \forall x T x \quad - \text{Inconsistente} \end{array} \right.$$

Homens e Mulheres não são senão o animal que somos, o qual, por uma questão de ordenação na história biológica de sua produção, apareceu por aí como *Macho* e *Fêmea*. Na concepção de nosso psiquismo, que está liberto disto e é capaz de produzir cada vez mais próteses, o que temos nós a ver com isto? O que tem a ver com isto a mente que é capaz de, mesmo sem conseguir, requisitar o que quiser? Que limitação é essa que nos impuseram? Na verdade ou, como se diz, no fundo no fundo, ninguém da espécie humana a aceitou até hoje. Tanto é que se inventam comportamentos sexuais que não estão limitados nem pelo sexo anatômico, nem por esses modos de gozo. Usamos dos sexos

anatômicos, desses tais modos de gozo, e de mais zilhões de coisicas da cultura, da verve da inteligência, da multifariedade das formações disponíveis, e de todas as próteses que conseguimos inventar. Já visitaram uma *sexshop*? São ruins, são pobres, não têm quase nada de boa invenção. Mas elas existem, e o que lá se encontra não foi produzido por cães ou gatos, mas por gente como nós. Mas nota-se ali, de qualquer forma, uma redundante falta de imaginação. Esquecemo-nos, por exemplo, de que uma sinfonia pode fazer parte dos artigos de uma *sexshop*. Um Beethoven pode ser um tesão, faz parte dos interesses da sexualidade humana. Aliás, que música vocês colocam para transar? As pessoas sempre sabem qual música as leva onde querem. E a cor, qual é? São fenômenos estéticos, culturais, no sentido mais geral, de que nos esquecemos e pensamos que se trata apenas daquela anatomia idiota, a qual, na verdade, é até mesmo dispensável. Alguns são tão refinados que a dispensam de fato – e procuram outras vias para gozar.

Assim, a sexualidade humana, em seu *modus operandi*, vigora nas múltiplas interseções entre as formações do sexo anatômico, da sexuação do gozo e de quantas outras formações intervenientes em cada caso sexual. Seria preciso analisar caso a caso, pois na verdade não há regra pré-estabelecida. Só há todo esse jogo. Então, a disponibilidade, até segunda ordem, é de que temos dois aspectos anatômicos, esses modos de gozo e uma porção de outras coisas, mormente de caráter estético. Isto que aqui coloco, obriga a psicanálise a mudar de rumo e não mais aplicar previamente, antes de qualquer consideração de caso, aparelhos edipianos, ou de diferença sexual, seja para que lado for. Não pode permanecer sem se dar conta de como funciona efetivamente a cada caso, inclusive com a sintomática e as pressões da cultura, com os sintomas pessoais, etc. Repetindo: **cada caso é um caso. E cabeça de analista não é lata de lixo das formações culturais.** Ele tem que ter a mente capaz de abertura suficiente para poder escutar cada sintoma em sua peculiaridade – e não projetar Édipos e outras estorietas sobre pessoas que eventualmente nada têm a ver com isso.

- Pergunta – *Como é isso na prática?*

Na prática, é muitas coisas. Se retomarmos a história da prática analítica, encontraremos algo detestável porque não leva a lugar nenhum, que é uma grande quantidade de analistas, Lacan inclusive, retomar casos freudianos para re-analisar em função de seu próprio aparelho teórico. Cada vez mais podemos verificar que Freud não anotava nada durante suas sessões, anotava depois, com sua memória e naturalmente com suas intervenções. Ou seja, ao anotar, já o fazia dentro, a partir de seus princípios, e aí já houve deformação. Muitos analisando seus, quando narram seus próprios casos a pesquisadores, mostram que Freud disse algo a respeito deles que não lhes parece que foi aquilo mesmo que aconteceu. Eles podem ter-se enganado, é claro, mas Freud também. Então estamos lendo casos narrados por Freud com interesse em demonstrar suas idéias. Não que ele fosse desonesto, mas a pressão sintomática o levaria certamente para lá. Além do mais, não temos o depoimento do cliente, só temos o que Freud disse. Não terá ele feito escolhas dentre os acontecimentos da análise para melhor encaixá-los? Ele nos repassa tudo que aconteceu ou nos passou, e até mesmo já escutou, do jeito que pôde? Então, se já é precário o texto de Freud a respeito de um analisando, imaginem o texto de alguém a respeito do texto de Freud a respeito do texto do analisando...

Lacan, por exemplo, toma um caso de Freud sobre homossexualidade feminina e empurra a demonstração para a questão da castração. Quando lemos seu texto podemos verificar que ele passa rapidamente por cima de algumas coisas sem a menor explicação. Diz ele, por exemplo, deste caso, que “há uma completa reversão: o pai simbólico passa a pai imaginário” e vai em frente. Mas que reversão é essa? O que aconteceu no psiquismo? Chama-se Revirão. E não foi talvez reversão de *pai simbólico* a *pai imaginário*. Foi, sim, mais provavelmente talvez, uma moça que parecia funcionar segundo o gosto da família – com tendências heterossexuais no sentido de vir a se casar, ter filhos, dar netos para seu papai e sua mamãe – e que, de repente, pela pressão de desencanto com a família, com o pai e com tantas outras coisas, mostra paixão por uma senhora. Isso é reversão da figura paterna ou simplesmente alguma coisa que estava sendo encaminhada historicamente para um lugar, sofre um impacto,

talvez muito forte, para a moça pelo menos, e ela dá uma guinada e vai ficar com as mulheres, pois os homens são para ela, pelo menos provisoriamente, umas boas porcarias? Ela não sabe disto, mas fez um processo de Revirão no que Freud chamava de bissexualidade. Ou seja, as coisas se encaminharam de tal maneira que ela teve disponibilidade de virar. E foi uma coisa passageira, pois não era uma moça efetiva e permanentemente homossexual, como aliás talvez ninguém o seja. Ela ficou danada da vida com a situação, decepcionou-se e virou para outro lado. Não é, aliás, o que fazemos todo dia? Quando nos decepcionamos, se tivermos potência, viramos para outro lado, mudamos de vizinho... Há uma série de formações e, entre outras, uma pessoa que tem uma formação que, se precisar, ajudará em seu processo de desvencilhamento de uma situação. Então, ela vai. Eis aí algo que, na prática, muda o entendimento e tira a complexidade absurda da função da castração num processo analítico. Mas de qualquer modo estou também ficcionando: nada mais.

• P – *Do ponto de vista de Lacan, o par presença/ausência do falo constitui a idéia de simbólico no psiquismo. Quando você propõe um vetor teórico que aponta uma referência de análise que coloca para a espécie o puro Tesão – a propulsão de requerer, em última instância, seu desaparecimento absoluto –, o que acontece daí para baixo é funcionamento opositivo. Logo, presença/ausência é apenas um caso do funcionamento interno da mente.*

E um caso extremamente repetitivo, uma vez que a dominação masculina data do Neolítico e ainda não foi extirpada. Logo, reaparece. Queremos que uma criança faça o quê? Ela é só criança e não necessariamente um imbecil, mas, desde pequena percebe a hipervalorização do masculino, do macho, do pênis, etc., e a desvalorização do feminino, do fêmeo, da vulva. Imediatamente, aquilo vai a ela, não é preciso ninguém dizer, pois está no mundo. Qualquer sociólogo sabe disso, quanto mais um psicanalista. Quando um sintoma é vencedor, seja qual for – e a cultura é assim: o que há no mundo são sintomas vencedores e vencidos (se a força modificar, a guerra muda) –, os vencidos ficam con-vencidos por esse sintoma e começam a pensar com a cabeça do vencedor. Qualquer feminista sabe que foi isto que aconteceu com as mulheres: elas pensam com

a cabeça dos homens e se acham umas titicas. O machismo não é a opressão dos homens sobre as mulheres, e sim a opressão, sobre homens e mulheres, de uma idéia que diz que os homens são melhores, no que eles acreditam – e elas também acreditam. Ambos restam submetidos. Às vezes o homem é apenas uma boneca, mas lhe disseram que ele é macho, e pronto. Em última instância, ele pode mandar cortar o que lhe parece sobrar. Como vemos, não é que os homens oprimam as mulheres, mas sim que, no processo histórico, lhes aconteceu a dominação, a hipervalorização do aparelho macho, o que acabou por também fazer a cabeça das mulheres.

Hojendia, qual é a nova luta das mulheres? Acabar com a idéia de que os homens as estão oprimindo. Eles efetivamente estavam, já que todos acreditavam nisto. Diziam que “lugar de mulher é na cozinha”, elas também acreditavam e iam obedientes para lá. Isto até algumas contestarem que eram, por exemplo, capazes de gerenciar os negócios melhor que eles. Eles não gostaram de ouvir isto, mas elas começaram a lutar a favor disto. Este foi o primeiro feminismo: elas achavam que vencer aquela guerra era se tornarem iguais aos homens, ter os mesmos direitos de trabalho, etc., etc. Hoje, estão percebendo que não se trata bem de serem iguais a eles. Pelo contrário, elas dizem agora: “somos diferentes e não queremos aceitar esse princípio de dominação porque não é verdadeiro”. Portanto, estão lutando contra a própria idéia da dominação, e não mais contra os homens. Isto porque eles estão tão submetidos a esta idéia quanto elas – e também perdem muito com isto: perdem a inteligência, por exemplo; tornam-se estúpidos por acreditarem numa tal imbecilidade.

• P – *Você disse que uma sociedade machista não pode não ser racista. Por que o machismo tem o vetor que traria consigo o sintoma do racismo?*

Se imaginarmos grupos isolados antes ainda das formações históricas da humanidade, certamente que eram da mesma etnia, da mesma raça. Qual é, então, no interior desses grupos, o primeiro racismo no mundo neolítico? O das duas raças: homens e mulheres. O falicismo é, em última instância, o primeiro sustentador de qualquer racismo. Por ser falicismo, se outorga o direito de distribuir as diferenças. Tanto é verdade que, se tomamos o nível do

racismo propriamente dito, em relação aos negros no tempos da escravidão, por exemplo, quando o branco era o mais macho quanto à detenção do poder, etc., veremos que os negros eram reduzidos à condição de mulher. Num processo de luta contra o racismo, se não atacarmos diretamente o falicismo, não há como subtrair a sustentação desse racismo, pois o primeiro racismo é entre homens e mulheres que vigora. Qualquer um sabe, em nossa cultura, pois está nos jornais e nos livros, que os homens são assim e as mulheres são assado. As mulheres falam de novela e os homens de futebol. Mas isto é espontâneo nelas ou neles? Não: isto é induzido culturalmente. E mais, é sim uma pressão terrível, mas nada tendo a ver com testículos e ovários. Aliás, já notaram que a invenção tecnológica do corno é uma liberação para as mulheres? A invenção da pílula anti-concepcional tem uma influência muito importante na explosão do mundo contemporâneo, pois foi a dominação das gravidezes e das fornicções que organizou o Neolítico. Quando o chifre sobrevem e não há como administrá-lo porque a mulher não mais engravida aleatoriamente, tudo muda na sociedade.

• P – *Você acha que existe orientação sexual? E a bissexualidade não é sempre evocada para justificar uma homossexualidade?*

Existe sim orientação sexual, mas não a que eu queira dar a outros. Há que descobrir qual é. A bissexualidade justificar a homossexualidade, isto talvez seja verdadeiro nos níveis jornalístico e sociológico, dada a sintomática do mundo atual. Quando um homem ou mulher querem dizer que não são homossexuais, dizem que são bi, mas isto não é verdadeiro. Se supusermos que alguém é hétero – mesmo porque não se é coisa alguma –, ou seja, que tem o hábito de ser hétero e até tenha certo nojo de qualquer coisa homo, isto é apenas um sintoma. Por outro lado, existem muitas pessoas que transam com todos os sexos, e destes não podemos dizer que são homo ou hétero, e sim que circulam à vontade. Aliás, gostar só dos dois sexos não é tudo. Pode-se gostar de poste, galinha, cabra, égua barranqueira, jumento, cavalo, cachorro... A questão para a postura psicanalítica é saber como, para cada um, se viabiliza sustentar sua posição sintomática tendo, pelo menos, disponibilidade de acei-

tação do outro que acaso tenha sintoma diferente. Mas é aceitação verdadeira, franca, de conviver numa boa, não se ficar cheio de dedos só porque o outro é sexualmente diferente.

Mais um passo adiante na questão: até onde vai uma análise em sua competência de indiferenciar o sintoma da própria pessoa? Há uma coisa que talvez não se saiba que acontece em análise. Se recebemos um analisando macho, branco, bem empregado, classe A, todo por cima e absolutamente heterossexual, vai-se tratá-lo durante muito tempo sem nunca questionar por que ele tem que ser assim. Isto porque ele é supostamente normal. No entanto, quando aparece um dito homossexual, os “analistas” querem corrigi-lo. Como ele está por baixo, literalmente, na situação não só sexual, mas social, sentem-se à vontade para induzi-lo ao outro lado. Às vezes, empurra-se a análise a tal ponto que se consegue que alguém estritamente homossexual, com horror das mulheres, comece a gostar e achá-las interessantes. Há aí, portanto, um *parti-pris* absolutamente preconceituoso no analista e na situação analítica por causa das estases culturais. Se temos a audácia de dizer ao homo que devia, pelo menos também, ser hétero, por que não dizemos ao hétero que devia, pelo menos também, ser homo? Então, quando se diz que bissexualidade é desculpa para esconder a homossexualidade, isto é balela porque não se tem condições de comprovação disto, em psicanálise nem em qualquer outro lugar. Trata-se de mais uma maneira de pressão de certo grupo sobre outro afirmando que “esse negócio de bi é coisa de veado”. Não é, porque veado que é sério só gosta do mesmo lado, afirma isto, e está encerrado.

30/SET

7

Os cinco impérios

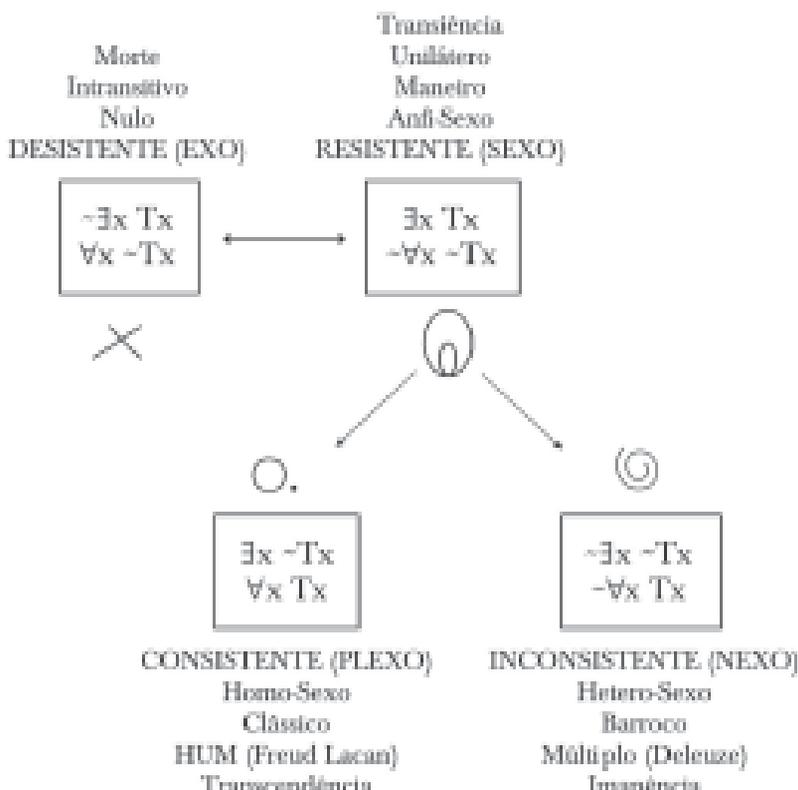
Para finalizar o tema da sexuação, vou retomar algumas coisas que tratei da vez anterior. Disse que, em termos de referência ao gozo, poderíamos supor a existência de **quatro posições sexuais**. Fazendo a crítica da sexuação segundo Lacan, re-apresentei o sexo que faz referência ao Gozo Absoluto, que seria o Sexo da Morte, se ele houvesse, e que chamo de **Sexo Desistente**. Este sexo simplesmente não comparece jamais e, saindo do radical latino e tomando o grego, digo que ele é EXO, que salta fora, não existe. O que comparece é o que chamo de **Sexo Resistente**. Se existe Tesão, pode ser negado, mas não inteiramente – por isso, disse que este sexo resiste a qualquer invectiva e é o que poderíamos chamar propriamente de SEXO. O Sexo Resistente não designa sexualidade anatômica nem funcional de ninguém, apenas sua relação ao gozo: ele insiste, persiste, resiste. Poderíamos dizer que é anfi-sexual, ou seja, o que Freud chamava de bissexual e que não é apenas o folclore da transa com qualquer tipo de anatomia simplesmente humana. É, sobretudo, a indiferença em relação aos ditos objetos, ou melhor, formações sintomaticamente requisitadas, implicadas nesse gozo. Os outros são *os dois Sexos* que Lacan desenhou como Homem e Mulher, mas que, para nós, não só não se sustentam como tais, como derivam do Sexo resistente.

Chamo um de **Sexo Consistente** e o outro de **Sexo Inconsistente**. O primeiro, que também podemos chamar de PLEXO, faz um fechamento por

ter uma referência externa – a castração operada pelo pai, no sentido freudo-laciano – e que, sobretudo, faz a lógica da *consistência*. É, na verdade, o que podemos chamar de Homo-Sexo, ou seja, a estrutura do que se chama de homossexualidade. Para Freud e Lacan, a vocação dos homens, enquanto referentes ao **Sexo Consistente**, é nitidamente homossexual. Não estou dizendo que seja sexo masculino, mas no sentido deles é homossexual porque não considera nenhum *outro* sexo. Como as mulheres, também para eles, são apenas um homem que não tem pênis, aí estamos no regime da homossexualidade aberta. Podemos dizer que este sexo constitui a **visão Clássica de mundo**. O idealismo classicista, que propõe algo que lhe é externo, que se organiza como fechamento, concentração, verticalidade, é a idéia formal da consistência. Na medida em que a consistência só aparece porque há algo externo – o pelo-menos-um que faz barreira ao e nega o destino do Tesão, para criar a consistência –, podemos dizer que aí está a **lógica da Transcendência**. Toda vez que alguma lógica propõe uma externalidade que organiza, comanda e fecha a unidade e a universalidade de um conjunto, o múltiplo que ela rege, estamos diante da idéia de transcendente com todos os tipos de imperialismo que esta vontade de transcendência cria e sustenta. É daí mesmo que Lacan, mergulhado no sintoma da cultura, chamou este sexo de *masculino*. Isto porque, desde o Neolítico, vivemos no que podemos chamar de *dominação masculina*, que é essa coisa homossexual, transcendentalista, classicista (em todos os sentidos, sobretudo o da *exclusão* fundadora de classes).

O segundo que, na cabeça de Lacan, é justamente o *Outro Sexo*, que ele chama de *feminino*, chamo de **Sexo Inconsistente**. Este faz NEXO – e não *plexo*, ou puramente *sexo*, e também não é fora, *exo* –, vai de ligação em ligação, vai se ligando no que funcionando. Se não existe nenhuma negação sobrevinda *de fora*, o conjunto fica em aberto – e temos um não-universal desse Tesão. É o que podemos chamar de Hetero-Sexo, a vontade de heterogeneidade, de heterossexualidade, de diferenciação. Heterossexualidade que é a aparência formal do Barroco, do formalismo em espiral.

Os Quatro Sexos do Haver (Sexuação: Formações de Gozo)



Notem que, no meio do esquema acima, desenhei um **círculo** com algo do lado de fora, que o fecha, para o **Consistente** – e para o **Inconsistente**, desenhei uma ‘margem’ em aberto, ou melhor, uma **espiral**, a qual, como sabem, vai abrindo para sempre. Esta é a mentalidade barroca, representada aliás dessa forma espiralada na sua arquitetura, no movimento da sua composição pictural, na sua música: sempre infinitizando. É a idéia do múltiplo sem unidade, da imanência pura. Como não tem nenhum transcendente, tudo vige no interior mesmo do campo da sua pura imanência.

Junto com a Transcendência e o Hum, coloquei os nomes de Freud e Lacan. Na verdade, Lacan não é propriamente um transcendentalista puro, mas

como insiste na manutenção do Nome-do-Pai, podemos dizer que tem uma vocação para a transcendência. No caso da Multiplicidade e da Imanência, coloquei o nome de Deleuze. O núcleo de seu pensamento é o chafurdar na imanência, no barroquismo pleno, na idéia de salvação pela revolução por ele dita ‘esquizofrênica’. Não coloco minha produção do lado da transcendência nem da imanência, da consistência do sexo ou de sua inconsistência. O que proponho como teorema, para além da dualidade escrita por Lacan, é um Quaterno, do qual um – o mortal, o **desistente** – é eliminado e faz sobrar o que é a função de gozo de qualquer Idioformação, antes ainda e acima de qualquer possibilidade de virarmos de um lado para outro na **consistência** e na **inconsistência**. É o Sexo **Resistente**, que é o Sexo propriamente dito, pois é a relação de nosso projeto de gozo com a externalidade, a qual é uma transcendência que não há, diferente daquela da consistência, que existe, garantindo lugar para o Pai, o Nome, o significante, essas coisas que vocês já conhecem. Aí no que lhes apresento não há nada do lado de fora, ou melhor, não há lado de fora. O que há é, do lado de ‘dentro’, uma vontade, um Tesão específico de conseguir chegar Lá, nesse lugar que não há, onde não há Coisalguma, mas que é, mesmo assim, suposto um lugar onde não-Haver possa ser alcançado. Este sexo **sobra** como **pura resistência**. É uma tentativa de transcendentação, mas sabendo que não há nada lá senão o suposto não-Haver. Então, o jeito é ‘retornar’, tornar-se morfologicamente, formalmente, **maneirista**. A arte maneirista é a arte da passagem de um lado para outro, a uni-lateralidade que lhes mostrei na banda de Moebius e que se escreve como o oito-interior que desenhei ali. Não é, portanto, nem imanência nem transcendência, e sim **transiência**: a possibilidade de **revirar**, de virar outra coisa, sempre podendo estar numa posição e *passar* para a posição contrária. A referência de gozo é ali **indiferente**: tanto faz, pode ser consistente ou inconsistente, ou, como dizia Fernando Pessoa, “pode ser igual ou diferente”.

Hoje, vou falar sobre a relação do aparelho teórico que lhes apresentei, com a **Cultura**. As modalidades de gozo em **nossa maneira de existir**, que é como defino cultura, são as que acabo de retomar acima. É como se disséssemos

que, do ponto de vista da estrutura mental, em sua relação com o gozo, o que podemos são essas quatro possibilidades. Os objetos nada têm a ver com isto: cada um se esfrega naquele que achar mais interessante – o que é da ordem de fixações, freqüentemente estéticas, que não têm ligação direta com essa estrutura lógica. Pode-se gozar de qualquer modo, seja qual for o objeto no qual se roce. O que podemos pensar quanto à relação deste teorema com a cultura, a qual faz história, tem sucessivos arranjos, etc., dependerá do entendimento do que já lhes falei sobre o **Primário**, com suas formações **autossomáticas** e **etosomáticas**; e sobre o **Secundário**, como a estrutura do simbolizante e do simbolizado, de organização branda (*soft*) de nossas transposições artificiosas; e sobre o **Originário**, como o aparelho de reviramento, de **Revirão**, que é nossa estrutura **específica**, a própria de nossa espécie. Minhas suposição e proposta têm sido de que há um verdadeiro encaminhamento necessário no desenvolvimento da espécie humana, isto é, quando esse desenvolvimento há. Não se trata de nenhuma psicologia desenvolvimentista, ou uma sociologia de fases, nem de nenhuma necessidade histórica, mas é como se pudéssemos dizer que nossa espécie se encaminha para macro-organizações principais que, é claro, incluem uma infinidade de organizações menores com pequenas diferenças de formação. Isto, é claro, se e quando ela efetivamente se encaminhar, pois pode não fazê-lo e paralisar-se durante séculos ou milênios – se não mesmo regredir, acidental ou acintosamente. É de se supor que, em seus primórdios, a formação da cultura tenha restado milênios paralisada num mesmo processo, sem a velocidade que temos podido observar recentemente, de rápidas mudanças, mesmo se regionais. Mas, como disse, nada obriga que a espécie dê passos adiante; pode mesmo estacionar durante longo tempo em alguma estupidez local ou regredir para outra.

Entretanto, se esta espécie se movimenta, a suposição é de que nossa constituição macromórfica inicial seja o **Primário**, o qual é a base e a massa que recalca profunda e extensivamente a possibilidade de reviramento, isto é, o **Originário**, o qual, embora seja de surgimento mais recente, é o que qualifica realmente quem somos **nós**. Não somos propriamente a espécie homem, e sim espécie **Idioformação**. Em qualquer parte do universo, mesmo que a formação

encontrada não seja biótica, se há espécies capazes desse mesmo movimento mental que é o nosso – podem ser de lata, silicone, do que quer que seja – é deles que somos parentes de fato, mediante o comum **Originário**. Para nós humanos, a situação do Originário é de base carbono, uma base por nós reconhecida como biótica. Em outro tempo ou lugar, pode ser, quem sabe, outra coisa, ou mesmo um biótico completamente diferente, não-sexuado, bissexuado, anfi-sexuado, andrógino, por exemplo. De repente, num planeta vizinho, há lagartos pensantes, dentre os quais qualquer um põe ovos e faz filhotes. A história deles será bem diferente da nossa, por lidar com um Primário diferente. O que importa é que o Primário tenha visto brotar dentro de si mesmo esse Originário, o qual imediatamente começa a produzir um Secundário, que é o campo do brando (*soft*) mediante o qual produzimos a cultura, a linguagem inclusive. O encaminhamento seria igual em qualquer caso. Ou seja, uma vez que o ET tenha Originário, há que procurar qual seja o seu Primário e como, nesse conúbio, se organiza o seu Secundário. Nome tirado de uma idéia de René Thom, chamo a esse caminho de **Creodo** – do grego *cre* (obrigatório) mais *odos* (caminho) – o que significa que, se a coisa andar, o caminho será este. Em nosso caso, chamo de **Creodo Antrópico**. Aliás, este tem sido o caminho obrigatório do homem, do *anthropos*, em seus avanços culturais.

O caminho de desenvolvimento, se o tomarmos pelo peso maior das formações recalcantes, mesmo havendo um Originário completamente liberto, capaz de revirar à vontade, veremos que é imediatamente reprimido, recalcado, limitado pelo Primário. Assim, ainda que, junto com os darwinistas, imaginemos que nossa espécie tenha provindo do macaco, houve um momento em que, dentro desse primata, brotou o Originário: a capacidade de revirar plenamente, que os outros animais não tinham. Seja isto pelo motivo que for: emergência genética, complexidade cerebral, etc. etc. Mas, como disse, o Originário está inteiramente sufocado pela pressão recalcante das formações primárias. Não adianta delirar e achar que temos asas porque, se tentarmos voar, cairemos. Então, já se começa sob um recalque pesadíssimo da ordem primária. Com muito esforço, inventa-se um Secundário e começa-se a questionar o Primário: inventa-se uma pequena tecnologia, uma língua, um machado, uma lança, uma

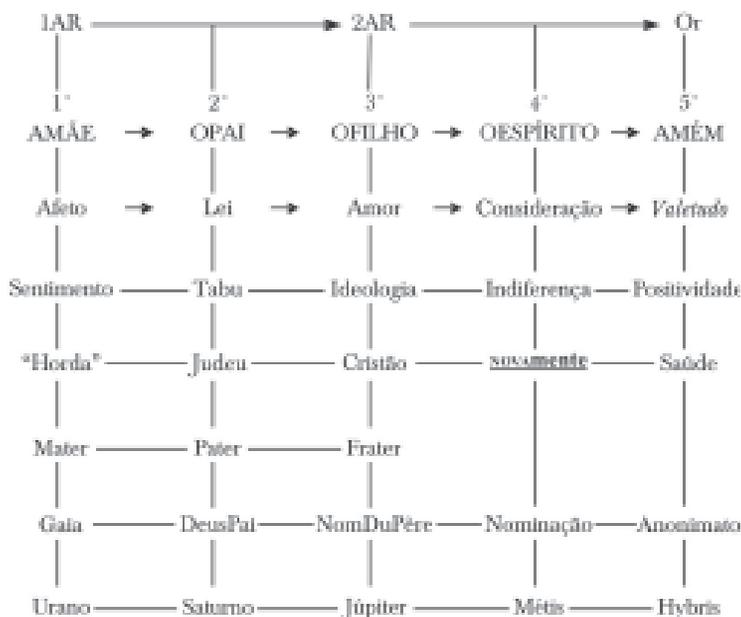
pedra para cortar carne, uma organização social incipiente, uma arquitetura primitiva (escolher uma caverna para morar já é uma idéia de arquitetura, uma escolha, um entendimento do espaço), etc. Faço, então, a suposição de que nosso processo de crescimento, de enriquecimento, uma vez surgido o Originário – pois depende da pulsação do Originário questionador das outras bases –, encaminha-se **do Primário para o Secundário e deste para o Originário**. De começo, por mais que haja o Originário, a referência é ligada ao Primário, às formações dadas no corpo, no biótico, etc. **São estas referências que organizam primeiramente o que chamamos cultura**. Em seguida, pode ser que a produção do Secundário se avolume de tal maneira que este passe a ser uma referência maior, mais direta, mais poderosa.

Nunca se perde a referência do Primário mas, quando passa a haver produção no Secundário, começamos a perguntar: – ‘*Quem é eu?*’ (Não é ‘*quem sou eu?*’), pois algo ali se torna redundante e parece a nós que sabemos *que* somos – mas não sabemos *quem* somos. Quando alguém se pergunta ‘*quem é eu?*’, ninguém que possa refletir à vontade sabe responder, a não ser pelas referências que esteja usando, no momento, para qualificar a si mesmo. Podemos citar a carteira de identidade, a família, as coisas que fazemos, etc. Nada disso é **eu**, mas, como se está mais ou menos amarrado nessa ordem recalcanete de referência, fica-se na suposição de que **eu** é isso, e isto passa a valer para a relação social de identificação. Mas acontece que, num momento muito primitivo de situação na cultura, quando alguém se pergunta ‘*quem é eu?*’, a resposta primeira é de que é algo a que se possa referenciar no Primário. Com um pouco mais de crescimento, a resposta vai para que eu é algo a que se possa referenciar no nível do simbólico, do Secundário. Indo muito longe – o que é difícil, pois parece que as pessoas o mais freqüentemente não vão lá –, pode-se dizer que a referência é ao Originário: eu é puramente o movimento de viração, de reviramento, enfim de Revirão, sem apego e prisão a coisíssima alguma de Secundário ou de Primário.

Fazendo, então, a suposição de que o encaminhamento do crescimento, da abertura, da abstração, do enlarguemento das possibilidades vai do Primário para o Originário passando pelo Secundário, podemos pensar a hipótese de que

o périplo da humanidade através do que pensamos ser sua história passa por **Cinco Impérios** sucessivos. Chamo-os assim porque realmente a **referência** é que impera sobre nossa condição de ser. Além do mais, estou tomando emprestado de Fernando Pessoa e de outros – e usando de maneira algo diferente – sua idéia antiga sobre os **Cinco Impérios** da humanidade. Digo, portanto, que a humanidade parece poder crescer, desenvolver-se, segundo Cinco Impérios que têm referência nos registros Primário, Secundário e Originário:

Creodo Antrópico: os Cinco Impérios do Périplo Cultural



O primeiro, chamo-o de **Império d'AMÃE**, pois a suposição é de que, numa fase muito primitiva, o mais provável – se pudermos sugerir um denominador comum para a antropologia, a sociologia, etc. – é imaginar que a referência de Eu era o corpo da mãe, a presença da mãe, a instância materna dentro do grupo social. Como naquela coisa primária, simples e pobre não havia

instituição para dizer quem é uma criança, uma possibilidade bastante fácil de se comprovar, marcar, localizar uma pessoa é por seu nascimento: é o filho... da mãe. Sabe-se que até segunda ordem ninguém existe que não tenha saído de dentro de uma fêmea, a qual, em qualquer língua ou situação, chama-se: mãe. É algo fácil de comprovar porque pode-se acompanhar a mulher de barriga, sua gravidez. De repente, ela sentia dores de parto e a horda ou tribo, que vivia sempre junto, via o filhote sair lá de dentro. Havia, portanto, o *testemunho*, algumas marcas simbólicas que se começavam a fazer e, assim, a referência de **eadade** de qualquer um era a mãe que se tinha. Por isso, muitos estudiosos fizeram confusão com a idéia de algum matriarcado nas primevas eras da humanidade. Não acredito nisto, pois as mulheres, por questões óbvias, sempre estiveram em posição difícil de sustentar com grande freqüência a empolgação do poder dentro do seu grupo. Basta imaginar que, naquela época, as meninas mal menstruavam, já estavam grávidas e talvez nunca mais parassem de ficar grávidas, até a morte freqüentemente muito cedo. Dava até para elas realizarem muitos trabalhos, mas sustentar algum estado de guerra com aqueles que estavam mais livres para fazerem a baderna que quisessem... – e com a vocação homossexual de patota, de clube do Bolinha, excludente das fêmeas, certamente que foram sempre eles a tomar o poder. Ave Adão! – é o caso de dizer.

O Império d'AMÃE é aquele onde a referência de alguém é ser... filho da mãe. Há até a conjectura antropológica de que, sendo nômades esses bandos, certamente se deslocavam mais ou menos em grupos que eram organizados em torno das mães. Sou filho desta mãe, você é filho daquela. Isso pode dar uma aparência de matriarcado, que não é, ou de formação matrilinear, que também não é, pois não havia tal marcação de parentesco naquelas circunstâncias. Alguns falam em organização **matrifocal**, o que parece mais aceitável, pois o foco de reconhecimento de cada grupo era a mãe comum. Isto podia passar de geração em geração. Podia haver uma velha senhora, bisavó daquele grupo que tinha várias mães, e que se tornasse quem sabe uma arqui referência ainda materna. Foi isto que pôde dar a impressão de matriarcado. Mas nunca aconteceu esse comando, esse domínio das mães ou das mulheres. Prefiro dizer que é o **Primeiro Império** – não no que diz respeito à tomada de poder, pois o poder

devia ser algo existente mais ou menos em fluxo entre os machos e na relação com as fêmeas, cheio de macaquices, de funções herdadas de nossa etologia, tudo funcionando como sintoma dado, gratuito, emprestado da espécie. Mas certamente há um primeiro esboço de organização do Primário dos corpos pelo Secundário, o qual está esteado numa simbolização da referência pessoal de cada um, baseado no corpo materno que o pariu. Ou seja, a base não é de referência secundária, e sim do Primário do corpo que nasce de outro corpo.

Podemos supor que isto deve ter levado alguns milênios até aparecer o momento que os historiadores costumam chamar de Neolítico, em que *alguém*, multidões talvez, milhares de ‘gênios’ da época, a longuíssimo prazo, foram inventando um outro modo de referência. Deve ter custado muito, mas acabou pegando. Para-se de ser nômade, faz-se um assentamento sobre um terreno que se divide em partes apropriáveis, começa-se a plantar, ao invés de simplesmente colher, começa-se a criar os animais, ao invés de simplesmente caçar, desenvolvendo-se, então, a agricultura e a pecuária. Ora, isto deve ter ajudado ou vindo junto com uma invenção genial de algo que certamente não existia antes. Inventa-se o Pai. Por isso, chamo o **Segundo de Império d’OPAI**. Observem que ele está situado *entre o Primário e o Secundário*. Ou seja, numa referência que liga o Primário ao Secundário aparece a invenção chamada Segundo Império e a referência de cada um passa a ser o seu Pai, este também recém inventado. Mas um pai nesse momento é algo que descobriram dentro da própria relação dos corpos no Primário. Começam a criar animais e, talvez antes ainda de observar que sua própria sexualidade humana resulta em contaminação no momento da cópula e acaba por produzir filhotes, devem ter descoberto este funcionamento nos animais e, só depois, neles próprios, no sentido de sustentar a criação. São milênios de estudos, pesquisas, altos laboratórios, altas instituições de financiamento, quem sabe os órgãos financiadores daquela época davam um pouco mais de ração para aquele que pensava mais um minuto por século... Isto, tal qual se faz com os cientistas de hoje... Só que eles fazem mais depressa. Mas é a mesma coisa.

Inventa-se, então, nesse momento, **O Pai**. Mas é um pai apenas reconhecível mediante expedientes de limitação, pois como se iria saber, uma vez

que a coisa corria solta, sem ninguém talvez fazer idéia precisa de que fosse consequência da transa sexual nascerem os bebês? Mesmo porque eles eram inteligentes ao pensar assim. Para estabelecerem uma precisa correlação, seria preciso que a cada vez que se copulasse nascesse um bebê, o que efetivamente não é nem nunca foi o caso. Eles podiam até verificar que havia alguma relação, que as virgens, por exemplo, não pariam, mas do restante não faziam a menor idéia. Foi, talvez, organizando a criação dos animais, agrupando-os em lugares cercados onde podiam agora ser observados, que se concluiu que sua cópula dá filhote e que, ao separá-los, se não há mistura, tal filhote pode ser certificado como filho de tal fêmea com tal macho. É preciso ser gênio para inventar isto numa época como aquela. Alguém inventa um sistema laboratorial completíssimo, um vasto aparelho científico da melhor qualidade: uma cerca e umas pessoas tomando conta durante meses, anos talvez. Descobre-se, então, **O Pai do Filho da Mãe** – este é o nome científico do Pai do pimpolho. Se fazemos uma cerca, isolamos a fêmea para, mediante alguma regra, deixá-la copular com um único macho – seja a fêmea de lá de dentro uma vaca, uma cabra, ou uma mulher –, colocamos gente tomando conta e todo mundo de olho, e mais ainda decretamos: “se transar com outro, apedrejamos você até a morte” (como os judeus, por exemplo, costumavam fazer, segundo ordenação religiosa), fica difícil não seguir a regra. É claro que havia umas heroínas do tesão que não obedeciam só porque mandaram, mas a maioria, geralmente, sendo bem paga e com a ração adequada, acaba obedecendo. Em suma, apedrejando algumas, linchando outras, tenham transado ou não – pode ser ciúme de um que dedurou para se vingar (é mais ou menos assim que começa toda a chicana do crime, a chicana jurídica, por exemplo) –, a maioria parece que se adequou a essa invenção histórica.

É preciso bem saber que a invenção do Pai é datada, não foi sempre assim, não é nenhum universal. Aparece **o Pai como conceito** que fica entre o Primário e o Secundário, pois não há prova alguma de quem seja – realmente – o pai. A prova é testemunhal: é de não se deixar nenhum outro macho chegar perto da fêmea, mas prova como aquela da fêmea, no Primário, ainda não se

tem. Como há apenas evitação de contágio primário, é preciso uma estância secundária como garantia. É então no simbólico, no Secundário, que se nomeia alguém de Pai, uma vez que pareça que tudo funcionou direitinho, que a fêmea só teve um único macho reconhecível. Mas ele mesmo, o suposto pai, sempre pode ficar meio desconfiado, pois já tem certo complexo de corno por causa daquele seu passado homossexual, e pode não acreditar muito nessa estória. Cria-se, então, todo um aparelho de estado, com rituais e constrictões, para convencer que aquele era o pai – ao próprio e aos demais. Contudo, mesmo assim, podem restar desconfianças pois mesmo a fêmea não tendo transado com outro macho, algum Deus poderia ter entrado ali e tê-la engravidado... como no caso do tal José... Chamo então a este de **Império d'OPAI**, porque aí se cria esse aparelho, quando se deixa de referir a uma relação de afeto direto, de reconhecimento carnal e se passa a instaurar a referência como *lei*. Tal macho, dado que houve um aparelho mais ou menos adequado segundo certas regras, pode ser reconhecido como pai daquele filho daquela mãe. A partir de certo momento, a criança já pode dizer: *'Eu sou o filho do Pai'*.

Trata-se portanto de puro testemunho. Mas continua em vigor alguma lei regrado que as moças não podem copular com outros homens que não o seu e que, se a transgredirem, serão apedrejadas. Os homens jamais seriam apedrejados, pois eram as mulheres que constituíam o lugar primário de onde se obtinham as crianças. Elas é que tinham que se preservar para saber quem era o pai. As responsáveis eram elas. É da mesma canalhice de hoje, quando eventualmente uma menina engravida e o seu homem diz que é problema dela.

Eis senão quando, passado um tempo, o gênio da espécie continua funcionando, surgem críticas ao sistema violento de reconhecimento mediante o apedrejamento das adúlteras e, já no Império d'OPAI, começa-se a inventar um Deus. Não que não houvesse deuses antes. Havia vários tipos e mesmo deuses femininos poderosos, pois a referência era materna. Mas, no Segundo Império, inventa-se um deus compatível com esse Pai do filho da mãe. Vejam que, nesse momento histórico, ainda que se invente um monoteísmo baseado nisto, um Jeová, por exemplo, ele não é alguém simpático a *qualquer* filiação.

Ele é interessado nos filhos que possam ser tidos como *dele*. Então, em todos os processos religiosos que têm fundamentação no Segundo Império, encontramos um Deus sendo Deus de *tal povo*, naturalmente que inimigo de outro povo e do Deus dele. Fazem mesmo a guerra para decidir qual dos deuses é o melhor. É este tipo de coisa que podemos ler no Velho Testamento do judeus. Já é um passo adiante, pois, além de ser o Deus ou Pai de tal família – mesmo porque ele podia ser pai dos filhos de muitas mulheres –, era um patriarca tão velho que poderia ser considerado o pai de um povo inteiro e mesmo ter um representante celeste. Mas, como disse, não é o Deus pai de *outro* povo, o qual povo é tido como um bando de bastardos, dos quais não se sabe quem é o Pai, se é que o tem, dado que esse Pai não pode ser o mesmo Deus.

Um passo genial parece ter sido a invenção do Terceiro Império. Como estou chamando os impérios com nomes tirados dos hábitos culturais de nossa vivência, de nossa orientação histórica, a este chamo **Império d'OFILHO**. Uma vez que aqueles que estão vivendo longamente no Segundo Império reconhecem a paternidade e têm como referência essa paternidade, eles se dão conta de que, por mais que seja organizada no sentido de coibir a copulação de tal fêmea com outros machos, essa paternidade é de índole secundária, ou seja, enquanto paternidade, não tem outra garantia a não ser a materna. Então, cada vez mais a coisa vai se encaminhando no sentido de um pai estritamente simbólico, sobretudo por causa daquele Deus que inventaram como pai de todos desse povo, um deus superior, único, etc. Por que esse deus maravilhoso seria tão idiossincrásico a ponto de ter que ser nomeado pelas aparências do Primário? Ele começa a ganhar status cada vez mais abstratos, espirituais. Assim, mediante longo processo de criação e revolução, inventa-se o Terceiro Império, com um Pai que tem agora referência estritamente simbólica. Na cultura, ainda restam Pais de Segundo Império, com as Mães correspondentes, pois estas são entidades renitentes: uma vez aparecidas é modalmente impossível eliminar e sobram como sintomas em repetição. Contudo, por cima e para além do sintoma, inventa-se que a referência é que temos um Pai no Céu, abstrato, puramente espiritual, simbólico, que independe de saber-se quem seja a mãe carnal – e portanto

de quem seja o pai carnal. Isto porque Ele é absolutamente Pai de Todos e faz a todos Irmãos na referência a esta construção simbolizada, puramente secundária.

A revolução de Jesus Cristo é um exemplo do que pode acontecer em quantos lugares, do mesmo modo, mesmo se com diferenças relativas. A diferença do Cristianismo face ao Judaísmo, nessa época, nesse âmbito – e só nesse, pois os Romanos há muito já sabiam que a coisa aí é de nível puramente simbólico, que a filiação se dá por pura adoção (e nem mesmo sabemos se a suposta invenção ou aceitação disso pelos cristãos não é já influência da convivência com o Império Romano) –, é Jesus (seja ele histórico ou mítico, tanto faz) ter tido a idéia genial de dizer que não se deve apedrejar nenhuma adúltera, pois todos temos pecados também – e com a intenção de eliminar qualquer necessidade de prova de paternidade biológica, uma vez que decreta que a verdadeira paternidade é a do Pai que está no Céu. Com que pretensão um menino daquele – e ele o é, morre jovem aos trinta e poucos anos –, mesmo sendo rabi ou coisa parecida, enfrenta a poderosa Igreja judaica? Seja qual for a frase que tenha dito, no quê está baseado para coibir o apedrejamento? Em que o Pai que está no Céu é pai de todos. Portanto, os filhos daquela que chamam adúltera são também filhos d’Ele. Logo, não se é adúltero em relação ao Pai verdadeiro, que é puramente simbólico. Isto é uma revolução enorme, seja onde for que tenha ocorrido – e de quantos modos ou quantas vezes tenha ocorrido. No mundo judaico, aparece com estas características. Assim, está aí inventado o Terceiro Império que é este em que temos vivido. Um império de referência celestial, onde cabem idéias como fraternidade universal, democracia, direitos do homem, etc. e tal.

O fato de se ter produzido a revolução d’OFILHO não significa que se aboliu os Impérios d’OPAI ou d’AMÃE, que continuam a existir por aí, regionalmente recalcitrantes. O importante é que a idéia de referência de si próprio, de referência de Eu, essa idéia mudou. Somos todos irmãos, filhos de Deus...

É claro que, como disse, cá embaixo, para aquém da questão espiritual, em cada e todo cotidiano os outros impérios continuam a existir, com seus privilégios e apropriações, com o jogo de capitalismo de Segundo Império, etc., etc. De qualquer forma, as referências começam a mudar. Assim, mesmo que,

dentro do Terceiro, grande parte da cultura continue regida pelos Primeiro e Segundo Impérios, agora, neste momento históricos que estamos vivendo, com grande acúmulo de processamentos, de invenções tecnológicas, de acelerações comunicacionais, de críticas do pensamento, etc., já terminamos o Século XX em crise radical desses valores. Não precisamos ficar atônitos com o fato de haver tantos retrocessos, grandes reentonações religiosas, parecendo conservadoras ou reformistas, pois isto é apenas o grito de socorro de muitos de um tempo que está na pior, que não sabe mais o que fazer para a frente – e então não acha outra saída senão correr para trás. As massas estão em pânico e há sempre aproveitadores para apregoarem que, se voltarmos uns três séculos, a coisa fica melhor. Podia até funcionar, se desse mesmo para voltar... Mas agora não dá mais. Ou bem retornamos e nos estupidificamos em formações pregressas, ou bem sustentamos a tecnologia de ponta que todos desejam consumir. Os dois movimentos são incompatíveis. Além disso, não se conseguirá facilmente frear o movimento do capital – e subseqüentemente o da tecnologia. Só esses movimentos por si mesmos acabarão por dissolver o Terceiro Império ainda em vigor.

Bem diante de nós, já está emergindo um Quarto Império, situado entre o Secundário e o Originário. Apenas emergindo. E não sabemos ainda como lidar com ele. Chamo-o **Império d'OESPÍRITO** porque, para ele, não mais é preciso entronizar nenhum Pai, mesmo que more no céu como um Deus figurativo e conteudizado, regulado por uma religião de preceitos fixados. É simplesmente o Império que, afetado pelo Originário, se qualifica pela movimentação plena do Secundário e, portanto, por sua mais acessível e maior intervenção também no Primário – que é o que está acontecendo com a disparada de todas as tecnologias de hoje. Se estamos todos desvairados é porque as referências de Segundo e Terceiro Impérios já estão se esgotando. Efetivamente, não mais encontramos condições de nelas acreditar, de nelas nos assegurarmos. Os rituais que as mantinham eram meio lentos e não suportam a velocidade de transação e produção de todas as próteses presentes, sejam elas Secundárias ou Primárias. O Secundário se movimenta e cria tecnologia rapidamente. Já não é mais a falta

de tecnologia que nos deixa sem apetrechos, e sim a lentidão do mercado, pois podemos usar muito mais tecnologia do que essa a que estamos acostumados. Vejamos, por exemplo, o fato de sermos uma espécie que deu o azar – ou a sorte, nunca se sabe – de ter um modo sexuado de reprodução. Talvez outro meio custasse biologicamente mais barato, fosse mais simples, menos cansativo, mais eficaz, menos viscoso do que essa complicação de diferença anatômica de sexo com sua necessária esfregação sempre mal controlada e que funciona tão mal. Ocorre que estamos entrando num momento de aceleração em que a própria idéia de reprodução está se desvinculando da de fornicção. Será preciso cada vez menos de sexo, no sentido copulatório, para se reproduzir a espécie. As pessoas se horrorizam com medo de clonagem, a qual pode não fazer mal a ninguém, chegando talvez mesmo a ser melhor para a vida de todos nós e em vários sentidos. Comportam-se assim porque ainda estão amedrontadas com sua referência ao Papai do Céu do Terceiro Império – o qual ainda de uma vez por todas não se foi. Mas para os que já começam a habitar o Quarto Império, Ele está cada vez mais abstrato, já não castiga ninguém, e é muito mais um lugar do que um nome, e menos ainda uma figuração. O que importa é que estamos cada vez mais nos dando conta de que estamos ficando independentes da sexualidade para a reprodução, bem como da paternidade para nossa própria identificação. Justo quando já podemos, por via de ADN, comprovar com certeza a paternidade de alguém, basta que seja possível a reprodução sem ato sexual e a inserção social sem referência necessária à paternidade (mesmo que agora comprovável), para, mentalmente, podermos desvincular mais fácil uma coisa da outra. E a sexualidade, no bom e velho sentido carnal, que nos sobrou, serve mesmo é para a gente brincar, como dizia inocentemente Macunaíma, para a gente se divertir. Assim como a paternidade nada mais tem a ver com nenhum gosto sexual (haja vista para o empréstimo de óvulos e espermatozóides entre homossexuais de ambos os sexos).

O que se torna assustador quanto à chegada do Quarto Império é que, ao invés de sermos aqueles que têm uma referência de última instância – que pode ser um Deus transcendente, que acaba se representando, como diz por exemplo a Igreja Católica, no seu Papa, no seu Padre, no seu Pai, na sua (sa-

grada) Família afinal –, a referência fundamental de cada um agora tem que ser a sua própria competência – e performance – de **articulação**. Tomemos exemplo no campo das profissões. Cada vez mais, o que se requisita – nas grandes empresas, na indústria, no comércio mundial – é que se tenha uma formação, acadêmica ou qualquer outra, que seja cada vez mais elástica, mais diversificada, mais abstrata também. Até ontem alguém podia dizer: – “Sou o engenheiro tal”. Hoje, sabemos que não é mais assim, pois aquele saber, amanhã, pode não valer mais nada ou muito pouco e elimina-se automaticamente esse tal profissional. Então, como tenho que ser hoje? Alguém que articula rapidamente e passa rapidamente de função para função. Como que eletronicamente, como que em franca computação. As empresas estão pedindo isto e investindo muito dinheiro na reformulação da formação de seus quadros, e não necessariamente reformulação acadêmica, universitária, para que seu funcionário não seja lá tanto assim engenheiro, que seja mais ou menos engenheiro, mas também muito mais, pois não sabem se amanhã não terão que mudar rapidamente de lugar e de função. Como não se pode estar a toda hora trocando de quadros, é preciso haver pessoas com adaptabilidade funcional e com rápida rearticulação de seus saberes e competências. O que aqui chamo de OESPÍRITO é simplesmente a articulação do campo do Secundário. E que seja cada vez mais desembaraçada – tanto do Primário quanto das estases sintomáticas do próprio Secundário, cada vez mais leve, cada vez mais rápida, cada vez mais em disponibilidade para o que vier.

Portanto, dada esta situação, não dá para voltar. Só mesmo se sobrevier algum ingovernável cataclismo. A Bomba Atômica anda meio desmoralizada, não é mais ela que vai nos remeter de volta ao Neolítico. Então, ficamos imaginando se não vai acontecer um cataclismo para não termos que andar para a frente. Quem sabe, um asteróide não bate na terra? São sonhos denegatórios de procurar um jeito de não ter que pensar para adiante, de arranjar algo supostamente conhecido que nos reconforte para trás. Contudo, queiramos ou não, se não houver cataclismo e retrogressão, o Quarto Império aí está começando aparecer. Qualquer pesquisa séria demonstra que a grande família já se foi, e

a família nuclear está se transformando – se é que ainda se trata de família. Alguns dizem na mídia que paradoxalmente a família está ficando cada vez mais forte. Mas que família? O que melhor parece é que o Império d’OFILHO, o Terceiro, que para se sustentar vivia da idéia de **amor**, está talvez em seus últimos estertores. Justo quando seu canto do cisne só fala de amor, de amor, de amor... Ou senão é a idéia de amor que está inteiramente se transformando. Mantendo o nome, mas mudando de significação. Não é a primeira vez que isto acontece: na passagem de Império para Império, e mesmo na passagem de fase para fase dentro do mesmo Império, isto sempre se viu. Mas ainda se fala tanto em amor aí porque a única relação que faz sustentação é essa vinculação transferencial entre as pessoas, e com a referência transcendente da qual ainda não se quer definitivamente largar mão. Mas ainda é uma postura masculina, ou melhor, homossexualizante, no sentido de dominação e redução de tudo a um sexo só. Como lhes disse, em nossa cultura, as mulheres não são senão homens castrados, não têm verdadeiro reconhecimento social. Homossexual, aqui, não significa transar com alguém do mesmo sexo, mas sim ter um só sexo como referência. No Quarto Império, algo aí se substitui – e já vemos isto surgindo nas novas gerações, em sua relação com a tecnologia, com a internet, etc. – substitui-se o amor pela pura e simples **consideração**, não só do outro como outro, mas sobretudo do outro como **mesmo**, não como o mero irmão ou o semelhante, ou o próximo (de quem se dizia, ora hipocritamente ora ingenuamente, que devíamos amar como a nós mesmo), mas sim como alguém com quem nos relacionemos independentemente de amores ou ódios, mas por mero reconhecimento das inarredáveis vinculações tecidas a partir de um Vínculo Absoluto.

Se conseguirmos andar ainda mais para a frente, talvez tenhamos – o que é ainda impensável, de tão distante para nós – a possibilidade de um **Quinto Império**. A passagem, o intervalo, o interregno do Secundário para o Originário é o que acontece no Quarto Império como referência. Ou seja, para ele, o Primário é simplesmente o que se organiza como Secundário, então, há que pensar no Secundário e em sua passagem para a absoluta possibilidade aí

dentro, que seria a idéia do Originário. O Quarto Império está hoje começando a emergir, está na passagem, e não sabemos quanto tempo vai durar. Assim, não temos condições de imaginar o que seria um Quinto Império, aquele em que Eu é referido por simplesmente ser aquele que revira, que não tem pegas obrigatórias, que não é ninguém senão possibilidades. No Quarto Império, Eu ainda é alguém em função de suas alocações *ad hoc*: estou sendo isto agoraqui. No Quinto Império, é Ninguém. Vemos isto, de antigo, no pensamento dos grandes místicos, que indiferem toda possibilidade de Eu. Sou apenas possibilidade, pensam eles. Na melhor das hipóteses, sou Deus, ou seja, Nada, Ninguém. Isto, ainda não sabemos bem pensar. Seria o **Império do AMÉM**: o que der e vier está bom, ou melhor, não é bom nem mau, é tudo aceitável, tudo bendito. Estamos começando a aceitar muita coisa, mas uma a uma, a cada caso a cada momento. No Quinto Império não seria assim. É o que podemos chamar de *Valetudo* em seus dois sentidos, no Português atual e no Latim – onde quer dizer **saúde**. É O Império da Saúde, porque não se tem mais como distinguir o que é ou não saúde na mente. Tudo é absolutamente aceitável, acolhível, mesmo se devendo ser controlado em função da sobrevivência necessária de certas formações. Talvez o índice de loucura no sentido nosológico diminua muito, porque nós é que fabricamos na maior parte nossos loucos com as exclusões que fazemos. Se forem aceitáveis em suas ‘loucuras’, que talvez não sejam loucuras em nova perspectiva, muitos deles serão *novos normais*.

O Quinto Império seria, portanto, aquele em que podemos conjeturar **tudo** a partir de **cada um** tendo como referência sua própria estrutura de reviramento. Eu, aí, é puramente aquele que revira, e não simplesmente aquele que articula (como é o caso do seu reconhecimento no Quarto Império). A referência de Eu é a capacidade de revirar, daqui para o oposto, rapidinho. **Eu é indiferente**. Mas estamos longe de pensarmos mesmo isto. Estamos mal e mal tentando entrar no Quarto Império, sair do empacotamento egóico desse racismo, desse sexismo, desse machismo, desse falicismo, desse estupidismo, e dessa logomania de todo mundo e cada um achar que é mesmo alguma coisa. Essa gente toda – e é maioria de quase todos – vai morrer disso mesmo daqui a

pouco. Esse tipo de mentalidade vai sobrar da referência de vida, pois cada vez mais isso vai se tornar um processo meramente articulatório. Todas as pieguices que cada um de nós tem por dentro – quem sou, como sou, como sinto, meus amados sintomas, minha família, minha pátria –, tudo isso vai logologo para o brejo, mais depressa ou mais devagar, como parece que já está indo. O que é a tal globalização? É o brejo para onde a vaca costuma ir. Só que agora é bem maior e um pouco mais fundo. Como já lhes disse, a vaca sempre vai para o brejo. Não por nenhum motivo especial, mas simplesmente porque, por fim, o brejo é o seu lugar.

Arrolei, acima, um tanto a sentimento, faltariam muitas indicações, uma série de idéias que me parecem compatíveis com cada um dos Impérios. Vejam que passamos de Afeto, para Lei, para Amor, para Consideração, e estamos no caminho do *Valetudo*. O Sentimento, no Primeiro Império; o Tabu, no Segundo; a Ideologia, no Terceiro; a Indiferença, no Quarto, que é o que está começando a acontecer – tanto faz essa ou aquela ideologia, só interessa saber se funciona segundo os interesses do momento –; e a Positividade absoluta, no Quinto Império. Se fizermos alguma idéia dos modos de organização, teremos a Horda no Primeiro Império; um exemplo do Segundo é o Judaísmo da época de Jesus; no Terceiro, é o Cristianismo; no Quarto, é o que chamo de NOVAMENTE, que está começando a vir por aí; e no Quinto, teríamos a Saúde, que nem sabemos pensar ainda. Temos também Mãe, Pai, Filho e Espírito, depois, não se sabe. Em termos de deuses, temos Gaia; Deus Pai; o Nome-do-Pai, do Dr. Lacan; a Nominção pura e simples, agoraqui; e, em última instância, o Anonimato. Para quê se precisa ter nome? Pode-se ter um apelido de acordo com o momento ou simplesmente um número, uma senha. Procurando deuses arcaicos, nomearíamos o Primeiro Império de Urano, que é praticamente materno junto com Gaia; o Segundo, de Saturno, versão romana do Cronos grego, que castra seu pai Urano; o Terceiro, de Júpiter, versão romana de Zeus, que, por sua vez, castra Saturno... Essa mania de amputar os outros, na psicanálise, vai acabar no grotesco chamado castração, de que Freud não conseguiu se libertar. O Quarto, é o Império de *Métis* (*Astúcia* em grego). E o Quinto é a capacidade que a gente

tem de se virar, de revirar, nossa competência de Revirão. É a báscula entre os opostos: uma coisa vira outra, vira seu contrário – é o Império da polaridade solta à vontade. E mais, é pactual e competente para lidar com as emergências do eventual. No Quinto Império, quem sabe, chegaremos finalmente à plena *Hybris*, ao **excessivo** absoluto: toda e qualquer potencialidade nossa estará então à nossa disposição para nossa maior eficácia em tentarmos perenemente exceder curativamente o já dado.

28/OUT

8

Agonística das formações

Na seqüência de conferências que vim fazendo como resumo de uma produção teórica, hoje, dia de encerramento, era a vez de falar da **Patologia**, ou, se quiserem o mau termo, de **Nosologia**. Mas não farei isto. Embora tenha construído alguns pequenos aparelhos de reorganização do tema, com nomenclatura um tanto diferente da habitual, dado o que acontece no mundo presente, e que certamente vai disparar daqui para a frente com mais precisão e mais veemência, já está na hora de se fazer uma reforma bem mais radical do que a que tenho feito até agora. Talvez, para abandonar o contato com certas formações viciosas, fosse preciso começar a pensar de outra maneira, com mais soltura em relação a termos que, às vezes, nos obrigam a certas fixações meio ruins, pois foram importados da história inicial da psicanálise, quando ela estava imiscuída em problemas médicos, jurídicos e outros que, efetivamente, não têm a ver diretamente com ela. Termos como *neurose*, *histeria*, *neurose obsessiva*, *perversão*, *psicose*, que estamos acostumados a usar até mesmo no nível do folclore contemporâneo, são comprometidos demais com um passado de má qualidade. Mesmo medicamente falando, tudo isso é muito mal situado, mal resolvido, mal pensado e, mesmo quando se pensava tudo isso até mesmo com a melhor inteligência, muito mal assessorado do ponto de vista do conhecimento de outras áreas que hoje começam a derrogar em muitos aspectos essas supostas descrições ditas patológicas ou, pior ainda, nosológicas. Assim, melhor ainda do que reformular conceitos ou nomes, aplicar o mesmo nome a um conceito

modificado, talvez seja melhor mandar esses nomes para o lixo ou deixar que fiquem guardados nalgum sarcófago, juntos com a múmia médico-jurídica de onde foram tirados.

A psicanálise nasceu mal, foi malparida a coitada. Contudo, apesar disto, conseguiu algumas coisas bem importantes. Sua historinha caseira do início foi tão vigorosa e caiu de tal maneira no goto do folclore mundial que, hoje, atrapalha demais a sustentação da reflexão. A ignorância crassa da época – em matérias que hoje já começam a ser fartamente disseminadas, sobretudo no campo da neurologia – fez com que Freud praticasse erros grotescos quando não colossais. Daí por diante, numa espécie de cabala psicanalítica, ficam sendo repetidos e repetidos velhos textos, sem se retirar deles apenas aquilo que, como nata, sobrasse na superfície do seu processamento através dos tempos. Repetem-se meras casuísticas que, fora de caso, só se demonstram sem pé nem cabeça. São casos fracassados e freqüentemente nada exemplares que se repetem e se repetem, permitindo que o pessoal da neurologia, por exemplo, erroneamente é claro, mas não sem alguma chance de acerto quanto a pretensa reaplicação, acuse Freud (se não de charlatão, pelo menos) de certa condescendência para com alguns tipos de charlatanismo. Hoje já sabemos que, em sua maioria e na maior parte de sua fenomenologia, casos chamados de histeria, por exemplo, na verdade não passavam de lesões cerebrais, algumas epilepsias, y *otras cositas más*. Contudo, mesmo lidando com essas formações de maneira precária, ignorante mesmo, às vezes tendenciosa, apesar disso tudo, conseguiu-se começar a entender, efetivamente, certo fenômeno sobre o qual muitos dantes já pensaram, não era novo, sempre existiu e sempre se manifestou – não era a primeira vez. Começou-se a entender esse fenômeno de maneira bem diferente e a prometer para ela um percurso. Hoje já dura cem anos. É cheio de percalços, entulhado de bobagens, de repetições tontas, de briguinhas tolas e puramente de política caseira entre grupelhos e capelas. Dentre tudo isto, talvez o que constitui um dos defeitos mais graves da história da psicanálise, desde Freud, passando por muitos e chegando a Lacan, é a tentativa desesperada de constituir para ela um campo que possa ser reconhecido como científico. Tentativa

sempre frustrar, sempre atofalhada – que a deixa afinal com certo sabor (nem mesmo de ciência humana, mas) de seita religiosa. Esta é uma crítica que se faz muito pouco e acaba-se endossando e engrossando o cordão eclesiástico e de clero das chamadas instituições psicanalíticas. No futuro, se houver tempo, hei de retomar mais seriamente esta questão a bem dizer *religiosa*. É melhor enfrentá-la e reconsiderá-la, talvez acolhê-la, do que deixá-la imiscuir-se, com postura denegatória, assim tão evidente em nossos afazeres cotidianos.

No melhor dos casos, a coisa vira apenas uma questão partidária, uma questão política de comportamento institucional. Na pior das hipóteses, muito freqüente, toma odor de beatice, de vocação cabalística, de invocação de espírito, de psicagogia disfarçada. Parece que já não andamos com as próprias pernas e ficamos a invocar os espíritos, dos antepassados, nem que seja apenasmente através dos textos, para se perguntar se o xangô de tal caso analítico estará certo ou estará errado. Mas dá ainda para se aproveitar da Psicanálise o que a mim parece ser o seu essencial e, com ele, fazer uma boa reforma para o futuro. Em seus primeiros cem anos, houve um desenvolvimento abstrativo da psicanálise, uma força de desconteudização cada vez mais diligente, começando mesmo com Freud e terminando o século com Lacan. Como já disse, considero Lacan um pensamento terminal. Ele não abre um novo ciclo – ele fecha o primeiro –, embora, tanto quanto Freud, deixe muitas indicações para um novo salto para a frente. Esse desenvolvimento, tornando os conceitos e as visões cada vez mais abstratas, não conseguiu fazer com que os referenciais deixassem de ser gravemente míticos, repressivos e normativos. Continua-se insistindo num referencial mítico, se não mitológico, em formas repressivas de determinação de comportamentos e, portanto, resultando em ser um discurso normativo – o que nada tem a ver com os desígnios da Psicanálise. Se fosse para isso, a psicanálise seria absolutamente inútil, inócua, além de desnecessária, pois já havia o governo, as ciências humanas, a polícia, as religiões, as mitologias e... as psicologias. Por detrás de todo o seu movimento abstrativo permanece, então, a dificuldade de escolher entre os achados essenciais, potentes, que têm futuro. Infelizmente, parece que a maioria investe na representação mítica,

na possibilidade do poder de repressão e, portanto, de determinação social de comportamentos.

Acontece que tudo isso está comparecendo hoje em frontal disparidade para com o próprio desenvolvimento histórico da cultura. A psicanálise foi pega em delito de atraso, não por alguns saberes que fossem melhores do que ela, mas pelo caso, pelo acontecimento da cultura no mundo. Ou ela corre atrás de alguma postura capaz de lidar com a contemporaneidade, ou, além de não passar de ser uma pequena igreja, ainda vai virar a igreja de uma religião falida – que não consegue acompanhar sua própria época e, dentro dela, nem mesmo as conseqüências de sua própria existência.

Há coisas acontecendo na cultura à revelia de qualquer determinante politicamente inserido e com poderes às vezes fora do controle de quem quer que seja – embora haja aqueles que querem novamente se apoderar das possibilidades de controle desses poderes. O avanço, ou melhor, a explosão tecnológica, a dissolução informativa – é algo francamente dissoluto hoje –, a transação telemática, as redes eletrônicas e outras mais ou menos obscuras, tudo isso teve a virtude de trazer à tona, em muitos campos, a “cara da besteira”, como diz a letra de uma canção carioca. Como estamos tratando da questão da existência e da sobrevivência da psicanálise, acho que, tomada em suas bases mais abstratas, é um pensamento ao mesmo tempo fundamental e de ponta para o próximo século, que será o século II da Era Freudiana.

Temos que nos perguntar sobre os operadores do aparelho psicanalítico, os chamados psicanalistas. Terão futuro os novos analistas, ou novos psicólogos, ou **novos terapeutas**, como poderíamos chamá-los com uma permissão que Lacan quis eliminar? Eu mesmo preferia chamá-los de **psiconomistas**, assim como já chamei, há algum tempo, a própria Psicanálise de **Psiconomia**, isto é a Economia Pulsional, pretendendo com isto ajustar melhor o seu nome com sua verdadeira tarefa. Cada vez mais a cultura, a sociedade no mundo planetizado, global, vai precisar de muitos terapeutas, de muita Psiconomia para poder sustentar seu movimento na situação caótica e na transposição para novas formulações que irão chegar em breve e certamente de chofre. Diria que

os novos terapeutas são os operadores da **NOVAMENTE**. Lacan nos havia inibido de falar em *terapia*, pois a psicanálise, para ele, não era nem uma terapia nem uma psicologia, embora Freud a tenha chamado de *Metapsicologia*. Terapia e terapeuta são termos gregos que significam algo da ordem da conversão, e isto parecia a Lacan ser da ordem do mito ou mesmo da religião, alguém ser convertido para outra seita – o que, aliás, faz bastante sentido no seio das chamadas Instituições Psicanalíticas, tal como elas existem de fato: de vez em quando alguém recebe uma luz quem sabe se divina, opera uma conversão, geralmente em dólar, e passa de uma instituição para outra. Mas insisto em chamar os analistas que virão de Novos Terapeutas porque acho que se trata mesmo de conversão, não necessariamente no sentido religioso de conversão de uma fé para outra, mas no de **operação permanente a se fazer**, uma verdadeira **conversão das formações**. Não também o Sintoma como conversão, como era o caso antigo da suposição da Histeria enquanto Neurose de Conversão, mas sim **a conversão dos sintomas**. Poder converter mais facilmente os sintomas é poder referi-los à hiperdeterminação. Conversão mesmo, como se diz a respeito de moedas. Troca-se uma moeda sintomática por outra, o que já é da ordem de alguma hiperdeterminação. Quando troco de formação, já fiz alguma transa. É uma conversão de moedas a qualquer momento, com qualquer valor e restando qualquer troco que tenha que restar, mas assumindo que estamos fazendo a conversão dos valores em jogo, o ato simbólico por excelência, como repetiu Lacan de Mallarmé: “a moeda que corre de mão em mão”.

É a operação de se exercitar, perenemente, converter mais facilmente os sintomas, torná-los moedas correntes, subdivisíveis, adicionáveis, cambiáveis, negociáveis, enfim. Sintomas não são conversíveis de uma vez por todas. Há que viver para sempre em processo de trocas, de conversões, pois ninguém é de ferro, ninguém vive em estado assintomático angelical. O campo de operações dessas conversões é simplesmente o campo que vai se tornar o mais abrangente, o mais forte, o de maior necessidade de trabalho, o que vai precisar de mais operadores daqui para a frente na história dessa nossa pobrezinha de humanidade, que é simplesmente o campo inarredável do **mal-estar no Haver**. Isto

cada vez fica mais evidente. Houve um tempo em que a psicanálise se achava muito sabidinha porque começou a nos mostrar, mesmo a nos denunciar *Das Unbehagen in der Kultur*, o Mal-estar na Cultura, do velho Freud. Hoje, por mera vivência das formações deparáveis no meio da rua, todos já sabemos que há um mal-estar no Haver, que todos pulam feito pipoca para sair desta, que isto se generaliza, toma o planeta com a consciência do mal-estar entre formações, entre posições culturais, estéticas, políticas, étnicas e tudo vira motivo para qualquer guerra em qualquer esquina. São posições mesmo diante do próprio clima, que também está doido, vem enlouquecendo junto com as loucuras da humanidade. É o mal-estar generalizado, do qual as pessoas estão cada vez mais se dando conta – e será preciso um árduo trabalho, e uma grande quantidade de operadores, para uns ajudarem os outros na sobrevivência dentro dessa enorme joça cada vez mais ingovernável.

É o mal-estar no Haver tanto no caso do **espontâneo**, quanto no do **industrial**. Há tempo, traduzi assim as idéias de Natura e de Cultura. Para nós desta espécie, isto é, da espécie das Idioformações, Natureza não é mais do que um artifício espontâneo, e Cultura, um artifício industrial, produzido por nós. Com nossa entrada numa nova era, ou meramente numa nova época, está evidentemente se instalando isto que aponto e que encontro também indicado, por exemplo, no que diz um antropólogo contemporâneo, Paul Rabinow, no livro *Antropologia da Razão* (Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999). Segundo ele, página 144, estamos entrando numa época em que *“a natureza será modelada na cultura compreendida como prática; ela será conhecida e refeita através da técnica, a natureza finalmente se tornará artificial, exatamente como a cultura se tornou natural”*. Isto é grave, porque é exclusivo. Primeiro, a Cultura, resolveu-se naturalizá-la, torná-la natural – e esta foi uma das grandes desgraças de nossa atuação. Quando se fez o esforço, que durou até recentemente, de tornar a cultura natural, estava-se elaborando um processo de loucura, se não de psicose (aliás um termo velho da nosologia), ou seja, estava-se reificando, primarizando a cultura como se ela fosse posta por nós como da mesma ordem dos ovos da galinha, por exemplo. Mas agora que, ao invés de naturalizar a

Cultura, estamos artificializando ampla e definitivamente a Natureza – ou seja, estamos percebendo que nossa ação protética faz parte da própria estrutura do conhecimento, que já é em si mesmo a atividade de produzir próteses para tentar abordar de qualquer maneira as formações supostamente naturais –, temos então a artificialização radical. Assim, isto deslança a emergência das possibilidades para a frente sem a imposição, nem que seja por questão de velocidade, de processos de reificação. Isso é até saudável..., mas é preciso ter cabeça feita para acompanhar. E não adianta querer frear o processo, pois, para tanto, seria preciso primeiro fazer parar toda a economia e, junto com ela, todo movimento de produção. Ao invés de fazermos volitivamente revoluções, foram as re-evoluções que se fizeram à nossa revelia – e nós hoje que corramos atrás. Temos então que instituir academias de ginástica-psíquica – e é este o caso da NOVAMENTE – para todos vivermos em perene malhação e conseguirmos força cerebral suficiente para podermos conviver com o futuro que rapidamente já está a nos chegar.

Há portanto uma luta permanente a se sustentar em prol da Cura, para se conseguir conviver com o que vem por aí. Cura é faina de ANA-LISE, na possibilidade de se conseguir abrir as formações, romper as cascas dos cocos formativos para poder entender do que são e como são constituídos – a cada vez, a cada caso, a cada manifestação sintomática, de modo a se poder jogar sem estar trancafiado na casca grossa de uma formação sintomática. É a análise das formações, o tempo todo, e também o embate das formações com as formações. Assim – com todas as letras – teoria e prática da Psicanálise são a permanente e infinita consideração e reconsideração do **Poder** das formações. Sejam quais elas forem, há que defrontar as formações e viver na reconsideração do poder de cada uma delas a cada momento, do modo como estão constituídas. Já estamos entrando definitivamente numa época em que não se trata mais de *lutas de classes*. Não adianta mais apontar detentores do poder para, com isso, estabelecer a luta política interna a determinado grupo social, pois sabemos que os supostos detentores de certos poderes, ou de todos os poderes disponíveis, são tão apoderados quanto aqueles que os massacram. Às vezes, se sentindo muito

mal, porque o sintoma é deles também. Em seu livro *A Dominação Masculina* (Rio de Janeiro: Bertrand, 1999), o sociólogo Pierre Bourdieu, com muita perspicácia, mostra como o lado masculino da cultura se apoderou das forças, constituiu poderes que massacram o feminino, etc. Não há mais condição, em termos de futuro, para se repetir assim: o poder cai na cabeça de qualquer um e de todos. Resta saber que poder, quando e como. Começamos a nos dar conta de que o suposto dono do poder é ele mesmo massacrado pelo poder que se supõe estar arbitrariamente em suas mãos. É também um trabalho danado para ele ter que se comportar segundo o *design* sintomático que lhe coube.

Há grandes formações constitutivas que se apoderam das pessoas e as aprisionam ‘em seus respectivos’ lugares – é o caso de dizer. Mesmo quando esses lugares são bem remunerados, há uma sobretaxa que pode ser destrutiva. Assim, do ponto de vista metodológico, há que pensar fora da suposição de que os poderes são apoderados por alguém. Frequentemente é o contrário, são as pessoas que são apoderadas pelos poderes. Os poderes existem como formações que se deram e se impuseram, assim aprisionam e é preciso dissolvê-las analiticamente a cada momento na política genérica do mundo. A política NOVAMENTE não pode, portanto, acreditar simplesmente em “luta de classes”, pois cada vez é mais claro que muita coisa escapa da suposição de que classes em conflito conduzam à resolução de algum problema. As tais classes não são apenasmente classificantes, são principalmente classificadas. O que há indiscutivelmente é luta permanente entre formações, o que tem que ser tratado como perene operação anti-recalque, no sentido de se aviar o reconhecimento das formações embutidas nessas formações. É esta abstração o caminho futuro. Luta política deste tipo é prática da cura, exercício de análise, NOVAMENTE. Luta anti-recalque nas formações e das formações: isto é, entre formações e no interior de cada uma delas. A prática analítica olha com indiferença as formações, concebe que **poderes** são meramente **formações**, que ser uma formação já é ser sintomático e que cada uma delas tem o poder de sua própria constituição. E não adianta fingir que se está lutando com alguma outra formação, que se suponha ser consideração secundária, terciária, *n*-ária de uma formação anterior.

Há que entrar em cada uma e, o tempo todo, dissolver seus processos de formação de formações. E é claro que elas vão se coalescer de novo, e que nós teremos que as dissolver outra vez... Aí está a ginástica psíquica. Esta idéia começou pelo corpo, mas vai ter que terminar é na mente.

É a luta política permanente contra o Recalque, o qual é da ordem da pressão de formações coligadas contra determinadas outras formações, criando assim formações policiais, dentro e fora de nossa mente, que sustentam o trabalho do recalque e resultam facilmente em racismos, lutas de grupos, ação assassina contra minorias, etc., etc. A luta contra o recalque pode se apoiar perfeitamente na possibilidade de **juízos**, no sentido freudiano de Juízo Foraclusivo (*Urteilsverwerfung*). Há Juízo Foraclusivo (escolha sem imposição de recalque) quando deixamos de praticar tal ou qual ação, não porque sejamos neuróticos, incapazes portanto de praticá-la, mas porque agoraqui, baseados em alguma convencionalidade interessada, de momento, *ad-hoc*, podemos suspender determinada formação e escolher provisoriamente aquela que nos pareça mais adequada: **experimentalismo político**, poderia ser o nome desta prática. Não que estejamos (neuroticamente) impossibilitados de agir conforme a formação que foi posta fora, mas sim porque, como na mais simples operação matemática, agoraqui não nos parece ser a hora nem o lugar de aplicação daquela variável que optamos por suspender. É claro que estamos muito longe de agir assim diuturnamente, o que não significa que seja impossível chegarmos a fazê-lo. É o que temos a construir, a começar vigorosamente junto com o também começo do próximo milênio que já está aí à porta de nossa habitual incompetência. Empenho permanente contra o Recalque e a favor do Juízo Foraclusivo, continuando a operar com nossas questões mais corriqueiras de milênios, séculos, décadas, em nossa conturbada e feiosa convivência política.

Por exemplo, a evidência da inarredável imposição do capitalismo ao mundo. Vemos hoje claramente como aqueles que não queriam ser capitalistas, e mesmo colocavam um nome contra o capitalismo em sua ação de *socialistas* – como se o capitalismo não o fosse... –, andam meio em pânico e à procura de saber finalmente para que servem as esquerdas.

Nosso presidente da República, do Brasil, o Professor Fernando Henrique Cardoso, outro dia, numa mesa redonda, em Florença, discutia com

luminares do poder sobre que rumos dar à política mundial. Sobretudo, o que fazer com qualquer possibilidade de idéia de algum *socialismo*. Disse ele, quanto à idéia de **terceira via**, do risonho Tony Blair – que é a tentativa de um socialismo que pareça com o capitalismo, mas que tenha a cara da esquerda –, que já estamos nela há muito tempo, e mesmo que, praticamente, essa tal via é uma invenção sua... Quanto a mim, o que quero dizer é que alguma Terceira Via que valha a pena, que eventualmente funcionasse, não é de fundamento economicista, ou economista, no sentido corriqueiro. É, sim, como outra, a economia enquanto possibilidade de afirmação de um efetivo Terceiro Lugar. Ou seja, Terceira Via é a da perene Análise e Juízo Foraclusivo das Formações (quaisquer formações), e não a de determinar qual tipo de formação econômica governará doravante o mundo. A Terceira Via que prestar, esta vai nascer sozinha, por si mesma, no meio desta baita confusão, talvez mesmo já esteja nascendo, apesar dos governantes deste mundo. É a da economia no sentido da Economia Pulsional Freudiana, da **análise das formações** e da **anamnese do Revirão**. É efetivamente um **terceiro lugar** para o mundo, uma real possibilidade de transformação.

Não precisamos mais de revoluções. Falando em nível escatológico, no sentido em que a Psicanálise lida em ligação direta com as formações – sempre tão grotescas – do corpo e da mente, podemos dizer que o capitalismo sofre de constipação, de retenção intestinal. E dizendo ainda de maneira vulgar, chula mesmo, nós outros, os terapeutas, talqualmente quando tratamos de crianças que se recusam a fazer, temos que fazer o capitalismo fazer. Depois, se possível, fazê-lo mostrar as próprias tripas. Aí sim, talvez ele se torne tão dissoluto, ao mesmo tempo que dissolvente, coisa que ainda não se permite que ele seja, plena e corretamente, que ele sozinho produza a transformação: desde que analisado e curado de sua defecção. O ruim do capitalismo, como já apontou Deleuze, não é ser capitalismo, e sim não soltar todas as suas amarras e funcionar plenamente como tal. Isto pode parecer tolice, mas não é, pois no que se mantém em sua retenção (anal, como diria Freud), não permite o franco desenvolvimento capitalista das formações que estão em jogo no interior de sua macro-formação. São moralismos e preconceitos que sufocam os movimentos

da livre transação nas conversões das ‘moedas’, sejam elas quais forem, no processo de cura de suas relações.

Estamos então, como disse, de entrada no Quarto Império que lhes mostrei. Mas, na verdade, não somos só nós que estamos de entrada nele, é ele que está mais de entrada em nós: estamos sendo pegos de surpresa por efeitos inesperados de nossos comportamentos culturais. Temos que nos virar e revirar para acompanhar o que nos chega. Nossa área de trabalho, a prática analítica, bem assumida, é portanto de grande futuro. Há muito trabalho a fazer. Bem entendidas as coisas, não parece haver possibilidade de desemprego para a Psicanálise. Cada vez precisaremos de mais operadores para a infinita terapia dos tempos vindouros. As novas gerações não têm motivos para ficarem perplexas e descorçoadas, como parecem estar agora. Ao contrário, provavelmente há uma imensa tarefa de cura e de recuperação pela frente – talvez como nunca tenha havido até hoje. A esta tarefa podemos chamar de **Política**. Estamos meio aturdidos por ainda pensarmos nos moldes dos velhos tempos em que se fazia parte – ou não, era-se contra – de um certo Partido que prometia revolução pela luta de classes e pela ditadura do proletariado. Ninguém mais tem esses encantamentos. Sabe-se que tudo isso ruiu e que, nas condições atuais, não dá para reconceber esse tipo de processo. Assim, alguns pensam que não há nada a fazer. Ao contrário, há uma trabalhadeira enorme. Mas não é a de constituir grandes Partidos dominantes. Mas sim a faina de, no cotidiano de cada um – no processo completo das pessoas acuadas pelas formações espontâneas e industriais, acuadas enfim por sua própria vida, e necessitando absoluta disponibilidade para o que der e vier –, produzir-se a perene desconfiguração das formações neuróticas, dos processos recalcantes, para cada existência poder vir a ser, também ela, moeda corrente em todos os níveis, sentidos e direções. Como as pessoas não estão preparadas para este novo Novo Mundo que está caindo sobre nossas cabeças, prepará-las é uma tarefa de cura que, em última instância, é uma tarefa política.

Diante do quadro que lhes apresento, todas as reivindicações sintomáticas da cultura são igualmente válidas, dado que podem ser referidas à

hiperdeterminação. A idéia das chamadas “minorias” está à beira da morte. Minorias ou majorias não se definem mais quantitativamente. Minoria não é um conceito quantitativo – é um conceito exclusivo. A virulência das suas próprias formações, associada à ruína das fundamentações, está obrigando que elas sejam tomadas como de valor equivalente a quaisquer outras no confronto entre as formações. A virulência corre sozinha pelos meios eletrônicos e pelas redes em geral.

Os mais jovens não precisam se apavorar, só precisam é trocar de cabeça o mais depressa possível. Estão com a impressão de que seu mundo caiu. Mas não caiu, apenas está com novíssimas configurações. Aqueles antigos ideais já não servem mais, temos que partir para novas imaginações. A visualização da questão de hoje tem que ser completamente outra. Basta começarmos a nos engajar nos problemas que nos estão efetivamente acuando e veremos que são a questão política do momento e que essa postura nova a ser tomada é a formação da cura para o futuro. As novas gerações de terapeutas (talvez num certo futuro todos de algum modo tenham que se tornar terapeutas) já foram convocadas para o trabalho contemporâneo e urgente da plena **disponibilização**. Assim é o novo século, o Segundo Século da Era Freudiana, de que lhes falei.

• Pergunta – *O sentido em que você está usando o termo conversão é o de promover a suspensão dos conteúdos e conduzi-los a uma maior abstração, à sua promoção a uma outra lógica, a outro sentido?*

Usei a metáfora da moeda, mas, como estamos falando de conversão de sintoma para sintoma, poderíamos usar a metáfora da língua. Trata-se de uma espécie de poliglossia, de tradução simultânea permanente. É algo parecido com estar falando uma língua com alguém que fala outra língua e conversarmos muito bem, cada um entendendo o outro. Entende-se o que o outro diz, mas não se fala obrigatoriamente sua língua. Parece um teatro maluco, mas que pode figurar a abertura para o fato de *converter-se* rapidamente uma situação em outra. *Converter* e *conversar* são verbos que podem significar quase a mesma coisa: são dois sintomas diversos transando um com o outro. É o entendimento

de que cada um funciona segundo seu próprio sintoma. Cada um goza com a língua que tem. Trata-se é de viabilizar os processos de conversão. Resta sempre algum malentendido, mas isto é infinito. Joga-se para a frente, põe-se na conta dos futuros. E sem suposição de nenhuma meta-tradução, o que absolutamente não existe: desde sempre e para sempre. As supostas meta-traduições só são invocadas no regime do poder constituído, quando requisitada por alguma instância que, por ter o poder de oprimir, se acha em condições de arrogar para si o direito à tradução universal. É isto que dá a falsa impressão de haver meta-linguagem, de haver meta-tradução. Tal como acontece hoje com o inglês.

• P – *O ponto de Revirão não seria o de tradução absoluta? E o que muda nos atendimentos clínicos nesse futuro iminente?*

O **Revirão** é o ponto de plena **disponibilização** para o que der e vier. Ele não traduz nada, pois não tem sentido algum. E também não se oferece de graça, nem há nenhum “imperativo categórico” que o disponha facilmente para nós: temos que lutar por ele. Aí está **a política do futuro**. E se há esta postura de disponibilização na técnica, nosso trabalho terapêutico muda de postura radicalmente. Por exemplo, não se acredita mais na tal “interpretação”. Se lançarmos mão de qualquer intervenção supostamente interpretativa, mantendo apenas o sentido de que se trata de um expediente momentâneo, para se continuar a conversa, aí não se faz mal a ninguém, nem à nossa inteligência. Mas, de modo geral, cada uma das formações teóricas a respeito de um trabalho clínico, seja a política geral da clínica do mundo, ou de um tratamento isolado, os conjuntos, as formações de teoremas, que se pretendem aplicáveis têm essa vontade de interpretação. A psicanálise nasceu assim. Este mês, dia 4 de novembro, completaram-se **cem anos da Traumdeutung, A Interpretação dos Sonhos, de Freud**, que foi algo explosivo, mas somente décadas depois, pois ninguém lhe deu a menor importância quando de sua publicação. Contudo, penetrou no mundo aos poucos, colou, e até já virou folclore. Todos começaram a acreditar que sonhamos para dormir, para realizar um desejo, minimamente de dormir, e que isso é farta, fina e precisamente interpretável. Na verdade, é

quase tudo bobagem. Os acontecimentos deste final de século não nos deixam mais pensar assim. **A Traumdeutung é um sonho de Freud.** No entanto, verificar que sonhar é produzir algo, é importante. Sonhar é da ordem de alguma fabricação. Do quê? De saída não sabemos, a cada caso, vamos ver. Sonhar é uma produção como outra qualquer, é sonhação. Sonha-se para dormir ou se dorme para sonhar? Acho que na maior parte, dormimos para sonhar. Mas se alguém conta um sonho e o “analista” remete às estorinhas caseiras do Édipo de Papai-Freud, ou de um falecido Nome-do-Pai – que o próprio Lacan abstraiu e aos poucos largou mão dessa coisa infantil do início de sua obra –, começa-se, como se diz em bom português, a cagar regra na cabeça dos outros. E tudo acaba no esgoto da banca de jornal, que é o destino correto dessas coisas. Aliás, diante dos livros de “chave dos sonhos”, que se publicam popularmente por aí, é costume dizer que o autor está delirando, que é um pobre diabo ignorante usando da credence popular para escrever. E na *Traumdeutung*, o que está escrito é melhor, pior ou igual?

Não se pode mais acreditar na hermenêutica freudiana. Freud, porque tinha, como todo mundo, seus próprios sintomas de pertinência étnica, cultural, religiosa, etc., sentia e pensava certas coisas em relação aos sonhos, seus e de outrem. E por que teríamos que sentir e pensar o mesmo? Esta diferença não tira nada do gênio e da força dele: qualquer um, para pensar uma pequena coisa de grande importância, pensa junto com ela zil ninharias. O difícil é conseguir discernir: jogar fora as ninharias e guardar o importante. Podemos até cometer grandes erros: guardar ninharias e jogar fora o importante: isto acontece, na produção de pensamento, muito mais frequentemente do que se pensa.

Vejam então que nossa postura clínica também muda radicalmente. Uma coisa é supor saber o que alguém significa. Outra, entender que produz significações, está inserido num campo vastíssimo de pequenas e grandes formações que têm ou não interseções, e poder movimentar as peças do xadrez das formações para que certas formações venham à tona, sejam eventualmente reconhecidas e possam até mesmo abrir seus acessos. É só isto que há para fazer. E, quanto a nós, é preciso todo um trabalho de limpeza, de faxina da mente,

para não estarmos a toda hora projetando delírios nossos sobre a ignorância dos outros. É preciso um longo e intenso trabalho de análise para nos tornarmos mais **indiferentes, neutros**, diante das situações que a clínica nos apresente. É preciso um trabalho mental enorme e permanente para estarmos efetivamente disponíveis, de modo a podermos operar no sentido de disponibilizar o próximo.

• P – *Você pode falar um pouco mais sobre a hiperdeterminação?*

Para além de todas as sobredeterminações sintomáticas que um Freud pôde entender com clareza e que vigem do mesmo modo até hoje no pensamento psicanalítico, a Hiperdeterminação é a possibilidade que temos nós, dada nossa estrutura mental em Revirão, de escapar da oposição “interna” – o que é maneira de dizer, pois não há nenhum externo – a todas as formações, sempre de polaridade binária, partir para o Terceiro lugar, onde se indiferenciar essa oposição e lidar direto com a relação de impossibilidade entre Haver sobredeterminação (de qualquer tipo) e simplesmente não-Haver coisa alguma (o que, na verdade, não há). Este lugar neutraliza absolutamente qualquer posição nossa e nos deixa disponíveis para colher qualquer coisa que compareça, mesmo que dela nunca tenhamos dantes tido qualquer condição de percepção. É este lugar que suponho ter encontrado freqüentemente – e que tantos outros parece que também encontraram e deram testemunho de sua existência – pelo menos em nossa mente. Nesta posição, à beira de um “Cais Absoluto” podemos indiferenciar qualquer oposição – e sermos capazes de acolher o que der e vier à nossa disposição.

• P – *É isto que alguns, como Brecht, por exemplo, chamam de distanciamento crítico?*

Efeito de Distanciamento como dizia Brecht. Ou suspensão do Juízo, como diziam outros, como Bertrand Russell, por exemplo. Mas não é o mesmo que estou dizendo. Para eles, trata-se de procurar equi-librar as oposições dentro do campo. Eles não têm a disponibilidade que a psicanálise tem em sua prática. Aliás, muitas outras práticas – poéticas, místicas e mesmo intelectuais, como o pensamento Zen – embora não tenham entendido assim como a Psicanálise

pode designar NOVAMENTE, não deixam de algum modo de apontar vagamente para esse lugar em que não apenas suspendemos equilibrando os valores de duas coisas em oposição, mas dispensamos a oposição corriqueira e focalizamos a Grande Oposição: entre Haver (qualquer coisa) e simplesmente não-Haver. É nosso lugar radical, onde não tomamos simplesmente “distância” em relação a nada, onde não procuramos apenas “suspensão”. Vamos a zero e ficamos **disponíveis: para o pleno exercício do Revirão.**

Muito agradecido pela atenção de vocês, espero reencontrá-los em algum momento, em algum lugar. Amém.

25/NOV

SOBRE O AUTOR

MD Magno (Prof. Dr. Magno Machado Dias):

Nascido em Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, Brasil, em 1938.

PSICANALISTA.

Bacharel e Licenciado em Arte. Bacharel e Licenciado em Psicologia. Psicólogo Clínico.

Mestre em Comunicação; Doutor em Letras; Pós-Doutor em Comunicação – pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ, Brasil).

Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Santa Maria (RS, Brasil).

Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ex-Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII (Vincennes).

Fundador e Presidente do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (instituição psicanalítica). Fundador e Reitor da UniverCidadeDeDeus (instituição cultural sob a égide da psicanálise). Criador e Orientador de NOVAMENTE, Centro de Estudos e Pesquisas, Clínica e Editora para o desenvolvimento e a divulgação da Nova Psicanálise.

Tem praticado, como atividade bissexta, tanto a Pintura (exposições esporádicas) quanto a Música (composições) e a Literatura (livros publicados).

SEMINÁRIO DE MD MAGNO

MD Magno desenvolveu ininterruptamente seu Seminário de psicanálise desde 1976, ano seguinte à fundação oficial do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, até 1998. Suas atividades teórico-clínicas continuam nas Oficinas Clínicas e no Falatório do NOVAMENTE.

- 1976: *Senso Contra Censo: da Obra de Arte*

Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 216 p. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje) e reapresentado na Universidade de Paris VIII em 1977.

- 1976/77: *Marchando ao Céu*

Seminário sobre Marcel Duchamp. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje). Inédito.

- 1977/78: *Rosa Rosae*: Leitura das *Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa

Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1985. 220 p., 3a. ed. Seminário apresentado na Universidade de Paris VIII, onde o autor foi Professor Assistente do Depto. de Psicanálise (quando dirigido por Jacques Lacan).

- 1978: *Ad Sorores Quatuor*

Sobre os Quatro Discursos. Primeira sessão publicada em separata pelo CFRJ, 1980 (restante inédito).

- 1979: *O Pato Lógico*

Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 252 p., 2a.ed.

- 1980: *Acesso à Lida de Fi-Menina*

Quatro sessões, sobre a questão do *Alcoolismo*, reunidas em *O Porre e o Porre do Quincas Berro Dágua*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1985. 92 p.

- 1981: *Psicanálise & Polética*

Quatro sessões, sobre *Las Meninas* de Velázquez, reunidas em *Corte Real*, 1982, esgotado. Texto integral publicado pela Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 498 p.

- 1982: *A Música*

Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 329 p., 2a. ed.

- 1983: *Ordem e Progresso / Por Dom e Regresso*

Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1987. 264 p., 2a. ed.

- 1984: *Escólios*

Parcialmente publicado em *Revirão*: Revista da Prática Freudiana, n° 1. Rio de Janeiro: Aoutra editora, jul. 1985.

- 1985: *Grande Ser Tão Veredas*

Parcialmente publicado em *Revirão*: Revista da Prática Freudiana, n° 2 e 3. Rio de Janeiro: Aoutra editora, out. e dez. 1985.

- 1986: *Ha-Ley: Cometa Poema // Pleroma: Tratado dos Anjos*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1988. 249 p.

- 1987: “*Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*”, *Ainda // Juízo Final*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1988. 249 p.

• 1988: *De Mysterio Magno: A Nova Psicanálise*

Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1990. 208 p.

• 1989: *Est'Ética da Psicanálise* (Introdução)

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. 238 p.

• 1990: *Arte&Fato: A Nova Psicanálise, da Arte Total à Clínica Geral*

Proferido na Faculdade de Educação da UERJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2001. 520 p., 2 vols.

• 1991: *Est'Ética da Psicanálise* (Parte 2)

Proferido na Faculdade de Educação da UERJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2002. 392 p., 2 vols.

• 1992: *Pedagogia Freudiana*

Proferido no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993. 172 p.

• 1993: *A Natureza do Vínculo*

Proferido no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. 274 p.

• 1994: *Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise*

Proferido na UniverCidadeDeDeus (1º semestre) e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (2º semestre). Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2000. 286 p.

• 1995: *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*

Proferido no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2000. 232 p.

- 1996: “*Psychopathia Sexualis*”

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Santa Maria: Editora UFSM, 2000. 453 p.

- 1997: *Comunicação e Cultura na Era Global*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ [a sair].

- 1998: *Introdução à Transformática: Por uma Teoria Psicanalítica da Comunicação*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ [a sair].

- 1999: *A Psicanálise, NOVAMENTE: Um Pensamento para o Século II da Era Freudiana: Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise.*

Proferido na FINEP – Financiadora de Estudos e Pesquisas do Brasil. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 192p.

- 2000: “*Arte da Fuga*”

Proferido no Auditório do Barra Shopping (RJ) (1º semestre) e na UniverCidadeDeDeus (2º semestre). Publicado em: Revirão 2000/2001: “Arte da fuga”; Clínica da Razão Prática. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656p.

- 2001: *Clínica da Razão Prática: Psicanálise, Política, Ética, Direito.*

Proferido na UniverCidadeDeDeus. Publicado em: Revirão 2000/2001: “Arte da fuga”; Clínica da Razão Prática. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656p.

- 2002: *Psicanálise: Arreligião*

Proferido na UniverCidadeDeDeus (1º semestre) e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (2º semestre) [a sair].

- 2003: *Ars Gaudendi: A Arte do Gozo* [a sair].
- 2004: *Economia Fundamental: MetaMorfozes da Pulsão* [em andamento].

Impressão e Acabamento

Gráfica

Formato

16 x 23 cm

Mancha

12 x 19 cm

Tipologia

Times New Roman e Amerigo BT

Corpo

11,0 | 16,5

Número de Páginas

183

Tiragem

500 exemplares

Papel

Capa – Supremo 250 g

Miolo – Pólen Soft 80 g